COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

BERNARDIM RIBEIRO

OBRAS COMPLETAS

PREFÁCIOS E NOTAS DE
AQUILINO RIBEIRO
E M. MARQUES BRAGA

VOLUME I
MENINA E MOÇA

LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORA LISBOA

OBRAS COMPLETAS
DE
BERNARDIM RIBEIRO

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Autores portugueses Autores estrangeiros

À venda:

SÁ DE MIRANDA — Obras completas, *2 volumes*
F. MANUEL DE MELO — Cartas Familiares, *selecção*
JOÃO DE BARROS — Panegíricos
TOMÁS A. GONZAGA — Marília de Dirceu e mais poesias
DESCARTES — Discurso do método, Tratado das paixões da alma
DIOGO DO COUTO — O soldado prático
FREI LUÍS DE SOUSA — Ánais de D. João III, *2 volumes*
HOMERO — Odisseia, *2 volumes*
FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS — Cartas Espirituais, *selecção*
M.me DE SÉVIGNÉ — Cartas Escolhidas
ANTÓNIO FERREIRA — Poemas Lusitanos, *2 volumes*
HEITOR PINTO — Imagem da Vida Cristã, *4 volumes*
FRANCISCO RODRIGUES LÔBO — Poesias, *selecção*
MARQUESA DE ALORNA — Poesias, *selecção*
MARQUESA DE ALORNA — Inéditos, *selecção*
FILINTO ELÍSIO — Poesias, *selecção*
LA BRUYÈRE — Os Caracteres
AFONSO DE ALBUQUERQUE — Cartas, *Selecção*
FRANCISCO XAVIER DE OLIVEIRA — Cartas, *selecção*
GIL VICENTE — Obras Completas, *6 volumes*
BOCAGE — Poesias, *selecção*
AMADOR ARRAIS — Diálogos
HOMERO — Ilíada, *3 volumes*
JOSÉ DA CUNHA BROCHADO — Cartas, *selecção*
DIOGO DE PAIVA DE ANDRADA — Casamento Perfeito
FRANCISCO RODRIGUES LÔBO — Côrte na Aldeia
JOÃO DE BARROS — Décadas, *selecção, 4 volumes*
DIOGO BERNARDES — Obras Completas, *3 volumes*
CANCIONEIRO DA AJUDA — *volume I*
CAMÕES — Obras Completas, *5 volumes*
FREI LUÍS DE SOUSA — Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, *3 volumes*
DIOGO DO COUTO — Décadas, *2 volumes*
HOMERO — Poemetos e Fragmentos
FONTES MEDIEVAIS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL — *volume I*
LUÍS A. VERNEY — Verdadeiro Método de Estudar — *volume I*
BERNARDIM RIBEIRO — Obras Completas — *Volume I*

A seguir:

LUÍS A. VERNEY — Verdadeiro Método de Estudar — *Volumes II a V*
BERNARDIM RIBEIRO — Obras Completas — *Volume II*

Cada volume 25$00 — Tiragem especial de 100 ou 200 exemplares, numerados e rubricados, 90$00

B
24.842

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

•

Bernardim Ribeiro

OBRAS COMPLETAS

---

prefácios e notas de

Aquilino Ribeiro

e **M. Marques Braga**

•

- 3 DEZ. 1949

BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA

VOLUME I

MENINA E MOÇA

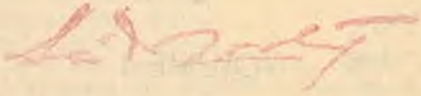
DEP. LEGAL

LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA

Rua Garrett, 100-102 LISBOA

Desta obra tiraram-se 200 exemplares em papel Leorne, da Companhia do Papel do Prado, numerados e rubricados.

Todos os exemplares são autenticados com a rubrica dos editores



PROPRIEDADE DA
LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA

1949
Composto e impresso na
Oficina Gráfica, Limitada
Rua Oliveira do Carmo, 8
LISBOA

PREFÁCIO

Depois dos estudos exaustivos de Teófilo Braga, Carolina Michaëlis, Delfim Guimarães, Marques Braga, António Salgado Júnior e Fraülein Grokenberger acerca da obra e personalidade de Bernardim Ribeiro, tudo o que se diga e não venha escudado de documentos novos terá que ser inevitàvelmente acessório e circunstancial. Aqui e além poderá dissentir-se do pormenor conducente a conceitos menos proporcionados e juízos tantas vezes temerários, que será necessário ajustar, mas na generalidade os trabalhos em questão, considerados no seu enxamblamento sinóptico, constituem uma obra de exegese literária, admirável sem dúvida e única na nossa língua. Para nós só têm um defeito, o de representarem um esforço que supera de muito o valor da obra estudada. A meu ver poderia aplicar-se-lhes o rifão: vale mais o molho do que o polho. *Dentre eles, é de consciência que se dis-*

tinga o duplo estudo de Teófilo, o grande desbravador do assunto com a sua imaginação culta, ousada e criadora, se bem que muitas vezes susceptível de revisão, o estudo de Carolina Michaëlis, dum saber vasto e probo, com o sentido raro, penetrantíssimo da ilação, servido por um génio meticuloso e porfiado, finalmente o estudo de Salgado Júnior, com a sua análise ampla, multiangular, em que se discerne um espéculo, tão diligente como perspicaz, a esquadrinhar o recôndito das coisas indefinidas e subtis.

Tudo o que a razão, pelos processos do método inductivo, pode edificar acerca da Menina e Moça *encontra-se circunscrito nas citadas páginas. A dificuldade está em se abrir caminho através delas, intricada floresta de factos pressupostos e de argumentos, muitos deles da mais sagaz inventiva. Mas uma vez feita a clareira necessária e referenciada a posição, sucede-nos perguntar, como aqueles portugueses que suportaram mil trabalhos até chegar ao Preste João, um negralhaz boçal, insignificante em tudo, outro que não aquele que, graças à distância ou à transposição, pintavam as maravilhosas tintas do ludíbrio: Valeu a pena?*

A nosso ver, a Menina e Moça *é uma espe-*

culação de paranóico, lançada corrente calamo, se não de jacto, ao papel. Testemunham-no o seu estilo primário, as incoerências e tom de solilóquio lunático, arroubos líricos pueris, e as infinitas variações centrifugadas, abstraindo ainda das emendas, rasuras, remissões que o texto devia sofrer dos diferentes copistas, que, por bem, nunca deixavam de trazer de sua casa. A edição de Évora, com efeito, fala dos «traduzidores» que teriam metido colherada na obra, e da necessidade por consequência «de pô-la a limpo», e os Usques na edição princeps o dizem: com suma diligência emendada. Carolina Michaëlis interpreta semelhante reparo no sentido da corrigenda tipográfica com o propósito de garantirem uma fiel e exacta reprodução, quando para nós se trata da corrigenda do texto, em face de traslado que a eles, competentíssimos homens de letras, não satisfizera. E tanto assim que a Consolação às tribos de Israel, composta pelo irmão Samuel e impressa um ano antes na mesma oficina, não vem acompanhada da admonenda. Não deve ela, pois, tomar-se como uma expressão do protocolo editorial, em regra adstricto ao colophon. Igualmente discordamos de que Bernardim obedecesse na elaboração da obra a qualquer

plano preestabelecido, ou o movessem intuitos de publicidade. A Menina e Moça *pelo seu valor, repetimos, é produto de mão automática, conduzida pelo subconsciente à maneira de tantas obras célebres e caóticas, como por exemplo o* Apocalipse *de S. João. Por outro lado, àquela altura da inteligência lusitana, o exercício das letras estava muito longe de representar um mester. Apenas para os escrivães da puridade elas constituiam matéria de salariato. Versejava-se como se dançava ou tangia cítara. A prosa, de resto, não gozava de grande dignificação. Em despeito das novelas de cavalaria e do timbre que lhe imprimira Sannazaro com a novela pastoril, prosa entremeada de écloga, a matéria plástica nobre em literatura continuava a ser o verso. A poesia, se, dom celestial, para uns não era mais que o violão de Ingres, para outros servia de viático no acesso a tais e tais cargos ou comendas. Foi mercê de semelhante altarum que Andrade Caminha, Diogo Bernardes e tantos outros do seu ciclo, marcados com a etiqueta de palacianos, se guindaram às chorudas conesias que usufruiam na Corte ou as guardaram, o que exigia ainda certa arte, ou quando menos boa quota de mérito pessoal.*

E estamos a ver Bernardim Ribeiro na sua

cela do Hospital de Todos os Santos, curvado sobre a banqueta, de pena de pato em punho. Seria um homem de meia idade, ar enfermiço, incoerente no dizer, mas nada perigoso, internado no estabelecimento porque andaria a bater com a cabeça pelas paredes e teria cometido mais duma vesânia de que resultava prejuízo ao seu nome de fidalgo e ao decoro que se devia a si e ao público. Era preciso pôr-lhe cobro, e parentes e próximos, como hoje, como sempre, recorreram à hospitalização. Tratado com os desvelos que não podiam deixar de lhe garantir a alta patente social e o prestígio de poeta, visitado por uns e outros, gente amiga e de prol, em dado momento a sua crise de maníaco depressivo determinou-se no sentido da expansibilidade sem regra nem medida, esvaziando o seu etos ebuliente e desconforme. E ei-lo a cobrir laudas e laudas de papel com uma escritura galopante e compacta, como se depreende da mancha tipográfica das primeiras edições e, por analogia, do apógrafo de Madrid. Texto cerrado sem a menor intersecção de capítulos e parágrafos já em uso àquele tempo, o que quer dizer, não pensando de modo algum no leitor — o comparsa pio ou pirrónico cuja simpatia o homem de letras normal procura

sempre conciliar — sem uma aberta, salvo as alíneas, essas com certeza do punho do tipógrafo, que principiam com maiúsculas e que correspondem ao rasgamento de capítulos da edição de Évora. O Livro das Saudades, *se é de admitir que de algum designativo beneficiasse a meio do mundo tumultuoso, informe, incoordenado, que cachoava no peito do autor e de que escorreu aquela confissão como duma cratera um rego de lava, e não foi crisma de qualquer copista anónimo ou de qualquer interventor, teve este génesis. Sobre os cunhos consabidos de novela de cavalaria, ajeitados às formas tenras da novela pastoril, o poeta tomado de melancolia delirante vazava o caso pessoal, uma aventura de amor com todo o rescaldo de patético e de voluptuoso, ampliada e desenvolvida segundo a flora patológica que lhe excrescia da alma doente.*

Não há dúvida que o entrecho da Menina e Moça *envolve uma intriga de amores sensuais de que o instinto do autor saiu malferido. E tanto o seu espírito é dominado pela obsessão mórbida que não é capaz de manter na narrativa uma linha vectora e se perde como um viandante que, de noite pelo escuro, vá fazendo o seu caminho ao acaso das veredas que lhe bruxuleiam aos olhos. Uma apreciá-*

vel vis *poética, sem falar na ideia fixa possessiva, o robora no seu propósito. Bernardim tem um tanto a consciência hipertrofiada do seu destino e mormente a do seu dom literário. Candura, primitividade com todo o cortejo aliciante de ouropéis, linguagem trivial em virtude do espontâneo, retorcida e abstrusa por falta de disciplina espiritual, tinham de decorrer lògicamente da desintegração do eu, obtida por automatismo patológico. A sua cultura, posto que mediocre, ofereceu-lhe o corrimão dos processos usados na novelística, com todo o reportório, pastores e cavaleiros, anagramas e criptónimos, e foi até onde lhe chegou a corda, aquele período cortado abruptamente como uma arriba:* disse escontra a donzela que o ali trouxera estas palavras. *A edição de Ferrara remata com* Laus Deo, *segundo a fórmula consagrada, que suponho não seja do punho de Bernardim. Chegado ali estacou, desviada a sua atenção de psicopata para outro quadrante, rota a mola compulsiva, não se sabe mediante que acção e se intrínseca ou extrínseca.*

A partir do capítulo XVII, exclusivé, da nossa edição, houve concurso de segundos. Estamos plenamente de acordo com Delfim Guimarães no que respeita a este particular.

Se fosse da autoria de Bernardim Ribeiro o que se sucede dali em diante, na totalidade, ou em parte, como presume Carolina Michaëlis, Usque haveria notícia dessa complementação e tê-la-ia dado à estampa. Segundo o cômputo da mesma ínclita senhora, Bernardim compôs não só as Éclogas *como a* Menina e Moça *entre 1524 e 1530; ora datando o seu óbito de 1543, quando os Usques se encontravam em Lisboa, seria de todo inadmissível que no transcurso de tempo compreendido entre aquelas datas não houvessem tomado conhecimento do resto da novela, partindo-se, bem entendido, do princípio que o internado do Hospital de Todos os Santos voltara a produzir. Mas, supondo que se não deva tirar uma conclusão firme destes dados cronológicos, há o argumento* in se *da matéria literária. A partir da divisória traçada pela edição de Ferrara, nem o estilo, nem o quilate, nem o toque, nem o carácter, nem a vascularização espiritual subjectiva, nem os modulos léxicos são os mesmos que se nos deparam atrás. Aquilo é outro metal e forjou-o outro homem. Salta aos olhos do entendimento. Depois, ainda a parte final deve ser lavra de terceira pessoa, sobrevindo de qualquer modo para rematar, tão diferente se mos-*

tra em estilo e no próprio desenrolamento da acção. Basta para assinalar a dessemelhança dos primeiros dezassete capítulos com os subsequentes a fuga total para a novela de cavalaria e até para o maravilhoso greco-latino com a introdução de ninfas na intriga romanesca.

Levaria muito longe a análise das disparidades literárias resultantes da colaboração de segundos, cometimento esse levado a cabo por José Pessanha e Delfim Guimarães com um somatório de raciocínios até agora irrefutados.

Quem pôs em evidência o manuscrito da Menina e Moça? *De certo pessoa da família de Bernardim ou visitante que já estivesse premonido, graças a conhecimento anterior, das suas qualidade literárias, e que fez alarde do que se lhe ofereceu. A curiosidade daquele sector da opinião, que não era estranha à aventura — que a houve e, sendo túrbida, força nos é aderir à reconstrução histórica a que conduzem os documentos genealógicos que Sanches de Baena trouxe ao problema, até agora em lazareto como pestiferados de fraudulência — teria feito o resto com o seu alvoroço.*

Começaram logo a correr de mão em mão muitos traslados, com suas variantes, como

se houvesse mais que uma matriz, e continuaram a correr mesmo depois de impressa a novela. Em despeito do estofo e tessitura rudimentares, quer sob o ponto de vista psicológico, quer de forma, a Menina e Moça *tinha e tem os seus encantos. Possuia mormente o atractivo de contar debaixo dos véus muito diáfanos dos anagramas e no ambiente consagrado das pastorais com suas pompas e rodriguinhos cenas da vida real em que se misturava tudo, paixões de morte, libido negra, misteriosas intervenções, abafados escândalos, ingredientes estes que não podiam deixar de despertar interesse por sua apimentada condimentação. Que se tratasse de amores ilícitos do primo com a prima, ainda incestuosos, ou de todo funestos e interditos, como não? dum vassalo com uma princesa de sangue, isto é de Bernardim com a infanta D. Beatriz que desposou Carlos III da Saboia e foi tão profundamente infeliz, o sucesso estava garantido.*

Deviam ter-se feito muitos traslados, pois que há memória de existirem tantos, pelo menos, como de exemplares se conhecem de cada uma das três primeiras edições. Que tenham chegado até os nossos dias, prevalecendo ao impresso, só se explica pela profusão, ou pelos

primores do calígrafo ou da matéria empregada, o que não é o caso. Ao que parece, não se trata de manuscritos preciosos, em pergamoide por exemplo e enriquecidos de iluminuras, mas cópias em caligrafia corrente, papel comum, segundo inferimos da descrição.

De resto, era costume com trabalhos cujo contexto merecesse interesse, enviá-los aos copistas para que os trasladassem. Àquela altura, com a imprensa entre nós, pode dizer-se, em seus alvores, a profissão constituia um artesanato numeroso. Por via de regra, o copista era bacharel ou clérigo falhado. Tinha talvez por isso mesmo a sua embófia literária. Daí o permitir-se corrigir os textos, ampliando, reduzindo, modificando, tudo por alta recreação, o que explica as variantes de muitas obras, variantes que de modo algum se podem atribuir ao autor. E é o caso dos Lusíadas *e da* Menina e Moça, *que tudo leva a crer saísse, digamos, duma só penada, febril e muito achacosa, do peito convulsionado do autor.*

Conjectura Carolina Michaëlis que os Usques na sua retirada de Portugal levassem um dos traslados da Menina e Moça, *e esta explicação quanto à novela de Bernardim Ribeiro vir a lume pela primeira vez lá em cascos de*

rolha, longe do público letrado nacional, é mais verosímil que a de Teófilo. Segundo este, pela conexão que se pode estabelecer entre a estada de Bernardim em Itália, estada essa alicerçada bem presumptivamente sobre uma palavra pouco precisa de Sá de Miranda, que se motiva um tanto pelo gosto de viajar e de ver mundo, outro tanto à cauda da princesa que o enamorara, teria ido parar a Saboia a novela manuscrita e, assim peregrina, confiada à estampa dos Usques. Esta versão vem de permeio com todo um confabulado de romance de capa e espada e há que pô-la de quarentena. Ao tempo, era tão longe da Saboia a Ferrara como de Ferrara a Portugal, relacionando e deitando conta aos itinerários marítimos e terrestres. A mulher de Carlos o Bom tinha mais em que pensar do que nas produções aluadas do malfadado trovador que conhecera — se conhecera — em Portugal e se finava de demência no hospital.

À volta do segundo para o terceiro quartel do século XVI, Ferrara era um lugar de confluência dos judeus emigrados de Portugal e de Espanha. Portos de abrigo chamaram eles a certas cidades de Itália como Pesaro e Veneza. Ferrara compartiu por algum tempo desta boa fama. Aquele ducado estava regido por

instituições de todo autocráticas, mas que apenas nutriam preocupações de ordem temporal. O religioso e por via de regra o filosófico quedavam em zona neutra. Falava-se da duquesa Renata de França como mantendo correspondência com os grandes homens do seu tempo, pertencentes à vanguarda humanista tanto pelo pensamento literário como social. Didacus Pyrrhus Lusitanus consagra-lhe este ditirambo nos Carmina: De Renata Herculis Ferrariae Invictissimi Ducis uxore. Dum tenet Alcida cum conjuge sceptra Renata, Aurea saturni secla renata putes.

Os judeus, acossados pelos brandões do Santo Ofício, derivaram para ali. O fisco dos duques de Este arrancava-lhes coiro e cabelo, mas, batidos de Herodes para Pilatos, já se davam por contentes escapando da fogueira. Era uma tábua de salvação e agarravam-se a ela. Mais tarde, tocado pela intolerância dos Estados Pontifícios e ainda por motivos de ordem política, Ércole II acabou por ceder à vesânia geral e ergueu o látego contra os proscritos. Até essa altura, Ferrara foi um oásis de paz, e Israel pôde pendurar nos salgueiros do Pó liras gratulatorias.

Contando simplesmente os nomes que se encontram mencionados nas Centurias *do*

Dr. João Rodrigues, de seu nome científico Amatus Lusitanus, e nos Carmina *de Diogo Pires, o misterioso Pyrrhus, verificamos que a colónia era densa e todos* viri doctissimi. *No geral eram médicos e banqueiros. Com a* praxis *ou o professorado das línguas acumulavam o exercício das letras. Tais, além dos supracitados, Salusque Lusitano que traduziu para espanhol todo o Petrarca, Abrão Usque que verteu do hebraico a* Bíblia Sagrada, *Leão Hebreu, filho de Isaque Abarbanel, autor dos* Dialogi di amore, *e outros igualmente de origem portuguesa. O declínio do sobrenaturalismo no Ocidente foi obra indirecta destes e dos da sua progénie. Os títulos que davam aos trabalhos literários — nada mais que em virtude do contraste que apresentam relativamente às designações em voga, herméticas e estapafurdiamente pedantes: de Amato Lusitano,* Curationum Medicinalium Centuriae ; *de Rodrigo de Castro,* De universa mulierum medicina ; *de Isaque Ben-Solimão,* De febris, *etc. revelam eloquentemente pela sua elementariedade a clareza de inteligência e precisão nas ideias que de sempre foram apanágio da raça hebráica. Eles só é quanto chega para nos dar a conhecer a dose de bom senso que estes homens silenciosos e nómadas acabaram*

por imprimir ao curso das ciências e letras na Europa com manifesto eclipse do misticismo milagreiro. Muitos anos andados ainda Bacon dava a lume o Lião verde, *uma das suas obras decantadas aos quatro ventos.*

Pelo combate que no campo das ciências aplicadas, em particular, davam à superstição e à medicina sobrenatural — como aposição de relíquias e de ferros santos, intercessão dos bemaventurados, a cada um deles competindo determinada zona anatómica ou espécie zoológica, assim a Santa Luzia os olhos, a Santo Amaro as pernas e braços, a Santo Avelino os dentes, a Santo Antão os porcos, etc. concitavam contra si todos os elementos de rotina e de conservação. Para o vulgo os físicos judeus eram herejes e sequazes do Diabo, com o qual tinham pacta. Queimava-se no Entrudo o judeu de estopa e alcatrão, como o judeu de carne e osso na Praça da Ribeira.

Esta perseguição da Igreja Romana contra o judaismo, equivalente dentro da ideia monoteista, na esfera das reacções, à da pernada contra o tronco, do verbo contra o logos, de Deus Padre contra Jeová, de Cristo contra Moisés, é um dos casos mais estupendos e absurdos da história. E seria para duvidar uma vez para sempre da razão humana, se

não soubéssemos que pirâmides duma lógica desconcertadora se não edificam sobre a bexiga oca duma premissa. O trânsito do género humano através das idades está semeado de crimes igualmente revoltantes e insensatos, e haverá sempre quem os justifique e advogue a sua prática.

Entre os judeus portugueses que se haviam refugiado em Ferrara destacava uma senhora, Grácia Mendes Násci ou Beatriz de Luna, viúva dum banqueiro da praça de Lisboa, com filiais em França e na Flandres. Inquietada, encarcerada mesmo, pelo que Solimão II chegara a intervir junto dos seus algozes, viera dar em Itália àquele dos raros enclaves onde raiava uma liberdade, como fica dito, mais fortuita que constitucional.

Era uma dama nobre em tudo, poderosa de teres e com dotes de inteligência e de coração que a tornavam venerada pelos da sua raça como uma rainha. Em balde fizera sacrifícios de toda a ordem com o fim de estorvar que a Inquisição se estabelecesse em Portugal. Em Ferrara protegia foragidos e proscritos, dando-lhes a mão no mais generoso e prestante concurso. Foi a ela que Samuel Usque dedicou o livro Consolação às Tribos de Israel, *editado em 1553 na oficina de que era*

associado com o irmão, igualmente abalisadíssimo cultor das letras. O livro que pelo acento patético, pelo descritivo pitoresco e naturalista, pelo adequado das alegorias, pelo próprio estilo cuidado e elegante é do melhor que produziram as letras portuguesas do seu tempo, muitos graus acima da Menina e Moça, *saía na língua que bebera com o leite. Ele mesmo confessa que o fez por essa razão, a qual se pode desdobrar nas seguintes: ser a língua, que melhor manuseava, de jeito a permitir-lhe dar forma às lucubrações do espírito, e porventura ser a falada pelas pessoas a quem tinha em mente dirigir-se. Uma destas era Grácia. Da dedicatória poderá até inferir-se que se trata duma encomenda:* Nesta parte não me cega afeição em ser eu, Ilustríssima Senhora, vossa feitura, a quem desejo por obras, escritos e feitos satisfazer e mostrar-me em parte grato das muitas mercês que de vossa larga mão tenho recebido.

De certo o envite não está explícito, nem é necessário que esteja para que assim se compreenda, mas a sugestão entreluz naquelas palavras e nestoutras finiais: Pelo que lhe peço, como acostumada é de me fazer mercês benignamente, aceite este pequeno serviço...

Dir-se-á: a Consolação *dirigia-se a uma dú-*

zia de indivíduos que falavam o português. Pagava a pena fazer a estampa para tão restricto público? As edições eram duma tiragem limitadíssima, algumas dezenas de exemplares. O trabalho dos prelos, todo manual, não aliviava, em proporção da quantidade como nas impressões de hoje, o preço de custo de cada exemplar. O mais oneroso, de certo, era a composição. Mas a mão de obra era barata. Sem embargo, os livros impressos eram comparativamente muito mais caros do que na actualidade.

Livros taxados em nove tostões como a Anacephalaeoses *ou a um cruzado como os* Lusíadas, *a quanto não reviriam hoje, observadas as diferenças monetárias? Uma exorbitância, tornando o livro acessível apenas a endinheirados. Mesmo assim, o livro impresso, em despeito das tiragens limitadas, sempre ficava mais em conta do que o livro manuscrito por um calígrafo de profissão. Oferecia ainda a vantagem da sua melhor legibilidade. Era, depois, moda que fossem estampados. Sempre o snobismo foi bom pagador.*

Quanto à Consolação, *basta que D. Grácia fosse o Mecenas, como de certo foi, para justificar o seu aparecimento em Ferrara com uma tiragem diminutíssima. Isso se tem feito*

modernamente por timbre de bibliófilo ou capricho de autor.

E quanto à Menina e Moça?

A Menina e Moça *veio a lume na mesma oficina dos Usques, um ano depois da* Consolação, *se bem que nesta se sinta a influência de Bernardim, sobretudo no que respeita a processos. Averiguou-se existirem três exemplares, e a raridade compreende-se em face da tiragem sucinta, que não por uma acidental apreensão à ordem do Desembargo ou do Santo Ofício. Quem adquirira um exemplar de obras deste género conservava-o como se conserva um objecto de sumptuária, um quadro por exemplo, pois lhe custara caro. A censura expurgou — e fê-lo em hora de excessivo zelo — uma ou duas passagens, aliás anódinas, da obra e deixou correr. Deixou correr e podia deixar de ânimo sossegado que, salvo a alcovitaria de Enis preconizando o adultério como método de resolver o problema sentimental dos dois amantes contrariados em seus amores, libertinagem muito ao gosto dos romances de cavalaria, se bem que sob outras roupagens, era inócua no capítulo dos bons costumes e da moral corrente.*

Do exame da Consolação *e da* Menina e Moça *salta à vista que o compositor teria sido*

o mesmo. Também semelhante circunstância se esclarece, admitindo a hipótese do seu conhecimento unilateral quanto a línguas neo-românicas, conjugado com a necessidade de ganhar a vida, o culto das coisas portuguesas e a saudade do passado. O enliçamento que prende o espírito ao entrecho da novela actuaria não menos no sentido de se dar à estampa uma obra tão longe da terra que a produzira e onde poderia encontrar público remunerador. Atente-se para o prefácio da Consolação *em que Samuel Usque declara oferecer aos judeus desterrados, nostálgicos da terra mãe de que eram barbaramente esbulhados,* por muitos meios e longo rodeio algum alívio aos trabalhos.

Cotejando os textos e observando as analogias gráficas, reconhece-se que não se trata apenas de trabalhos saídos da mesma oficina, mas de trabalhos obedientes porventura a idêntica inspiração e executados pelo mesmo artífice.

O facto desta estampa da Consolação *não ser citada no* Catálogo dos livros proíbidos de 1581, *versando matéria de apologética, atribui-a Mendes dos Remédios à sua raridade, no que concordamos, supondo que fosse intuito do autor introduzi-la em Portugal. Já*

a Menina e Moça *figura no rol em questão, não se sabe bem por que pecadilhos, se aqueles de que se falou em cima, se os implícitos nas frases expungidas da edição de 1645.*

A presente edição seguiu a impressão de Évora de 1557 por André de Burgos. O exame das marcas de água do papel empregado nas duas edições autoriza-nos a concluir que entre os respectivos bibliópolas, como se dizia, não houve entendimento particular, como poderia suceder, emprestando-se a rubrica comercial. A edição de Ferrara é uma, corrigida pela mão experiente dos Usques, a de Évora é outra, feita o seu tanto à matroca, sobre uma cópia avulsa, que não teve a sorte de ser passada pelo esmeril do letrado como a princeps. *É muito provável que esta fosse ignorada pela de Évora, sem o que não caíria em incongruências e anfiguris de que a primeira se acha liberta. Mondando-a aqui e além destas pechas, sempre com aviso ao leitor no pé da página, é que reproduzimos a edição de André de Burgos. Induziu-nos a isso uma série de razões, das quais as mais importantes se reportam ao original, cuja lição se ignora, pelo que das duas edições uma não é mais canónica que a outra. A ter de dar-se a parte supletiva, que a nosso*

ver é um apenso de segundos, optamos por esta, determinados pelo facto da sua integralidade. Mas não nos julgamos inibidos de reconhecer que a edição de Ferrara é muito mais correcta, sintàxicamente mais pura, cincando de menos obscuridades, numa palavra, acusando olhos de revedor culto e consciencioso e não de quaisquer improvisados escribas, frades ou leigos, mais ou menos lidos em novelística que, por discrime próprio ou a encargo de André de Burgos, dessem um fecho à série dos pequenos racontos bosquejados na primeira parte.

Tudo o que desborda da edição de Ferrara é incontestàvelmente de mão vária, basta-nos proceder ao exame formal e psicológico das partes para o verificar. Está ali mais que um temperamento, uma cultura, uma alma, um romanceador. Um desregrado de todo, sentido, com o delicioso da ingenuidade, outros com o propósito assente de pôr uma cúpula ao edifício que encontraram encetado, maus artífices, sem nenhum dote recomendável. Em tal obra, vista na sua totalidade, acerta como uma luva a definição de Costa e Silva: uma história de cavalarias com uma forte tintura de bucolismo.

Carolina Michaëlis opina que Bernardim

seja o autor dos primeiros dezassete capítulos da segunda parte, explicando a diferença óbvia de carácter, imaginação e estilo por amortecimento da sua faculdade construtiva e ausência de poder criador para além do que não era pessoalmente vivido. A especiosidade salta à vista. Também é de somenos e lançada ao desfastio a opinião de Menendez y Pelaio, que roçou por este assunto com a superficialidade imediata de quem, estando a estudar as nebulosas de Alfa, deita um olhar distraido para Sirius.

AQUILINO RIBEIRO

Além do prosador que aí fica, Bernardim é o autor de éclogas delicadas e de trovas que figuram nos Cancioneiros. *Crisfal é o seu doble? Sobre este e mais problemas concomitantes tem a palavra, com aprazimento geral, isto é do prefaciador da novela, do esclarecido editor Sr. Sá da Costa, do público, ainda e sempre o árbitro supremo, o Professor Marques Braga, mestre na erudição literária e filológica, e abalisadíssimo comentador de textos.*

A. R.

BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA

MENINA E MOÇA

BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DE DISTRITAL ÉVORA

CAPÍTULO I

Menina e moça me levaram de casa de meu pai para longes terras: qual fosse então a causa daquela minha levada, era pequena, não na soube. Agora não lhe ponho outra, senão que já ènton parece havia de ser o que depois foi. Vivi ali tanto tempo quanto foi necessário para não poder viver em outra parte. Muito contente fui eu naquela terra; mas coitada de mim, que em breve espaço se mudou tudo aquilo que longo tempo se buscou e para longo tempo se buscava. Grande desaventura foi a que me fez ser triste, ou que pela ventura me fez ser leda. Mas depois que eu vi tantas cousas trocadas por outras e o prazer feito mágoa maior, a tanta paixão vim, que mais me pesava do bem que tive que do mal que tinha. Escolhi para meu contentamento (se entre tristezas e saudades há algum) vir-me viver a este monte, onde o lugar e míngua da conversação da gente fosse como para meu cuidado cumpria—porque grande erro fora depois de tantos

---

I, ...*minha mãe para muito longe. Que causa fosse então daquela minha levada era ainda pequena, não a soube. (Edição de Ferrara).*

II, ...*per aventura... (Edição de Ferrara), pella aventura... manuscrito de Madrid.* Com *pela ventura* ou *porventura,* subsiste a anfibologia.

nojos, quantos eu com estes meus olhos vi, aventurar-me ainda esperar do mundo o descanso, que ele nunca deu a ninguém — estando eu aqui só, tão longe de toda a outra gente, e de mim ainda mais longe, donde não vejo senão serras de um cabo, que se não mudam nunca, e de outro águas do mar, que nunca estão quedas, onde cuidava eu já que esquecia à desaventura, porque ela e depois eu, a todo poder que ambas pudemos, não leixamos em mim nada em que pudesse nova mágoa ter lugar. Antes havia muito tempo que é povoada de tristezas, e com razão. Mas parece que em desaventuras há mudanças para outras desaventuras, porque do bem não na havia para outro bem. E foi assim que, por caso estranho, fui levada em parte onde me foram ante os meus olhos apresentadas em cousas alheias todas minhas angústias: e o meu sentido de ouvir não ficou sem sua parte de dor. Ali vi então na piedade, que houve doutrem, camanha a devera ter de mim, se não fora tão demasiadamente mais amiga de minha dor do que parece que foi de mim quem me é causa dela: mas camanha é a razão porque sou triste, que nunca me veio mal nenhum, que eu não andasse em busca dele. Daqui me vem a mim a parecer que esta mudança, em que me eu vi, já

---

6. *Que se não mudam de um cabo nunca e doutra águas do mar que nunca estão quedas. (Edição de Ferrara).*

A versão de Évora é mais clara, se bem que a de *Ferrara* seja idêntica de sentido. Nas duas ressalta o contraste das serras com as águas quanto a mobilidade.

22. Quão grande. *Quam magna.*

25. *já a eu então começava a buscar... (Edição de Ferrara).*

então começava a buscar, quando me esta terra, onde me ela aconteceu, aprouve mais que outra nenhuma para vir aqui acabar os poucos dias de vida, que eu cuidei que me sobejavam. Mas nisto, como em outras cousas muitas, me enganei eu. Agora há já dois anos que estou aqui, e não sei ainda tão sòmente determinar para quando me guarda a derradeira hora: não pode já vir longe. Isto me pôs em dúvida de começar a escrever as cousas que vi e ouvi.

Mas depois, cuidando comigo, disse eu que arrecear de não acabar de escrever o que vi não era cousa para o leixar de fazer: pois não havia de escrever para ninguém, senão para mim só. Quanto mais que em cousas não acabadas não havia de ser nova: que quando vi eu prazer acabado, ou mal que tivesse fim! Antes me pareceu que este tempo que hei-de estar aqui neste ermo (como a meu mal aprouve) não o podia empregar em cousa que mais de minha vontade fosse: pois Deus quis que assim minha vontade seja, se em algum tempo se achar este livrinho de pessoas alegres, não o leiam, que porventura parecendo-lhes que seus casos serão mudáveis, como os aqui contados, o seu prazer lhe será menos prazer. Isto, onde eu estivesse, me doeria porque assaz bastava eu nascer para minhas mágoas, e não ainda para as de outrem. Os tristes o poderão ler: mas aí não os houve mais homens depois que

---

7, *aguarda... (Edição de Ferrara).*

28, *...mas ahi nam os ouve mais, depois que... (Edição de Ferrara).* Quer-nos parecer: Tristes entre os homens não houve mais depois que nas mulheres houve piedade.

nas mulheres houve piedade: mulheres sim, porque sempre nos homens houve desamor. Mas para elas não no faço eu. Que pois o seu mal é camanho, que se não pode confortar com outro nenhum para as mais entristecer, sem razão seria querer eu que o lessem elas; mas antes lhes peço muito que fujam dele e de todas as cousas de tristeza, que ainda com isto poucos serão os dias que hão-de poder ser ledas: porque assim está ordenado pela desaventura com que elas nascem. Para uma só pessoa podia ele ser; mas desta não soube eu mais parte dele, pois que as suas desditas, e as minhas, o levaram para longes terras estranhas, onde bem sei eu que, vivo ou morto, o possui a terra sem prazer nenhum.

Meu amigo verdadeiro, quem me a vós levou tão longe? Que vós comigo e eu convosco, sós, soíamos a passar nossos nojos grandes, e tão pequenos para os de depois! A vós contava eu tudo. Como vós vos fostes, tudo se tornou tristeza: nem parece ainda senão que estava espreitando já que vos fôsseis.

E porque tudo mais me magoasse, tão sòmente me não foi leixado em vossa partida o conforto de saber para que parte da terra íeis. Cá descansarão os meus olhos em levarem para lá a vista. Tudo me foi tirado no meu mal: remédio nem conforto nenhum houve aí. Para morrer asinha, me pudera isto aproveitar: mas para isto não me aproveitou. Ainda convosco usou a vossa desaventura algum modo de piedade (das que não acostuma fazer com nenhuma pessoa) em vos alongar da vista desta terra; que pois para

---

3. *Tamanho. (Edição de Ferrara).*
4. *é para as mais... (Edição de Ferrara).*

não sentirdes mágoas não havia remédio, para as não ouvirdes vo-lo deu. Coitada de mim, que estou falando, e não vejo eu ora que leva o vento as minhas palavras, e que me não pode ouvir a quem eu falo!

Bem sei eu que não era para isto a que me eu ora quero pôr, que o escrever alguma cousa pede muito repouso; e a mim as minhas mágoas ora me levam para um cabo, ora para outro: trazem-me assim, que me é forçado tomar as palavras que me elas dão, porque não sou tão constrangida a servir o engano, como a minha dor. Destas culpas me acharão muitas neste livrinho, mas da minha ventura foram elas. Ainda que quem me manda a mim olhar por culpas, nem por desculpas? O livro há-de ser do que vai escrito nele. Das tristezas não se pode contar nada ordenadamente, porque desordenadamente acontecem elas. Também por outra parte não me dá nada que o não leia ninguém, que eu o não faço senão para um só, ou para nenhum, pois dele, como disse, não sei parte tanto há. Mas se ainda me está guardado, para me ser em algum tempo outorgado, que este pequeno penhor de meus longos suspiros vá ante os seus olhos, muitas outras cousas desejo, mas esta me seria assaz.

---

3. *Ora*, por agora.

11. *Contrangida servir ao engenho... (Edição de Ferrara)*. No manuscrito de Madrid da *Menina e Moça* lê-se também engano. Uma e outra palavra são possíveis com linguagem tão laqueante.

25, *mas esta me seria asas. (Edição de Ferrara)*. Preferível como interpretação.

CAPÍTULO II

Em que a donzela vai prosseguindo sua história.

Neste monte mais alto de todos, que eu vim buscar pela suavidade diferente dos outros que nele achei, passava eu a minha vida como podia: ora em me ir pelos fundos vales que os cingem derredor, ora em me pôr do mais alto deles a olhar a terra como ia acabar ao mar, e depois o mar como se estendia logo após ela, para acabar onde o ninguém visse. Mas quando vinha a noite, acepta a meus pensamentos, que via as aves buscarem seus pousos, umas chamarem as outras, parecendo que queria assossegar a terra mesma, então eu, triste com os cuidados dobrados com que amanhecia, me recolhia para a minha pobre casa, onde Deus me é boa testemunha de como as noites dormia. Assim passava eu o tempo, quando uma das passadas pouco há, levantando-me eu, vi a manhã como se erguia formosa e se estendia graciosamente por entre os

---

2, *pela soidade... (Edição de Ferrara), pela saudade... Man. de Madrid.* Esta tríplice versão explica a origem e formação de Saudade.

3, *como sohia... (Edição de Ferrara).*

vales e leixar ainda os altos. Cá o sol, já levantado até os peitos, vinha tomando posse dos outeiros, como quem se queria senhorear da terra. As doces aves batendo as asas andavam buscando umas às outras; os pastores, tangendo as suas flautas e rodeados dos seus gados, começavam a assomar pelas cumeadas. Para todos parecia que vinha aquele dia assim ledo. Os meus cuidados sós vendo como vinha seu contrário (ao parecer poderoso) recolhiam-se a mim, pondo-me ante os meus olhos para quanto prazer e contentamento pudera aquele dia vir, se não fora tudo tão mudado; donde o que fazia alegre a todas as cousas, a mim só teve causa de fazer triste. E como os meus cuidados, para o que tinha a ventura ordenado, me começassem de entrar pela lembrança de algum tempo que foi, e que nunca fora, senhorearam-se assim de mim que me não podia já sofrer a par de minha casa, e desejava ir-me por lugares sós, onde desabafasse em suspirar. E ainda bem não foi alto dia quando eu (parece que acinte) determinei ir-me para o pé deste monte, que de arvoredos grandes e verdes ervas e deleitosas sombras é cheio, por onde corre um pequeno ribeiro de água de todo o ano que, nas noites caladas, o rugido dele faz no mais alto deste monte um saudoso tom, que muitas vezes me tolhe o sono: onde outras muitas vou eu lavar minhas lágrimas e onde muitas infinitas as torno a beber. Começava

---

1, *que jaa o Sol... (Edição de Ferrara).*
7, *pelas semeadas. (Edição de Ferrara).*
8. *Os meus cuidados sós,* em vez de *Só os meus cuidados...*
21, *(parece que o senti)... (Edição de Ferrara).*

então de querer cair a calma, e no caminho, com a pressa por fugir dela ou pela desaventura que me levava a mim, três ou quatro vezes caí ali. Mas eu (que depois de triste cuidei que não tinha mais que temer) não olhei nada por aquilo em que parece que Deus me queria avisar da mudança que depois havia de vir. Chegando à borda do rio, olhei para onde havia melhores sombras: pareceram-me as que estavam além do rio. Disse então que naquilo se enxergava que era desejado tudo o que com mais trabalho se podia haver, porque não se podia ir além sem se passar a água que corria ali mansa e mais alta que na outra parte. Mas eu, que sempre folguei de buscar meu dano, passei além e fui-me assentar de sob a espessa sombra de um verde freixo, que para baixo um pouco estava, e algumas das ramas estendia por cima de água, que ali fazia tamalavez de corrente e, impedida de um penedo que no meio dela estava, se partia para um e outro cabo, murmurando. Eu que os olhos levava ali postos, comecei a cuidar que também nas cousas que não tinham entendimento havia fazerem-se nojo umas às outras. Estava de ali aprendendo tomar algum conforto no meu mal: que assim aquele penedo estava anojando aquela água que queria ir seu caminho, como minhas desaventuras no outro tempo soíam fazer a tudo o que eu mais queria, que já agora não quero nada. E crescia-me daquilo um pesar; porque a cabo do penedo tornava a água a juntar-se e ir seu caminho sem estrondo algum, mas

---

18. *Que ali fazia tamalavez de corrente* — que tinha o seu tanto de corrente.

antes parecia que corria ali mais depressa que pela outra parte: e dizia eu que seria aquilo por se apartar mais asinha daquele penedo, inimigo de seu curso natural, que como por força ali estava. Não tardou muito que, estando eu assim cuidando, sobre um verde ramo que por cima da água se estendia se veio pousar um rouxinol. Começou a cantar tão docemente que de todo me levou após si o meu sentido de ouvir. E ele cada vez crescia mais em seus queixumes, que parecia, que como cansado, queria acabar, senão quando tornava como que começava. Então, triste da avezinha, que estando-se assim queixando, não sei como se caiu morta sobre aquela água. Caindo por entre as ramas, muitas folhas caíram também com ela. Pareceu aquilo sinal de pesar naquele arvoredo de caso tão desastrado. Levava-a após si a água e as folhas após ela, e quisera-a eu ir tomar; mas pela corrente que ali fazia e pelo mato que de ali para baixo acerca do rio logo estava, prestesmente se alongou da vista. O coração me doeu tanto então em ver tão asinha morto quem dantes tão pouco havia que vira estar cantando, que não pude ter as lágrimas. Certamente que por cousa do mundo, depois que perdi outra cousa, me não pareceu a mim que assim chorasse de vontade; mas em parte este meu cuidado não foi em vão, porque ainda que a desventura daquela avezinha fosse causa de minhas lágrimas, lá ao sair delas foram juntas outras muitas lembranças tristes. Grande pedaço de tempo estive assim embargada dos meus olhos, en-

---

7. *se veo apousentar hun roisinol; (Edição de Ferrara).*

tre os cuidados que muito havia que me tinham já então, e ainda terão até que venha o tempo que alguma pessoa estranha, de dó de mim, com as suas mãos cerre estes meus olhos, que nunca foram fartos de me mostrarem mágoas de si. E, estando assim olhando para onde corria a água, ouvi bulir o arvoredo. Cuidando que fosse outra cousa, tomou-me medo. Mas olhando para ali vi que vinha uma mulher e, pondo nela bem os olhos, vi que era de corpo alto, disposição boa, e o rosto de dona, senhora do tempo antigo; vestida toda de preto, no seu manso andar e meneios seguros do corpo e do rosto e do olhar, parecia de acatamento. Vinha só, na semelhança tão cuidadosa, que não apartava os ramos de si, senão quando lhe impediam o caminho, ou lhe feriam o rosto. Os seus pés trazia por entre as frescas ervas, e parte do vestido estendido por elas. E entre uns vagarosos passos que ela dava, de quando em quando colhia um cansado fôlego, como que lhe queria falecer a alma. Sendo acerca de mim e me viu, ajuntando as mãos (à maneira de medo de mulher) um pouco como que vira cousa desacostumada, ficou. E eu também assim estava, não de medo, que a sua boa sombra logo me o não consentiu, mas da novidade daquilo que ainda ali não vira, havendo muito que por meu mal tinha continuado aquele lugar e toda aquela ribeira. Mas não

---

6, *senti bolir... (Edição de Ferrara).*
8. Por *tomou-me o medo.*
10, *o rosto de senhora, dona do tempo antigo... (Edição de Ferrara).*
14, *cuidosa... (Edição de Ferrara).*

esteve ela muito que, parece conhecendo também como eu estava, com uma boa sombra começou a dizer, vindo contra mim:

— Maravilha é ver donzela em ermo depois que a minha grande desventura levou a todo o mundo o meu.

E daí a grande pedaço, misturado já com lágrimas, disse:

— Filho!

Depois, tirando um lenço, começou a limpar o rosto, e a chegar-se para onde eu estava. Levantei-me eu então, fazendo-lhe aquela cortesia, que me ela com a sua e consigo mesma obrigava. E ela:

— O descostume grande — me disse — que há grande tempo que vivo neste ermo de ver pessoa alguma me faz, senhora, desejar saber quem sois e que fazeis aqui, ou que viestes a fazer, formosa e só.

Eu que um pouco tardava em lhe responder, pela dúvida em que estava do que lhe diria (parece-me que entendendo-me ela).

— A mim podereis dizer tudo — me tornou — que eu sou mulher como vós e, segundo vossa presença, vos devo ainda ser muito conforme, porque me parece (agora que vos olho de mais perto) que deveis ser triste, que vossos olhos têm vossa formosura desfeita, e ao longe não se enxergava.

— Pareceis vós logo ao longe — respondi eu — o que sois ao perto. E não vos saberia negar cousa em que de mim vos servísseis, que os vossos tra-

---

10, *tirando da manga um lenço... (Edição de Ferrara)*
25, *me pareceis... (Edição de Ferrara).*

jos e tudo o que vos eu olho vem cheio de tristeza, cousa a que eu sou há muito tempo conforme. E porque posso mal encobrir o senhorio que eu mesma às longas mágoas sobre mim tenho dado, não me quero rogar, mas antes vos devia ainda de agradecer quererdes saber de mim o que quereis, para ser ao menos meu mal escuitado alguma hora.

— Pois dizei-mo, — me tornou ela — que ficardes-me devendo ouvir-vos eu, nova maneira é também de me obrigardes. Mas assim me pareceis vós que, de vos ser obrigada, folgo muito ainda.

Satisfazendo-lhe eu então, disse:

— Fui uma donzela que neste monte da banda de além deste ribeiro pouco há que vivo, e não posso viver muito; noutra terra nasci; noutra, de muita gente, me criei, donde vim fugindo para esta despovoada de tudo, senão de só as mágoas que eu trouxe comigo. Este vale por onde correm estas águas claras que vedes, os altos arvoredos de espessas sombras sobre a verde erva, as flores que por aqui aparecem e a seu prazer se estendem, ribeiras desta água fria, doces moradas e pousos das sós deleitosas aves, são tão conformes a meus cuidados, que o mais do tempo, que o sol assegura à terra, passo aqui; que, em que me vejais só, acompanhada estou. Muito há que tenho andado este caminho: nunca vi senão agora a vós. A grande saudade deste vale e de toda esta terra por aqui derredor me faz ousar vir, assim mulher (formosa bem vedes já que não) e pois não tenho armas para

---

26, *tenho usado este caminho. (Edição de Ferrara).*
28, *soidade... (Edição de Ferrara).*

ofender, para me defender já para que me seriam necessárias? A toda parte posso já ir segura de tudo, senão só de meu cuidado, que não vou a nenhum cabo que ele não vá após mim. Agora dantes estava eu aqui só, olhando para aquele penedo, mas tirando eu então dali como estava anojando aquela água, que queria ir seu caminho, ante os meus olhos, sobre aquele ramo que a cobre, se veio pôr um rouxinol docemente cantando. De quando em quando parecia que lhe respondia outro lá de muito longe. Estando ele assim no melhor do canto, caiu morto sobre aquela água, que o levava tão asinha, que o não pude eu ir tomar. Camanha mágoa me cresceu disto, que me acordei de outras minhas, de que também grandes desastres causa foram, e levaram-me onde me eu também não podia ir tomar.

A estas palavras se me arrasaram os olhos de água, e fui com as mãos a eles.

— Isto, senhora, fazia quando vós aparecestes, e o faço as mais das vezes: porque sempre eu choro ou estou para chorar.

Eu, que lhe tinha já respondido, detive-me um pouco cuidando como lhe perguntaria outro tanto dela, maiormente da causa que foi das suas lágrimas, quando não pôde senão muito tarde dizer: filho! Ela, cuidando que porventura eu não queria dizer mais, disse:

7, *mostrando-lhe então como estava ali anojando aquela água que queria ir seu caminho. (Edição de Ferrara).*

13, *...que o levou tão asinha... (Edição de Ferrara).*

16, *levaram-me donde me eu também não podia já tornar. (Edição de Ferrara).*

27, *per aventura... (Edição de Ferrara).*

— Bem se vê nisso, senhora, que sois doutra parte e há pouco que estais nesta, pois dos desastres que neste ribeiro acontecem vos espantais. Cá uma história, muito falada nesta terra por aqui derredor, muito há que aconteceu; lembra-me, menina, e ouvi-a já então contar a meu pai por história. Agora ainda folgo de cuidar nela pelos grandes acontecimentos e desventuras que nela houve. E ainda que nenhum mal alheio possa confortar o próprio de cada um, parte de ajuda me é saber para o sofrimento, que antigo é fazerem-se as cousas sem razão e contra razão. De boa vontade, pois parece ainda que a não ouvistes, vo-la contarei; que segundo entendo devem-vos dar prazer as cousas tristes, como me vós a mim dizeis.

— O sol — lhe respondi eu — vai alto, e eu folgaria muito de a ouvir, pela ouvir a vós, e depois por saber como não busquei embalde esta terra para minhas tristezas, pois tanto há que se costumam nela. Outra cousa, senhora, vos quisera eu agora perguntar; mas fique para depois, que para tudo haverá tempo, ainda que, pois a história dizeis que é de tristezas, não poderá durar tão pouco como o dia.

—Os dias são agora grandes—me tornou ela—e não poderão eles nunca ser tão pequenos, que vos eu a todo meu poder não fizesse a vontade neles; ainda sou, senhora, pagada de vós: mas olhai o que quereis antes.

— Porque é cousa em que vós folgais ainda

---

5. *Lembra-me, que era eu menina... (Edição de Ferrara).*

agora de cuidar — lhe respondi eu — não pode ser pouco para desejar de ouvir; fique o que eu dantes quisera para depois ou para sempre; que só de o eu querer lhe deve vir isto. Não tomeis de aqui que eu não folgarei de ouvir a história, porque isto pudera ser se não fora de tristezas para que eu vou achando já agora o tempo curto, tanto folgo com ela; por isso contai-a, senhora, contai-a, pois é de tristezas; gastaremos o tempo naquilo para que me parece que vo-lo deram, a vós e a mim.

CAPÍTULO III

Da conta que a dona dá à donzela de sua vinda àquela terra.

— Coitada de mim — começou ela — que para me magoar busco ainda desventuras alheias, como que as minhas não abastassem; que são tantas, que muitas vezes neste despovoado eu mesma ando espantada de mim como as posso sofrer! Por isso vos não parecia sem causa triste, que assim o sou eu, que se o soubésseis, ainda muito mais vo-lo pareceria do que cuido que parecerei na presença: porque da longa dor, que há já muito tempo que eu passo, tem o cansado deste meu corpo tão costumado a sofrê-la, que já agora vive nela. Este é um dos queixumes grandes que eu tenho do corpo, que não há cousa para que ele por longo costume não seja; que assim há já muitos anos que eu não vivo para mim, e que vim para estes ermos fugindo das gentes, para quem só anoiteceu e amanheceu. Muito me aprouve achar-vos também conforme à minha tristeza, porque nos consolaremos ambas des-

---

9, *a longa dor em que já há muito tempo que eu duro... (Edição de Ferrara).*

10, *tem o coitado deste meu corpo... (Edição de Ferrara).*

17, *...também amiga da tristeza... (Edição de Ferrara).*

consoladas: que isto vai assim como quem é doente de alguma peçonha e se cura com outra. E quando vos eu da primeira vi em o apartamento de toda a gente — que nesta terra há muito — e o muito que também há, que eu não vi nela cousa com que falasse, me moveu a alteração, e não pus em vós os olhos tanto como depois que vos falei; e quanto mais vos olho mais acho que vos olhar. As passadas palavras vossas me dizem que deveis de ter o coração altamente agravado. Nas mágoas que as lágrimas têm feito no vosso rosto (que para esse efeito parece que não foi dado) entendo eu quão dada deveis ser aos cuidados, que não soem eles fazerem-se debalde. Vejo-vos moça; ainda éreis para viver no mundo. Mal haja a desaventura que tão cedo começou em vós e tão tarde acaba em mim! Muito folgaria de me contardes vossa tristeza, uma e uma, que, assim como vo-la eu ouvi, não me abastou mais que para me magoar. Mas pois vós, senhora, assim fostes servida, eu sou contente, e por outra parte folgo pelo vosso. Cá pois não pudestes escusar desventuras, menos é virdes ter mal, que folgueis ter encoberto, que o pesar há este bem: ainda que não aproveite para ele doer menos, aproveitá-lo quero para se sofrer melhor. Isto é assaz para as tristezas das mulheres, que não têm remédios para o mal, que os homens têm: porque, nesse pouco tempo que há que eu vivo, tenho aprendido que não há tristezas nos homens; só as mulheres são tristes: que as tristezas quando viram que os homens andavam de um cabo para outro, e,

16, *tão tarde não acaba em mim! (Edição de Ferrara).*

como as mais das cousas, com as contínuas mudanças ora se espalhavam, ora se perdiam, e que as muitas ocupações lhes tolhiam o mais do tempo, tornaram-se às coitadas das mulheres, ou porque aborreceram as mudanças, ou porque elas não tinham para onde lhes fugir. Cá certamente, segundo as desventuras são desarrezoadas e graves, aos homens se haviam de fazer: mas quando com eles não puderam, tornaram-se a nós, como à parte mais fraca. Assim que padecemos dois males, um que sofremos e outro que se não fez para nós. Os homens cuidam outra cousa, mais do que das mulheres não cuidam. Logo costumaram ter em pouco as suas tristezas. Mas se eles por isso têm razão de serem mais tristes, sabê-lo-á quem souber que mágoa é manter verdade desconhecida.

A isto não pude eu ter um cansado suspiro de dentro de alma; e ela, sentindo-o (com quanto o encobri) estendeu a sua direita mão e, tomando a minha com dissimulação suspeitosa, tornou a falar para mim dizendo:

— Quando eu era da vossa idade e estava em casa de meu pai, nos longos serões das espaçosas noites do Inverno, entre as outras mulheres de casa, delas fiando e outras dobando, muitas vezes para enganarmos o trabalho ordenávamos que

---

14, *mas se elas... (Edição de Ferrara).*
16, *mais tristes ou não... (Edição de Ferrara).*
20. No manuscrito de Madrid falta a palavra *suspeitosa,* deveras deslocada.
23, *espantosas noites... (Edição de Ferrara).*
25. Umas delas fiando, outras dobando.

alguma de nós contasse histórias, que não leixassem parecer o serão longo. E uma mulher de casa já velha, que vira muito e ouvira muitas cousas, por mais anciã, dizia sempre que a ela pertencia aquele ofício; e então contava histórias de cavaleiros andantes. E verdadeiramente as afrontas e grandes aventuras, que ela contava a que se eles punham pelas donzelas, me faziam a mim haver dó deles. Que cuidava eu que um cavaleiro, apostamente armado sobre seu formoso cavalo, pela ribeira de um rio de gracioso campo passeando, podia ir tão triste como uma delicada donzela, em alto aposento, encostada a seu estrado, entre paredes, só, podia estar, vendo-se de altos muros cercada e tantas guardas, feitas para tão pequena força: mas para lhe tolherem as vontades fizeram grandes defesas e para lhe entrar o nojo muito pequenas. Mais maneiras têm os cavaleiros para se mostrarem mais tristes do que são; e mui menos têm as donzelas para se mostrarem mais tristes do que parecem aos homens. Ao menos se eu depois que soube muitas cousas pudera tornar atrás, menos me houveram de magoar do que me magoaram. Que também se deve esperar da dor aquilo para que cada um a tem: de outra maneira não se devia ela ter. Digo isto, senhora, porque pelo lugar onde suspirou vosso coração (que vós de mim quanto podíeis vos quiséreis encobrir) suspeito eu que de alguma grande sem-razão deveis trazer o cuidado magoado: porque a vossa idade não era para matos. Se os homens não acostuma-

---

29, *o sentido magoado... (Edição de Ferrara).*

30, *para matos,* isto é, para procurar os lugares inabitados.

ram agravar donzelas muito fora de sentir; mas das cousas costumadas quem se deve de agravar? Muito bem vos posso dizer isto (ainda que o conhecimento dentre nós seja pouco) porque sou mais velha que vós, e porque é verdade para que se não deve esperar tempo como para as outras cousas. Quantas donzelas comeu já a terra com a saudade que lhe leixaram cavaleiros, que come outra terra com outras saudades? Cheios são os livros de histórias de donzelas que ficaram chorando por cavaleiros que se iam, e se lembravam ainda de dar de esporas a seus cavalos, porque não eram tão desamorosas como eles. Neste conto não entram sós os dois amigos, de que é a história que vos eu dantes prometi. Neles só cuido que se encerrou a fé que em todo os outros se perdeu: e creio que por isso ordenaram outros homens de os matarem à traição, màmente, porque se não pareciam com eles. Cá o mal não tão sòmente aborreceu o bem, mas não quisera ainda que o houvera aí. Lembra-me que quando meu pai contava a vileza da maneira que tiveram os falsos cavaleiros para matarem os dois amigos, dizia que mui folgara de a não ouvir pela não saber, pois não viera em tempo para leixar de ir à terra magoado, que já geração deles não havia aí. Mas se muito para sentir foi a morte dos dois, muito mais para sentir foi a das tristes duas donzelas, que a desventura trouxe a tanta estreita, que não sòmente conveio aos dois amigos tomarem a morte por elas, mas ainda conveio elas tomarem-na por si

---

18, *à traição, màmente* é redundância. *Màmente ou* de má mente.

mesmas. Os dois amigos no que fizeram satisfizeram a elas e a si mesmos a que eram tidos pela cavalaria que mantinham; elas só satisfizeram com eles, o que eu creio que é de maior estima, porque elas por outros não fizeram aquilo, e eles por outras deveram-no de fazer. Assim que como de pessoas que fizeram mais se deve também a morte de sentir mais, mas ainda que a mim igualmente me doem umas e outras, elas porque eram mulheres, e eles porque eram homens. Isto digo eu para vós e para mim, porque meu filho também era homem como eles.

1, *cumpriram com elas... (Edição de Ferrara).*

CAPÍTULO IV

Das palavras que a dona com a donzela passou.

Com estas palavras começaram as lágrimas a correr pelas suas faces abaixo, e ela, soltando a fala, seguiu dizendo:

— Perdoar-me-eis, senhora, que por minha idade bem vos posso chamar filha, se muitas vezes me virdes fazer isto, ainda que a vós não vos devem lágrimas ser estranhas, pois tanto folgastes de buscar lugares sós como estes donde estais, que já em outro tempo dizem que foram cheios de mui nobres cavaleiros e formosas donzelas, e ainda agora por aqui, a lugares, acham moças que guardam gado pedaços de armas e jóias de grande valia, o que parece que faz este vale de mais triste sombra que outro nenhum. Não sei este desconcerto do mundo onde há-de ir ter: um tempo foram estes vales muito povoados, e agora muito desertos; soíam gentes andar neles, agora andam alimárias feras; uns leixam o que outros tomam! Para que eram tantas mudanças em uma só terra? Mas parece que também a terra se muda como as coisas

---

8, *em que estamos... (Edição de Ferrara).*

dela: e esta porque passou o tempo de quando foi leda, veio este de quando havia de ser triste. De muito povoada e de edifícios reais nobrecidos, tornou-se de altos arvoredos (como os a natureza produzia) a povoar. Ainda em alguns cabos deste vale estão algumas antigas árvores que, pelo muito discurso de tempo e de costume de como foram criadas, parecem já doutra plumagem diferente daquela que deviam ser quando, ajudadas de pomareiras mãos, elas produziam seu perfeito fruto. Tudo quanto há neste vale é cheio de uma lembrança triste para quem tiver ouvido o que dizem que aconteceu nele e o que foi já em outro tempo, que pareceria então que não era para vir a este de agora. Mas tudo é assim. Enfim fazem-se umas coisas para outras para que se não faziam. Mal cuidariam os dois amigos, quando aceitaram a empresa de guardar as aventuras deste vale (para só aprazer às formosas duas donzelas) que era para tanto seu desprazer delas. E também mal cuidaram elas, quando aquele dia da grande desaventura se vestiram e concertaram ricamente para verem os dois cavaleiros amigos, que era para os não verem mais. Trazem-nos os nossos fados não sei quê ante os olhos que temos as coisas diante e não as vemos. Tudo anda trocado que não se entende; e assim nos vêm tomar as mágoas quando estamos mais

---

3. Nada mais que alterando a ordem dos elementos que compõem a frase ela se torna clara. Assim: De muito povoada e de edifícios reais nobrecidos, tornou a povoar-se de altos arvoredos como a natureza os produzia.

8, *parecem jaa doutra promagem... (Edição de Ferrara)*. Promagem ou pomagem, preferível a plumagem.

assegurados delas, que nos doem a um mesmo tempo o bem que perdemos e o mal que depois cobramos.

Aqui deu ela um grande suspiro, e esteve como que quisera dizer outra cousa e tornou dizendo:

— Mas tempo é de cumprir o que vos prometi. Cá bem vejo muito há hoje que me leva minha dor após si.

CAPÍTULO V

Do que Lamentor passou naquela parte onde foi aportar com a sua nau, e da batalha que teve com o cavaleiro da ponte e do mais que lhe sucedeu.

— De reinos estranhos dizem que veio num tempo passado ter a estas partes um nobre e famoso cavaleiro. Aportou cerca daqui em uma nau grande carregada de muita riqueza, e sobretudo de duas formosas irmãs, e uma a que ele mais que a si queria. E porque ela não sentisse a saudade de sua terra, trouxeram outra irmã donzela, mais pequena que aquela por quem ele vinha buscar terras estranhas. Cá contam que elas eram filhas de um alto homem, como se depois por tempo suspeitou pelos muitos cavaleiros andantes que pelo mundo foram espalhados naquela sazão. Mas esta história será longa. Aportando Lamentor (que assim se chamava) nestas partes, como digo, havida inteira informação da terra e da gente dela, como ele viesse da maneira que vinha, não queria fazer seu assento em nenhum lugar muito povoado. E, saindo um dia pela manhã

3, *onde este pequeno rio, que por aqui corre, entra no mar. (Edição de Ferrara).*

da nau com todas suas riquezas, começou caminhar por este vale arriba, que para tudo tinham já seus criados o concerto necessário. Em umas ricas andas, que Lamentor na nau trouxera, iam as duas irmãs, porque a maior vinha prenhe de dias. E a manhã era graciosa (porque assim parecia que se acertou para lhe a terra mais contentar) e o ano no mês de Abril quando florecem as árvores e as aves, que até então estiveram caladas, começavam a andar fazendo as querelas do outro ano. Pelo que por entre o arvoredo deste vale (bem podeis cuidar quejando seria então, pois agora é tanto) estavam elas tomando solaz numa cousa, ora em outra, cá tudo buscava Lamentor para que sua senhora e a donzela sua irmã em alguma maneira perdessem a saudade de sua terra e o nojo do mar. Sendo eles acerca de uma ponte que aí logo ainda está, e querendo-a passar, lhe disse um escudeiro que no começo dela estava:

— Senhor cavaleiro, se quereis passar convém que façais uma de duas: ou que confesseis que o

---

5. *Vinha prenhe de dias,* quer dizer estava prestes a ter o parto. O contrário não justificaria o emprego das andas.

9-10, *começavam a andar fazendo as querelas do outro ano...* isto é, atendendo a que no latim *querela* significa cantiga de embalar, começavam as aves com seus cantos pré-nupciais.

11-12. Que tal.

12, *eles... (Edição de Ferrara).* Quem deve estar em causa quanto à necessidade de consolação são as duas irmãs; elas, pois.

13. Termo obsoleto que significa consolação.

cavaleiro que mantém este passo quer bem com mais razão que ninguém, ou o determinará a justa.

— Muitas coisas havia mister de saber (lhe respondeu Lamentor) quem houvesse de responder a essa pergunta; e como se pode saber se quer ele bem com mais razão, sem ouvir primeiro onde ou como o quer? Mas por agora disso eu não me curo, porque a mim basta-me saber que, por mais razão com que ele queira, eu o quero mais que ele e que todos os do mundo. Isto, que sei certo de mim, me escusa saber mais dele. E a condição com que ele guarda esta ponte e a razão que tem para isso guarde-a para si, que poderá ser que parecera a mor do mundo. Deveis, bom escudeiro, dizer-lhe que faria bem leixar-nos passar, antes que o julgue a justa.

O escudeiro que já olhara para as andas, e nunca cousa tão bem lhe parecera, lhe tornou:

— É escusado para ele esta embaixada, porque está tão ufano, que não pode agora ninguém com ele. E, na verdade, tem causa, porque fará daqui a oito dias três anos que ele mantém este passo, sem achar cavaleiro que o vencesse, sendo o mais continuado deles, que por toda esta terra há. E então se acaba o prazo, que lhe foi dado por uma donzela mais formosa que nestas partes se sabe, filha do senhor daquele castelo, que ali parece, em que lhe ela prometeu seu amor, sendo esta ponte por ele guardada com a dita condição. Mas se ele fosse sabedor da companhia que vós trazeis, com razão devia temer agora mais que nunca. Mas eu não lho posso ir dizer, que já outras vezes lhe levei assim

---

6-7. *Onde e como o quer? (Edição de Ferrara).*

embaixadas, e ele tornava-me má resposta e, sucedendo depois à sua vontade, me o deitava em rosto, como que minha tenção ficasse pelo seu acontecimento culpada.

— Ora pois determine-o a justa, disse Lamentor, olhando já para as andas. E, tirando-a dum tiracolo, o escudeiro tocou uma corneta.

E daí a um pouco leixou-se sair dum espesso arvoredo, que além da ponte estava, um cavaleiro bem armado a cavalo, e vindo-se direito para a ponte, ali houveram ambos justa, em que meu pai contava muitas cousas de grande esforço e valentia, que vos eu não contarei, porque ainda que as mulheres folguem muito de ouvir cavalarias, não lhes está bem contarem-nas, nem elas parecem nas suas bocas como nas dos homens que as fazem. Mas contudo dissera-vo-las eu se me lembrassem inteiramente; porém não me lembram, senão que contava meu pai que romperam três lanças, e à quarta caiu o cavaleiro da ponte, e com a queda grande do encontro (que também foi grande) ficara sem se poder levantar um pouco. Lamentor se apeou rijo; e, quando chegou, o achou sem fala e, descobrindo-o, lhe pareceu como mortal. Mas daí a um pouco acordou todo mudado na cor e, levantando os olhos para Lamentor, que só com ele estava, com um suspiro:

— Ai ai, cavaleiro, lhe disse, quem vos nunca vira prouvera a Deus, ou que ao menos vos não tornara a ver!

---

1. Frase omissa: *cuidando que acertava... (Edição de Ferrara).*

Lamentor houve dele dó, maiormente de suas lágrimas que lhe viu e, tomando-o pelo braço, o ajudou a erguer, dizendo:

— Do amor, senhor cavaleiro, vos podeis queixar com razão que, assim como vos ele a vós fez aqui guardar este passo, me fez a mim fazer-vos nojo; de vo-lo ter feito me pesa como homem, que fazer-vo-lo foi como namorado. Noutra alguma cousa de vosso contentamento vo-lo emendarei quando mandardes.

O cavaleiro da ponte, que assim o viu mesurado, bem lhe pareceu razão de lhe agradecer aquela vontade; mas, camanha era a dor que tinha no coração, que não pôde acabar de forçar a sua. Contudo, porque era de alta criação e amor demasiado, lhe disse, como desculpando-se:

— Não vivo em terra de razão, mas eu irei tomar vingança dele noutras alongadas desta, onde não veja cousa com que os meus olhos descansem: ainda que esta vingança bem me pesa, porque há-de ser de mim e de meu cuidado.

E assim se virou para outro cabo e deu a andar pelo vale abaixo. E como ele, da queda grande que dera, ficasse mal tratado, e (segundo depois pareceu) quebrasse alguma cousa de dentro, não foi muito pelo vale abaixo que, acabando um seu escudeiro de tomar o cavalo, começando de ir após ele, o alcançou perto dali; e achando-o já lançado

---

9. Vos darei reparação do dano causado.

15. A edição de Ferrara apresenta uma versão diferente e por certo mais lógica: *O amor demasiado — lhe disse, como desculpando-se — não vive em terra de razão, mas eu irei tomar vingança dele noutras, alongadas desta.*

no chão de bruços foi para o erguer e viu que ele era em estado de morte. Começou a chorá-lo feramente, e Lamentor, que o ouviu, deu a correr para lá. E, vendo como estava o escudeiro com seu senhor como mortal nos braços, desceu-se prestesmente e foi-se para ele, e vendo-o no derradeiro termo de sua vida e como esmaiado:

— Que é isto, senhor cavaleiro (lhe começou a dizer) esforçai, que este é o passo verdadeiro para que tomastes a ordem de cavalaria. E ele, acordando, pôs os olhos em Lamentor e estendeu-lhe vagarosamente a mão direita, como em sinal que parecia de paz. Com uma voz cansada no esforço:

— Se me ele pudera valer — disse — perdoara eu tudo, e pois me falece agora aqui quem me a mim tanto cumpre de ver...

E com a força que se fez para dizer isto (como homem que tinha alguma dor grande de dentro) foi-se-lhe o fôlego e, cerrando os seus olhos, ficou como passado deste mundo. Mas daí a um pouco os tornou a abrir, e fazendo menção com o rosto para aquela parte donde estava o castelo da donzela por quem guardava o passo e que todo aquele vale descobria, levando para lá os olhos, parece que lembrando-lhe que não tinha já mais que oito dias para acabar o prazo que lhe fora assinado, e como coisa que lhe mais magoava, ainda disse estas derradeiras palavras:

— Ó castelo, quão perto agora antes estava de vós?!

E com isto leixaram-se-lhe os seus olhos ir cansadamente cerrando para sempre.

CAPÍTULO VI

Em que se diz a razão porque o cavaleiro da ponte sustinha aquele passo, e de como sua irmã ali veio ter.

Chegadas eram já ali as andas com as duas irmãs e toda a outra gente, e vendo como o cavaleiro da ponte (que desarmado já o rosto tinha) era de formosura e presença estremada e ainda mancebo, todos ficaram muito tristes de camanho desastre. Lamentor que via como o escudeiro estava lançado aos pés de seu senhor tristemente chorando, havendo dele compaixão, que, assim na prática que com ele tivera antes na ponte, como naquilo, lhe parecera de boa maneira e discrição, foi-se para o consolar; e tirando-o fora dali donde estava chorando, lhe disse:

— Até nas cousas proveitosas a temperança é muito louvada; os choros não aproveitam para nada; por isso é muito mais necessária neles, nem se devem de ter senão como cousa que se não pode escusar. Vosso senhor faleceu como cavaleiro; e ainda vos digo que as pessoas que bem lhe queriam

---

10, *criação... (Edição de Ferrara).*
13, *necessária neles a temperança... (Edição de Ferrara).*

não devem ser tristes, antes se devem alegrar muito, que foi de tão alto coração que não pôde suportar ser vencido; que sê-lo, ou não, está na ventura.

— Desta desaventura minha, só (disse o escudeiro chorando) pois fico, não me pesa tanto a mim, senhor, como por ser tomada por quem é.

— Os cavaleiros por amores, tornou Lamentor, (desejando saber o que isto era) tudo lhes está bem fazer.

— Em lugar, lhe respondeu o escudeiro, que lhes seja agradecido. Mas meu senhor sobre todas as coisas do mundo queria bem a uma donzela, que não tinha para ele mais armas que a formosura; porque a vontade (segundo ela mostrou) nunca foi dele; mas antes disseram algumas pessoas de sua casa que o dia, que ela concedeu o prazo, chorou muitas lágrimas; e que nunca o concedera senão fora por seu pai, que lhe era tão afeiçoado a meu senhor (e com razão) que, ao cabo de longo tempo, alcançou isto de sua filha, e ainda à hora de sua morte.

Todos ficaram espantados de ouvir isto, porque o cavaleiro da ponte era formoso, e o fizera na justa grandemente. Lamentor, a quem disto pesou muito pelo esforço que ele na justa lhe vira, com grã menencoria disse:

— Consolai-vos que amor nunca perdoou desamor: tarde ou cedo vereis vingança.

20, *a cabo... (Edição de Ferrara).*
26, *lhe conhecera... (Edição de Ferrara).*
28, *perdoará desamor. (Edição de Ferrara).*

O escudeiro chorando, tornando-se a lançar aos pés de seu senhor:

— Ai, senhor cavaleiro — disse — para a morte não há aí vingança.

Lamentor o tornou a erguer dizendo-lhe que para o chorar haveria tempo; que por então curasse de entender no que havia de fazer. O escudeiro lhe disse que iria daí a uma jornada donde estava uma fortaleza de seu senhor, em que vivia uma sua irmã viúva, a quem o ele dera para lhe comer as rendas em tanto que ele seguia as aventuras; e daí viria o concerto para o levarem ao jazigo de seus antecessores; e que por então leixasse Lamentor um seu escudeiro que o guardasse.

O sol ia já declinando, e era tempo de repousar, mormente quem do mar saía. E, porque não muito longe daquele lugar e da ponte estava um assento gracioso de arvoredo e corria por entre ele água, ordenou Lamentor dali jantar; e assim o fez. Depois, dizendo ao escudeiro que queria ir repousar naquele lugar, que lhe daria as andas em que o levassem, e que se lhe mais cumprisse que de boamente o faria, o escudeiro tendo-lho em mercê, disse-lhe que assim fosse. E começando-se a ordenar tudo, foi assim ser acaso que a irmã do cavaleiro da ponte (porque sabia que não havia mais que oito dias para se acabar o prazo em que seu irmão, que ela muito queria, todo o seu contentamento tinha posto) determinara de vir aí o dia dantes com grandes concertos e atavios, como aquela que

---

15, *empinado... (Edição de Ferrara).*
15, *repousar e comer... (Edição de Ferrara).*

lhe devia, por amor e obrigação, acompanhá-lo até fim, cá havia ela por certo que [a aventura] acabaria com grande honra, pois tanto tempo mantivera sua aventura, que não havia já cavaleiro em toda essa parte que por ali não tivesse passado. E acertou então de vir. E, vendo aquele ajuntamento e as andas, não soube que dizer, mas logo lhe deu o coração uma volta, e chegando-se rijo viu o escudeiro, que ela bem conhecia, andar correndo. Perguntou-lhe que cousa era aquela. Olhou e viu o irmão jazer já sobre uns panos ricos (que Lamentor lhe mandara pôr) e, apeando-se apressadamente, foi correndo para ele e lançando os seus toucados em terra começou a ir, carpindo-se cruelmente os seus cabelos, que longos eram, para onde o corpo de seu irmão morto jazia, dizendo:

— Para a dor grande não se fizeram leis.

Isto dizia ela, porque era costume muito guardado naquela terra, que ficara de outro tempo, sob grandes penas proibido, não se pôr mulher nenhuma em cabelo senão por seu marido. Chegando a ele o abraçou muitas vezes e o beijou, dizendo:

— Irmão meu, que morte foi esta, que assim vos levou tão asinha que vos não pude falar? Quão enganada me trouxe até aqui do vosso castelo a desaventura? Que desconcertos da fortuna são estes? Para verdes outrem tomáveis vós esta empresa; e eu para ver a vós parti de casa; e tudo era para não vermos o que desejávamos. Triste de

---

2. A palavra *aventura* encontra-se deslocada na Edição de Évora.

9, *andar chorando... (Edição de Ferrara).*

14, *carpindo-se crimemente. (Edição de Ferrara).*

mim que, quando vós com outro rosto fostes correndo abraçar-me, dizendo: — Daqui a três anos, senhora irmã, haverei a cousa do mundo mais desejada e, de vossa licença, que mais quero — logo me deu na alma, e disse-vos: — Que largo prazo esse para quem o recebe, cá quem o põe parece que o não põe para al. Mas vós que para isto quisestes este bem, como que não folgáveis de o haver, me tornastes: — O grande amor assegura esta demanda. — Ainda mal muitas vezes, porque foi tão grande: mas não me comerá a mim a terra com esta dor sem fazer, todo meu poder que custe o largo prazo, alguma cousa àquela que tanto custou a vós e a mim.

As duas irmãs, que já dantes eram descidas para darem as andas, se foram para ela e, tomando-a entre si, começaram a agasalhá-la, à maneira de a quererem consolar, que a linguagem daquela terra não a sabiam. Ela com alta voz disse:

— Leixai-me, senhoras, chorar meu irmão, pois não tem outrem que o chore.

Chegou-se Lamentor, que sabia a fala e andara todas as partidas, e disse:

— Os cavaleiros, senhora, que em feitos de armas acabam como vosso irmão, não devem ser chorados como os outros homens, cá eles acham o que buscam. Vós, senhora, posto que muitas cousas tenhais para ser triste, pela perda que perdestes nele, que era o melhor cavaleiro desta terra toda, ten-

---

8, *folgáveis de me ouvir aquilo... (Edição de Ferrara).*

9. *O amor grande — me tornastes — segurança demanda. (Edição de Ferrara).*

des também muita razão de louvar a Deus por ele ser tal; leixai o pranto e vede o que mandais que faça, que parece, senhora, escândalo curardes mais de vossa dor que de vosso irmão, enquanto o tendes diante.

Nisto chamou o escudeiro, que lhe dissesse como estava dantes ordenado. E ela o houve por bem, e fez-se assim. E puseram o cavaleiro da ponte sobre as andas em ricos panos: e a irmã, chorando, pediu que a metessem com ele. Lamentor a tomou pelo braço, e a donzela pelo outro (que a irmã não podia) e puseram-na dentro. E querendo Lamentor soltar os paramentos das andas, como cousa de tanto dó, se chegou mais para ela e disse estas palavras:

— Ainda que o tempo, senhora, seja para outra cousa, porque não sei quando vos tornarei a ver, de mim sabei certo que podeis fazer a vosso serviço. O mais sabereis do escudeiro.

E ela não tornou resposta, que ia coberta toda, lançada já sobre o rosto de seu irmão, chorando. Ele soltou os paramentos, e assim se foram.

---

9. *envolto em ricos panos. (Edição de Ferrara).*

CAPÍTULO VII

Como depois de partida a irmã do cavaleiro da ponte, por aprazer aquele lugar a Lamentor, ordenara fazer ali seu assento.

Tristes ficaram todos por aquela desaventura, mas Lamentor, que não esquecia quem trazia consigo, alimpando os olhos das lágrimas que lhe aquela partida assim fazia, veio-se para onde sua senhora com a irmã estava, com estas palavras:

— Ora nos podemos, senhora, ir, que na mortalha alheia não temos mais que fazer.

E, tomando-as cada uma por sua mão, mandou os seus para aquele lugar que dantes lhe parecera bem, dizendo-lhes o que haviam de fazer entrementes.

Foram-se então todos pôr sobre a ribeira deste rio, olhando para ele.

Falando em outras cousas estiveram ali um pouco, porque o mais asinha que ser podia foi armada uma rica tenda e concertado de comer, que todo vinha em grande abastança. Repousaram até bem tarde que as andas tornaram. E por não serem já horas para caminhar se leixaram ficar ali aquela noite (que a fortuna tinha já ordenado que fosse para sempre). Belisa (que assim se chamava aquela

senhora que vinha prenhe) em mentes ali estiveram, antes que as andas viessem, adormeceu-se: e, acordando um pouco agastada, viu a par de si Lamentor, e lançando-lhe amorosamente os braços sobre o pescoço, esteve assim cuidadosa um pouco. E ele vendo que sonhara, pelo desacordo com que acordara, lhe perguntou:

— Que cousa, senhora, foi essa?

— Sonhava, senhor, lhe respondeu ela, que estávamos, vós e eu, ambos presos de um fio, e eu cortava-o, e que vos não via mais.

Lamentor não lhe pareceu senão que lhe atravessavam aquelas palavras o coração (como na verdade enfim o foram) e assim ele com isto que em si sentiu se entristeceu grandemente. E adivinhava-lhe, parece, a alma seu mal; e não pôde tanto dissimular que o não conhecesse ela, e disse-lhe:

— Que é isto, senhor, que assim vos mudastes com o que vos disse?

Mudando-lhe ele o propósito em cousa que também lho mudasse a ela, por lhe escusar alguma imaginação pelo perigo em que vinha da emprenhidão, lhe respondeu dizendo:

— Ei-vo-lo, senhora, de confessar, ainda que nisto force minha condição, que nem dizer-vo-lo, nem cuidá-lo não quisera. Houve menencoria, perdoai-me (que de vós não se pode haver) mas como os sonhos não venham senão do que homem traz na fantasia, pareceu-me que porque me dissestes que sonháveis que me não víeis mais, que era des-

---

1, *em mentes* por entrementes.
24. *Ei-vo-lo* por Hei-de vo-lo.

confiar do que vos quero e de mim, sendo vós tão segura por ambas elas ou por cada uma.

Ela com a boca cheia de riso, que abastava para o desagastar, (se ele aquilo cuidava) se chegou mais para ele, dizendo-lhe:

— Bem longe viera eu buscar essa desconfiança e vos perdoo que parece que é este dia assim aziago, que tantos desastres acontecem nele.

Nisto, e em outras cousas, passaram aquele dia, enquanto houve sol, o qual com mais prazer se havia de pôr do que amanheceu, pelo que ouvireis.

10, *com mais nojo... (Edição de Ferrara), para mais nojo... (Manuscrito de Madrid).*

CAPÍTULO VIII

De como a Belisa vieram em crescimento as dores do parto e, parindo uma criança, faleceu.

Vinda a noite, repousando já todos, Belisa se começou a agastar levemente. Mas, crescendo-lhe a dor cada vez mais, houve de chamar por sua irmã. Acordando ela, que perto em uma cama dormia, lhe contou Belisa de como a dor lhe ia em crescimento. A senhora Aónia (que assim se chamava a irmã) acordou as mulheres de casa e uma dona honrada que de parteira sabia muito, e para isso a trouxera Lamentor, porque, quando já partira, Belisa era prenhe; e, senão fora porque se não podia já encobrir, não a trouxera ele assim a terras estranhas. Mas na necessidade o amor não achou outro melhor remédio que desterro. Belisa, que a Lamentor queria sobre todas as cousas do mundo, disse escontra as outras, que a ajudassem a tirar do leito em que jazia para a camilha de sua irmã, pelo não acordarem, que estava cansado do caminho. Assim se fez o mais manso que puderam. Grã parte da noite passaram em fazer remédios para a dor de

---

4, *camilha... (Edição de Ferrara).*
15, *escontra as outras,* dirigindo-se às outras.

Belisa; mas a senhora Aónia, que via sua irmã cada vez com mais agastamentos:

— Quereis, senhora irmã, lhe disse, que chamemos meu irmão?

— Para tomar paixão, lhe disse ela, não o chameis vós, que prazerá a Deus que se me irá esta dor; e isto ao menos ganharemos dela.

— Assim praza a Deus — falou a dona honrada de acolá donde estava — porque não me parece nenhum sinal, senhora, de parirdes tão cedo; deve ser isto do caminho ou mudança da terra.

Porém era já manhã quase e a dor não amansava, antes se fazia maior; e começavam-lhe vir uns agastamentos e desmaios ao coração. A primeira vez que lhe isto veio, suportou-o ela; e a outra vez também; mas quando veio a terceira, em camanho crescimento lhe veio, que lhe tolheu a fala um pouco. Tornando ela em si, olhou para sua irmã, dizendo-lhe que já agora lhe pesara de o não chamarem. E porque nisto se começou a sentir melhor, tornou asinha escontra sua irmã, que já ia para o chamar, dizendo:

— Mas não no chameis, que parece que me acho melhor.

Um pedaço grande esteve então Belisa desagastada. E, porque uma rica camisa que tinha vestida estava mal tratada dos remédios que sobre o coração lhe punham, escontra as mulheres disse:

— Vistam-me a mim outra camisa, que se morrer, não vá sequer assim.

---

19. *Chamem-mo, chamem-mo !... (Edição de Ferrara).*

A senhora Aónia se pôs a chorar com estas palavras. E olhando para ela Belisa lhe vieram as lágrimas aos olhos e, querendo-lhe dizer alguma coisa, a dor não a leixou, que então começou mais apertadamente que dantes. Aquela dona honrada, que a via mais agastada que nunca, disse que seria bom erguerem-na de todo. E querendo-a sua irmã tomar por um cabo, se virou Belisa a ela dizendo-lhe:

— Não sei que há-de ser isto.

Mas camanhos foram os agastamentos e tão apressados que não houve aí acordo para a erguerem de todo, e ficou como assentada. E enfim foi assim a desaventura que em breve espaço a pôs no extremo da morte e que já a ela lhe ia falecendo a fala. Levantando os olhos para sua irmã, como forçadamente, disse:

— Chamem-no, chamem-no.

Foi a senhora Aónia, rijo chorando, chamar Lamentor, que no mais alto sono dormia, dizendo-lhe:

— Acordai, senhor; acordai, que vos levam Belisa.

Ergueu-se apressadamente Lamentor, levando a mão a um terçado que a par da cabeceira tinha. Mas vendo chorar todos derredor da cama de Aónia, e Belisa, a que tinham erguida até os peitos, como passada deste mundo, abraçando-a se chegou para ela, dizendo:

— Que cousa foi esta, senhora?

E as lágrimas lhe enchiam com estas palavras todo o rosto seu e dela. Levantou então Belisa cansadamente uma mão, com a manga da camisa tomada, para lhe alimpar os olhos; mas não seguin-

do ela já a vontade, se lhe leixou tornar a cair para baixo. E ela pondo os olhos fitos nele:

— Não mais... — disse. — Para sempre!... — e daí os foi cerrando vagarosamente, como que lhe pesava de o leixar assim.

Lamentor, que isto não pôde ver, caiu doutro cabo como morto, e assim esteve um grã pedaço. Neste meio tempo, ouvindo a dona honrada chorar uma criança na cama e cuidando o que era, atentou e achou uma menina nascida que chorava muito. E tomando-a então nos braços (com os olhos não enxutos) disse assim:

— Ó coitadinha de vós, menina, que, chorando vossa mãe, nasceis. Como vos criarei a vós, filha estrangeira, em terras estranhas? Mal vá ao dia que assim saímos do mar para passar toda a tormenta na terra!

Mas como sabia o que era, ordenou de a curar, tomando o negócio todo sobre si: que Lamentor e a irmã, bem via que outro mor carrego tinham. E assim mandou o que se havia de fazer, e proveu sobre tudo.

---

3. Esta fala patética está omissa na *Edição de Ferrara*. Alinhada seria: — *Para sempre jamais!* — e foi cerrando os olhos.

CAPÍTULO IX

Do pranto que Aónia fez pela morte de sua irmã Belisa.

A senhora Aónia, lembrando-lhe do que vira fazer à dona viúva sobre o corpo de seu morto irmão, que o devido costume ao tempo do luto lhe parecia então, posto que em sua terra se não usasse, pondo-se sobre o corpo de sua irmã, rasgando os toucados dos seus formosos cabelos, que longos eram à maravilha, a cobriu toda e também a Lamentor, que ela também cuidou que era falecido, que, pelo grande bem que ele queria a sua irmã, leve lhe foi isto de crer, vendo-o da maneira que via. Depois de muito cansada, em alta e dorida voz, começou por estas palavras:

— Triste de mim, donzela, de pouco tempo desamparada em terra alheia, sem parente e sem ninguém e sem prazer. Como vós, senhora irmã, me pudestes leixar só, tão longe, em tal lugar? Para vos tirar a saudade me dizíeis vós que vinha eu cá; e vós para ma dar a mim vínheis, malaventurada de mim! Para outras fadas cuidava eu que me criava a mim minha mãe, e ela foi a enganada,

---

11. Dorida, palavra omissa na *Edição de Ferrara*.

e eu a que hei-de pagar agora o engano. Que sem-razão camanha, senhor cavaleiro, me é feita diante de vós! E de quantas donzelas de vós foram já emparadas, eu só estava para o não ser! Coitada de mim, que farei, onde me irei?

E assim se lançou sobre o corpo de sua irmã. Mas, ao mentar do cavaleiro que ela fez, Lamentor a ouviu como por sonhos e, tornando em si que viu diante tantas mágoas, ficou sem fala um pouco e, vendo logo como se matava toda a senhora Aónia, esforçou-se para a ir ajudar, que tão cruelmente se não matasse, dizendo:

— Esforçai, senhora, pois a fortuna quis que um tão desconsolado vos console.

E foi-a a erguer; e, querendo-lhe falar, lhe faleceu a fala.

Ali houveram ambos mui triste pranto, e entre si se diziam um ao outro palavras de muita mágoa, começadas pela dor, rotas pelo pranto. E era já manhã clara. Acertou assim que àquela hora chegava um cavaleiro à ponte, e vinha de longes terras buscar aquela aventura por mandado de uma senhora que lhe queria bem a ele: mas ele a ela devia-lhe mais do que lhe queria. Não achando ninguém na ponte e ouvindo perto dali tão grã pranto, pareceu-lhe algum mistério ou cousa alguma de dor: deu a andar para onde era e, vendo uma rica tenda e ouvindo muita gente dentro e fora chorando, perguntou a um servidor, que topou,

---

7. *Mentar* é verbo obsoleto que significa mencionar, referir passageiramente.

11, *e movea-se pera hir arredar. (Edição de Ferrara).*

que cousa era aquela; e ele lho contou. E apeando-se ele então (mandando primeiro diante ao escudeiro de Lamentor) muito mesurado e humildemente entrou após ele. E entrando, que viu a senhora Aónia, que em grande extremo era formosa, soltos os seus longos cabelos que toda a cobriam, e parte deles molhados em lágrimas, que o seu rosto por alguma parte descobriam, foi logo trespassado do amor dela, sem haver quem por parte doutrem fizesse defesa alguma: que como o amor viesse juntamente com a piedade, parecia que vinha só; mas tanto que se descobriu, eram já conhecidas tantas razões por parte da senhora Aónia, que não tão sòmente lhe esqueceu a outra, mas não lhe lembrou mais, senão para lhe pesar do tempo que gastara em seu serviço. Nesta maneira foi ele preso do amor da senhora Aónia, e depois veio a morrer por ela. Este foi um dos dois amigos de que é a nossa história. E por isto soía meu pai dizer que tornara o amor deste cavaleiro a morrer na paixão onde se levantara. Mas para isto seu tempo lhe virá.

6, ...*os seus louros cabelos (Edição de Ferrara).*

CAPÍTULO X

De como Narbindel, vindo-se combater com o cavaleiro da ponte, vendo o pranto que se fazia na tenda de Lamentor, entrou dentro ao consolar

Dito era já a Lamentor como o cavaleiro entrara, mas ele não no viu senão quando já o achou a par de si, dizendo-lhe palavras de consolação. Lamentor as recebeu dele o melhor que pôde, mais por lhe não dar causa de se deter muito, que por estar para isso. Mas depois de estarem um pouco, vendo Lamentor como ele não fazia menção de se ir, forçadamente lhe disse:

— Senhor cavaleiro, a vossa visitação vos tenho em mercê. Prazerá a Deus que em outra mais alegre vo-la pague. Nós vimos de caminho, como sabereis, as pousadas não são mores do que vedes; não há aí outra casa senão esta, pequena para a tristeza e para nós. Deveis-vos, senhor, ir para onde íeis; não tomareis ao menos parte de tanto nojo, porque as mágoas alheias também doem a quem as vê. Perdoai-me que não tenho agora outra cousa em que vos sirva vossa boa vontade.

O cavaleiro, passando, pôs os olhos na senhora Aónia.

— Eu não tenho donde ir daqui — lhe disse.

E parece que lembrando-lhe que a havia de leixar, caíram-lhe umas ralas lágrimas pelos peitos. Mas, como ele visse que ali não tinham mais que aquela tenda e outra pequena, bem lhe pareceu que não podia caber naquele tempo ali gente estrangeira, ainda que ele no seu coração já o não era. Erguendo-se então, seguiu sua fala dizendo:

— Deste nojo, senhor, não me pode a mim caber já pequena parte por onde quer que vá; de boamente vo-lo ajudara a passar; mas enfim vós, senhor, cavaleiro sois; e mais pois vindes de longe terra (como soube de um servidor vosso) não deve ser este o primeiro que tendes visto, porque, nas suas mesmas terras, os que nunca se mudam delas não se podem escusar de ver nojo cada dia e cada hora do dia.

Dizendo-lhe mais que visse o que lhe mandava, se despediu dele com os olhos postos na senhora Aónia; e assim foi um pouquichinho, que a tenda não lhe deu mais lugar. Mas quando se houve de virar todo, com muita dor sua, os arrancou dali.

Assim se saiu da tenda, e assim o leixaremos para seu tempo.

---

1. Em vez de *a havia de leixar, havia de deixar o coração* na *(Edição de Ferrara)*.

7. Quer dizer, submeteu-se à injunção que Lamentor lhe fazia em termos simultâneamente tão delicados e peremptórios.

17. *Mandava, se despediu dele... (Edição de Ferrara)*.

CAPÍTULO XI

De como se deu sepultura ao corpo de Belisa, e do pranto que com ele fez Lamentor.

Lamentor se tornou a seu pranto, que muita causa tinha para ele. Mas estando ele e a irmã assim por um grande espaço de tempo, que ia já o Sol contra o meio-dia, a dona honrada (que ama se chamou depois pela criação da menina) como era já de dias, era de muito saber, e chegando-se para onde ambos estavam no seu pranto:

— Senhores, — começou a dizer — para o pranto muito tempo nos ficará, que a desaventura parece que é nesta terra como na nossa. Leixai as lágrimas que não é agora tempo para vós, senhor, não parecerdes cavaleiro, nem vós, senhora, para parecerdes tanto mulher. Lembre-vos que a tristeza é de todos, que camanho mal foi o nosso que não tão sòmente o hemos de ter, mas ainda nos havemos de consolar uns aos outros. E, pois temos a dor para sempre, doamo-nos sequer como de nós que ficamos vivos. A sepultura é devida aos mortos, hão-se de fazer as cousas necessárias. Olhai que é o derradeiro dom da vida. Termos o corpo da senhora Belisa mais sobre a terra parecerá fazermos-lhe força no mais pouco de sua partida.

E porventura se deve ela anojar negarmos-lhe o seu, quando não nos há-de pedir mais em outra cousa.

Acabadas estas palavras, que não foram ditas sem muita dor de todos, tomou ela a senhora Aónia como sobraçada, e a levou para a tenda pequena, que chegada àquela estava. E daí tornou por Lamentor, e também o ajudou a ir para lá; e depois entendeu em concertar o necessário. Mas Lamentor não quis que levassem o corpo de Belisa para outra parte, antes mandou que ali, onde falecera, fosse a sua sepultura: porque logo assentara em sua vontade de nunca mais, enquanto vivesse, se mudar daquele lugar. E assim o fez. E porque nos reinos donde eles vinham se costumava, antes que mandassem os corpos mortos à terra, virem todos os parentes a beijarem-nos nas faces, e os familiares nos pés, e o parente mais chegado por derradeiro de todos (parece que faziam aquilo como saudação, porque aquela transmigração fosse como em boa hora) como tudo foi acabado, a ama veio chamar a Lamentor e a senhora Aónia, que foi rijo lançar-se sobre as faces de sua irmã. E, beijando-a muitas vezes, levantou a voz dizendo:

— Noutra terra muitas tivéreis vós que fizeram isto mais que nesta.

E aqui começou a rasgar o seu formoso rosto, e todas alevantaram um triste pranto à maravilha. Cada um lembrava a sua dor, e assim a iam a beijar nos pés. Lamentor, a quem mais doía onde ainda nunca outra cousa lhe doera, depois de muitos

---

7. *pegada naquela (Edição de Ferrara).*

suspiros arrancados de alma, olhando pelo que devia fazer pelo costume, desta maneira disse:

— Senhora Belisa, como vos hei-de saudar eu? Por mim leixastes vós vossa mãe, vossa terra, vossos amigos e parentes; quem vos pode apartar de mim em terras estranhas para me fazerdes tão triste? Não me quereis vós a mim camanho bem? Como me leixastes só? Mas alguma desaventura me houve inveja, que o que me vós fazíeis para ser o mais ledo cavaleiro do mundo, para eu ser o mais enojado o fazeis vós. Malaventurado cavaleiro, que para vós, senhora, estava ordenado uma sepultura em terra alheia, e para minha vida duas: mas a vossa terá o corpo; e a minha, vida e alma. Não era mais rijo, senhora, o fio que nos a nós tinha a ambos? Como o cortastes vós sem mim? Não vos lembrou que era eu o que vos não havia de ver mais? Mas pedistes, senhora, me disseram, que vos levassem de a par de mim por me não tirarem do repouso, e outrem tirava-mo estando a furto de vós. Não abastou a minha desaventura haver de ser a mais triste do mundo, mas ainda a maneira de como me veio o havia também de ser? Não me chamaram senão para vos não ver; e ainda então vos doestes de mim, que quiséreis alimpar-me as lágrimas, e a minha desaventura não queria. Faleceu-vos a mão, como que vos leixava sendo já senhora da vontade a morte, e com os olhos derradeiros postos em mim me fostes mostrando que com a alma se vos ia tam-

---

26, *quisereis me alimpar as lágrimas e a minha desaventura*. (Edição de Ferrara).

bém a vontade. Mais devidos eram os meus anos a este vosso caminho, mas mais o era eu às tristezas. E pois fico para elas, o melhor é ficar sem vós.

É com isto compriu o costume. Mas a ama, que via não haver aí outrem sobre quem carregasse o cuidado das honras derradeiras senão nela, arredando a Lamentor e a senhora Aónia, tomou uma rica toalha nas mãos, e lançando-a por cima do rosto de Belisa:

— Agora jámais, disse, vos cumpre olhar para o céu onde ela bem-aventuradamente está, que isto é terra. Quem a amar, pois já ela a leixou, parece que errará ao bem que lhe quiser.

Palavras eram estas de muita consolação, se soubera a dor presente consolar-se. Mas assim a enterraram.

Leixemos aqui as cousas de Lamentor (que foram muitas e extremadas que ele fez, pelo muito que a Belisa queria) porque como este conto seja dos dois amigos, agravo se lhes fará, ao muito que deles há para dizer, gastar-se noutrem parte alguma do tempo.

CAPÍTULO XII

Do que sucedeu ao cavaleiro que saiu da tenda, vencido do parecer e fermosura da senhora Aónia.

Torno-vos ao cavaleiro que saiu da tenda tão triste, que não pôde alongar-se muito dali, e, apeando-se, assentou-se ao pé de um freixo que acerca daquele ribeiro e da ponte estava; e por cuidar mais à sua vontade mandou ao seu escudeiro, arredado dali, que desse de comer ao seu cavalo ribeira daquele rio: que logo se temeu de o ele ver assim, e cair em alguma suspeita que fosse contar a Cruélcia (que era aquela por quem viera ali, como ouvistes) porque muito lhe eram todos os seus afeiçoados; que como ela quisesse a ele muito grande bem, a eles não se podia ter que lho não mostrasse tudo em as obras. Donde nascia irem-lhe eles dizer e contar tudo o que ele passava, assim que o que ele fazia por bem lhe saía às vezes em mal, que para

---

6. Deixasse *pastar o cavalo pelas margens do rio* — é o sentido, tanto mais que ribeira significa margem. Falta ali uma preposição, mas a construção elíptica era comum no português da época.

7. *Aquelísia* na Edição de Ferrara e de Colónia. *Cruelícia* no Manuscrito de Madrid.

camanho bem lhe ela queria, não podia leixar de ouvir pelo tempo cousas que a magoassem, nem também ele não as podia leixar de fazer, pelo pouco que lhe queria. Como de feito, assim por derradeiro, lhe foi isto causa a ele de triste fim. Mas assentado o cavaleiro ao pé do freixo, esteve por longo espaço revolvendo muitas cousas na fantasia. E, quando se lembrava do que a Cruélcia devia, parecia-lhe sem razão leixá-la: por outra parte, lembrando-se de quão bem lhe parecera Aónia, parecia-lhe desamor não lhe querer bem. Tinham-no assim entre ambas, formosura e obrigação, a ver quem o levaria: mas por derradeiro pôde mais o de mais perto. Soía dizer meu pai que fora vencida a obrigação, como cousa que lhe não vinha de direito o pago no amor, e vencera a formosura, como de quem de só o amor se pagava.

5. *A ela... (Edição de Ferrara).*

CAPÍTULO XIII

Em que se diz quem fosse Cruélcia, e do que o cavaleiro passou com seu escudeiro.

Era Cruélcia uma de duas filhas a quem sua mãe mais que a si queria, e de boa formosura; mas obrigou tanto este cavaleiro com cousas que fez por ele, que o endividou todo nas obras; não lhe leixou nada tão só para que lhe devesse a formosura. Parece que lhe quis camanho bem, que não sofreu a tardança de o ir obrigando pouco a pouco; deu-se-lhe logo toda; obrigou-o assim, mas não no namorou. Coitadas das mulheres que, porque vêem que as namoram os homens com obras, cuidam que assim se devem eles também de namorar. E é muito pelo contrário, que aos homens namoram-nos desdéns e presunções: após uma brandura de olhos, aspereza muita de obras. Isto de seu natural lhes deve vir, porque são tão rijos, que parece não terem em muito senão o que trabalham muito. Nós outras, brandas de nosso nascimento, fazemos outra cousa; porém se eles connosco entrassem a juízo, que razão mostrariam por si? Cá o amor que é,

9. *Não no namorou* quer dizer: não conseguiu que ele se enamorasse dela.

9. *Coitadas das donzelas... (Edição de Ferrara).*

senão vontade? Ela não se dá, nem se toma por força. Mas como quer que seja, ou pela desaventura das mulheres, ou pela ventura dos homens, sentença é dada em contrário: que a eles vençam-nos esquivanças e boas obras a elas. Esta só maneira puderam ter para os namorados, se não foram namoradas deles. Mas ao amor quem lhe porá lei? Porém este desagradecimento dos homens, que é o seu nome verdadeiro, trouxe muitos desaventurados fins, como vereis neste cavaleiro em que falámos. E não foram vãos os rogos que Cruélcia fez, com as mãos erguidas ao Céu, pedindo dele vingança. Contudo assentou ele por derradeiro de a leixar, porque, além de lhe parecer a senhora Aónia a mais formosa cousa que vira, pareceu-lhe também que por vir de longes terras e ser naquela estrangeira, que mais asinha haveria seu amor. Esta esperança, ainda que bem visse ele que era de longe, contudo grande ajuda foi então para acabar de assentar e confirmar, ou de fazer muito grande o bem que lhe queria, porque isto vai assim como quando algum amparo tolhe o sol: se o toma em cheio, é muito maior a sombra que o emparo que a faz. Assim os que bem querem, porque as esperanças, por pequenas que sejam, tomam sempre em cheio, ou parece que tomam, os estorvos que tolhem a causa benquista, fazem o amor muito maior do que elas são; donde vêm depois os cuidados que com morte ou longa tristeza se possuem, como foi neste cavaleiro que já não cuidava senão como se apartaria do seu escudeiro, de maneira que, depois

---

19. *A havia... (Edição de Ferrara).*

de apartado, lhe não causasse suspeita alguma daquele lugar, para ele mais à sua vontade gozar dele. Desejava tanto este apartamento, porque bem sabia ele que havia de sofrer mal ver-lhe leixar Cruélcia. Cá era de criação dela, e lho dera para o acompanhar, e nunca lhe a ele dizia senão que a havia de tomar em matrimónio, porque era de alto sangue e herdava terras onde podia repousar os derradeiros dias da vida, que não leixam tomar armas com honra. Mas, enfim, cuidando o que determinou, o chamou, e fazendo-lhe um arrazoamento largo, entre outras cousas lhe disse que lhe não parecia bem ser ele mesmo que levasse à senhora Cruélcia a nova da ventura que não achara vindo por amor dela; mas que seria bem levar-lha ele e dizer-lhe que de sua mofina quisera ele que fosse outrem o portador, que para ela não podia ele ir em companhia de novas tristes, e que o esperaria no castelo, que perto dali estava, até tornar a trazer-lhe recado se queria ela pô-lo noutra aventura, pois aquela assim se não pudera acabar.

CAPÍTULO XIV

De como partido o escudeiro do cavaleiro da tenda, entrou em pensamentos de como se apartaria dele, e mudaria o nome.

Partindo-se o escudeiro com o recado, enganado ele e para quem o levava, ficou o cavaleiro só e começou a entrar em pensamentos de que maneira mudaria o nome para que não fosse sabido onde estava, nem se pudesse saber para onde ia; que tanto se senhoreou naquele pouco tempo o amor dele, que a si mesmo queria já em parte leixar. Mas lembrando-lhe nisto que noutro tempo lhe dissera um adivinhador que, quando ele mudasse a vida e o nome, seria para sempre triste, ficou um pouco mais cuidoso; mas tornando logo fazer menos conta daquelas cousas, como incertas, e contudo não querendo ir de todo contra elas, por outras muitas que tinha ouvidas, cuidou em trocar as letras de seu nome. De maneira que assim o não mudaria nem tentaria os fados. Mas ele não viu que isto era engano também dos fados. Estando ele assim neste pensamento, acertou-se acaso que um mateiro vinha do mato pelo caminho que ia ter à ponte; e vinha em cima de sua besta como deitado e mal coberto com um enxalmo. E parece que, andando ele despido cortando a lenha, ateara-se algum fogo perto

de seu vestido e queimara-lho; e então o mateiro, por lhe querer acudir, descuidara-se de si, e o fogo fizera-lhe algum nojo por partes de seu corpo. E, a direito do cavaleiro, topou com outro mateiro, que para o mato ia, que lhe perguntou:

— Queimado?

Falando-lhe galego, respondeu estas sós palavras:

— Bim'n'arder.

Olhou o cavaleiro pelo barbarismo das letras mudadas na pronunciação de B por *V* e R por *M* e pareceu-lhe mistério. Porque ele era aquele que também se fora arder, quis-se chamar assim dali avante.

---

4. *E em direito... Manuscrito de Madrid. Em direcção.*

5. Versão da *Edição de Ferrara: que lhe perguntou, vendo-o vir assim sem lenha, que para que fora ao mato. Respondendo-lhe o mateiro queimado, falando-lhe galego, estas sós palavras: Bimarder.* Para anagrama de Bernardim, Bimnarder oferece as letras todas, mas a formação é de todo fútil e imperfeita.

CAPÍTULO XV

De como Bimnarder soube de um servidor de Lamentor como ordenava fazer ali uns paços, e do que mais lhe aconteceu com a sombra que lhe apareceu.

Não passou muito que por aquele lugar não veio um dos servidores de Lamentor, que atravessava para o castelo. Quando Bimnarder soube dele como Lamentor tinha ordenado fazer ali uns paços grandes e morar neles toda sua vida, algum repouso mais deu isto a Bimnarder, que dantes a pouca certeza que tinha da estada de Aónia naquela terra lhe dava grande fadiga ao pensamento. Mas, afrouxado da parte deste cuidado, entrou noutro, do que faria de si e para onde se iria; no qual esteve até noite, sem poder assentar nada consigo, cá ir-se dali para outra parte, lhe era já grave; ficar, parecia-lhe impossível cousa poder-se esconder de seu escudeiro. Combatido assim de uma cousa e de outra (ainda porém sem determinação nenhuma) ergueu-se como forçado da noite mais que da vontade. Buscando seu cavalo onde o leixara o escudeiro, não no achou. Tornando-se então para o freixo onde dantes estivera, para dali olhar se fora beber a este rio, mas não o vendo, nem sentindo em nenhum cabo, encostou-se então assim ao freixo, cui-

dando à primeira no cavalo. Mas não tardou que logo não tornasse ao seu verdadeiro cuidado, imaginando, parece, a senhora Aónia na fantasia, afigurando vê-la da maneira que a vira. E de piedade amorosa lhe estavam vindo as lágrimas aos olhos. Estando ele assim todo ocupado daquela doce tristeza, sentiu como alguém a par de si. Olhando com o luar que então fazia, viu uma sombra de homem, de estatura desproporcionada de nosso costume, estar perto dele. A supita novidade o comoveu a alteração, mas como esforçado que era, lançando mão à sua espada, cobrou ousadia de lhe perguntar quem era: e vendo que, contudo, se calava, se pôs em se mover para ele, já com a espada arrancada, dizendo:

— Ou me dirás quem és, ou o saberei eu.

— Está quedo, Bimnarder — chamando-o assim por seu nome, lhe disse a sombra — que ainda agora foste vencido de uma donzela.

Chorando, deteve Bimnarder o passo, espantado daquilo que ainda então cuidava ele que o não sabia ninguém. Mas tornando logo a querer-lhe perguntar de donde o sabia, a meia palavra olhou e viu aquela sombra que, virando-se para umas moutas grandes que aí cerca estavam, se ia metendo por entre elas, pouco a pouco. E assim se encobriu e desapareceu.

---

9. *Homem desproporcionado do nosso costume... (Edição de Ferrara).*

14. *Se pôs-se em jeito para ela... (Edição de Ferrara).*

19. Mais lógica a versão da *Edição de Ferrara: de uma donzela chorando. Deteve...*

23. *A meia palavra...* omissa na *Edição de Ferrara.*

CAPÍTULO XVI

De como estando Bimnarder muito curioso no que faria, viu de supito vir o seu cavalo fugindo de uns lobos que o queriam matar.

Ficando Bimnarder com o pensamento cheio do que aquilo seria, começou de ouvir um estrondo grande, que vinha pelo mato escontra onde ele estava. E ainda o não ouvia quando, correndo por entre si, viu passar o seu cavalo e uns lobos após ele. E após eles de longe vinham correndo uns cães com grande gasnada. E ao saltar deste ribeiro caiu nele o cavalo, e chegando os lobos começaram a ferrá-lo por todas as partes de maneira que, com quão prestesmente Bimnarder acudiu, já ele era morto. E não tardou nada que uns pastores, que perto dali tinham a malhada do seu gado, ao fitar dos cães, vieram ali ter, afigurando-se-lhes ser morta alguma rês. E achando Bimnarder assim agastado, começaram-no a querer consolar com palavras e modos rústicos, oferecendo-lhe pousada por aquela noite. Aceitou ele, ainda que não desejava então companhia. Mas pelas horas o fez, e também porque logo cuidou que, como os pastores fossem no seu fato, não lhe haviam mais de tolher o tempo ao cuidar, que para eles não se fizera a noite senão para dormir. Foram assim ao fato de

uma grande manada de vacas, (que todas estavam alevantadas com o alvoroço dos cães e medo dos lobos) metendo-se os pastores e Bimnarder por entre elas, que lhe iam fazendo lugar e escornando umas às outras. Assim, saindo de entre elas, estava uma fogueira grande a par de uma choupana de sebes, cortiçada por cima. E junto doutra, ao fogo, jazia deitado sobre rama verde, espalhada, um pastor já de todo branco, que maioral era do fato; e tinha sua cabeça sobre um tronco de madeira encostada, e uns rafeiros ainda pequenos lançados parte por cima do velho pastor, outros com as cabeças grandes só estendidas sobre ele. E, em os pastores chegando, ergueu ele a cabeça um pouco, e como homem que era avisado em semelhantes casos, descansadamente começou a perguntar pelo que se passava. Contando-lhe eles que não era nenhuma rês morta, também lhe contaram do cavaleiro que traziam. Ergueu-se ele então assentado e, fazendo-lhe lugar na rama de sua cama, lhe rogou que se fosse assentar. E, assentado Bimnarder e assentados todos derredor daquela fogueira, pediu o velho maioral a Bimnarder que lhe contasse como aquele desastre acontecera. Contou-lho ele brevemente, por lhe satisfazer, como andando o seu cavalo pascendo, vieram aqueles lobos e mataram-lho primeiro que lhe pudesse valer. Ao que começou com uma fala retumbada a falar o pastor, como que o queria consolar em aquela mofina, dizendo:

---

28. A *Edição de Colonia* e o *manuscrito de Madrid* dizem retombada. *Fala retumbada* quererá dizer voz pesarosa, ressentida pelo eco do acontecido.

— Os desastres que acontecem com as alimárias feras neste vale é cousa espantosa, e para quem o souber mais leves de sofrer (se a companhia em isto dá consolação): que à meia-noite de Inverno, escura, sendo eu mais mancebo que agora, diante meus olhos me tomaram a minha vaca bragada (mãe destas outras bragadas, que tenho ainda agora) e mataram-na. Pois tinha eu então a par de mim o rafeiro malhado e a rafeira branca sua mãe, armados os pescoços de ambos, que nunca me achei com eles em lugar tão ermo, nem noite tão fazendeira, que não estivesse seguro como na metade do dia. Mas então pouco aproveitavam eles a mim, que bradava a coitada da vaca e bramia tão doridamente que, em breve espaço, ajuntou quanto gado tinha, que estava, a lá fé, bom pedaço dali. E já me aqui, onde agora estou, vieram no claro dia matar quantos bezerrinhos tinha, que ainda não eram para andarem com as mães.

— Pois porque estás logo aqui, pastor honrado? — lhe disse Bimnarder.

— Nunca vistes tal? — lhe disse o pastor.—Não há o haver senão onde há o perder. A terra é abastada de pastos, e assim como cria o bom, cria o mau. E já ouvi dizer a um grande homem que era dado às cousas do outro mundo, falando na povoação desta terra (que ainda que a vedes assim por partes metida a mato, é de pastores em muita maneira povoada) que esta era uma das maravilhas da natureza, de uma terra mesma nascerem duas tão

---

10. *Armados* quer dizer com coleiras de puas.

contrárias uma à outra. E que isto não era só nas alimárias, mas nos homens: que não há maus senão onde há os bons, e não há ladrões senão onde há que furtar. Mas, quant'eu, não sei qual é pior para nós outros pastores: na terra que é de pouca ervagem perece-nos o gado à fome, e cá nesta outra, matam-no-lo. Assim que em toda a parte nos vai mal. Mas nós outros somos, enfim, como dizem que são todos os outros homens: (lá vós, senhor cavaleiro, o sabereis): podemos melhor sofrer o mal que nos faz outrem que o que nós fazemos a nós outros mesmos. Os danos da terra fraca, porque é em nosso poder sairmo-nos dela, não os podemos sofrer; os da outra, que não é em nós vedarmo-los, sofremo-los como podemos. Assim também digo eu, senhor cavaleiro, no vosso caso: não esteis agastado; descansai, e tomai tudo à culpa da terra.

Estas palavras a Bimnarder pareceram bem. E se não fora porque era contar ao pastor a verdade de sua vida, cuidara ele que não eram estas palavras de pastor. Mas o que cada um passa, ligeiramente o sabe bem contar, e por isso não lhe tornou resposta mais que umas palavras em sinal de agradecimento daquele bom conforto, fazendo menção de querer repousar. O que vendo o velho pastor, mandou a todos que se calassem e que dormissem. E foi feito assim. E começaram em breve espaço os pastores a roncar, estirando seus rústicos membros, uns para cá, outros para lá, como ao sono aprazia. Só Bimnarder não podia repousar, tendo no seu coração a quem ele não doía. E quando a todos a

16. *Não esteis* por não estejais.

escura claridade das estrelas amoestava sono, dele o tinham desterrado os seus cuidados. Antes com os olhos postos para aquela parte donde viera (segundo parecia, com o corpo só) a senhora Aónia ausente, ele a ouvia chorar. E em a longa noite esteve assim, até que àquele cansado corpo adormeceu aquela parte dos sentidos, sobre que tinham algum poder, e sonhos e fantasias ocuparam a outra. Mas, depois de um pouco sono, acordou ele todo banhado em lágrimas, que sonhava chorando que o levava dali por força a sombra que vira dantes. E, correndo-lhe por isto muitas cousas pelo pensamento, assentou consigo de se não ir daquela terra até ver o que podia ser dele naquele cuidado que o assim tomara e assim o seguia. Desta maneira cuidava ele que não iria contra aquilo que porventura lhe adivinhava o sonho se o fizesse. Camanho desejo tinha de se não ir nunca dali, que tudo lhe parecia que lho amoestava, e de muitas maneiras que cuidou, nesta assentou por derradeiro: despedir-se cedo daquele velho maioral e ir-se a algum lugar, perto dali, onde mudasse os trajos e tornasse a assentar vivenda com ele, que grande fato lhe parecia que trazia. E ainda que muitos mancebos lhe visse, a pouquidade da soldada lhe faria que lhe não fosse sobejo qualquer pastor. E assim o fez.

---

1. *Amoestava,* conciliava o sono.

CAPÍTULO XVII

De como Bimnarder assentou vivenda com o maioral do gado, e do que a donzela passou com a dona em sua história.

Eis Bimnarder pastor de vacas, que não houve aí nada impossível ao amor grande. Muito tempo passou ele naquela vida com maus dias e pobres noites, porque Lamentor, no começo logo de seu assentamento, mandou fazer primeiro umas casas para recolhimento, não mais. E a muita gente que era vinda para as obras, pela negociação grande que tinha a causa da grande pressa que Lamentor dava a elas, tolhia a saída das mulheres, por onde Aónia não pareceu um grande tempo, para Bimnarder ao menos levar aquele contentamento que a vista dos olhos dá àqueles que do mais carecem. Conheciam-no porém já todos os de casa, e chamavam-lhe o pastor da frauta; porque ele acostumava trazê-la sempre, cá para remédio da sua dor a escolhera, depois de se desconhecer. Também assim muitas vezes, ora pela ribeira deste rio, e outras horas por aquestas altas assomadas (que fazem como vedes

---

7, *pela negociação grande que tinha a casa e a grande pressa que Lamentor dava a ela... (Edição de Ferrara).*
10. *Pareceu* por apareceu.

mais gracioso este vale) andava tangendo, e cantando em palavras pastoris. Cá este só contentamento lhe era algum conforto para o seu mal, e para desabafar o seu coração, que tão ocupado de profundos e muito penosos pensamentos trazia. Muitas cousas sabia meu pai suas, que arremedavam pastor, e tinham as cousas de alto engenho, ou mais verdadeiramente de alta dor, postas e semeadas tão docemente por outras palavras rústicas, que quem bem olhasse ligeiramente entenderia como foram feitas. E assim tinha mais outra cousa, a meu fraco juízo e parecer, que o bom pastor, naquela baixeza de estilo, pela impressão da presunção que punha, e de si mostrava, como via mais asinha haver dele compaixão todas as pessoas que o ouviam (tanto pode a imaginação em todas as cousas). Mas de todas uma só me vem à memória, e lembra que dizia meu pai que ele cantara, e ouvira-lha a ama da menina. Por certo parece que assim o ordenou a ventura para que Aónia fosse sabedora de seu cuidado, já quando ele de todo andava desesperado; e não se podendo dali apartar ordenava andando desvairadas cousas de si, que desvairadamente o atormentavam. Também, porque tudo fosse como cumpria à desaventura que estava ordenada, aconteceu que a velha ama era natural desta terra, e noutro tempo, quando era moça, parece, um mercador muito rico e gentil homem (que viera daquelas partes donde Lamentor) por azos e vizinhança houvera o seu amor: e

---

1, *e cantando...* omisso na *Edição de Ferrara.*
26, *aconteceu-se* no texto.

com dádivas grandes e promessas maiores a levaram de sua terra de casa de seu pai, que a tinha muito estimada e guardada, mais ainda do que a seu estado convinha, mas tudo pela sua formosura era bem empregado. Era ensinada a livros de histórias, pelo que era já entonces sabida, e depois quando velha o foi muito mais. E dizem que, chegando ambos à terra do mercador, por grandes desaventuras o veio ela a perder, ainda quando moça e formosa. Mas ficando assim em terras estranhas e movida de compaixão, a mãe de Belisa a recolhera para sua casa, donde ainda lhe estava ordenado estoutro desterro para sua terra. E de como a levou ele e o ela perdeu, se conta um grande conto.

Leixá-lo-ei agora, porque tenho outro caminho tomado, inda que já antre os homens todos os contos vão ter a fim de mulheres. Mas pois morais nesta terra, outra hora nos veremos, e contar-vo-lo-ei então, se porventura vos ficar desejos de ouvi-lo.

— Ainda, senhora — me não pude eu ter que lhe não dissesse — que eu tinha já posto em minha vontade de nunca ter desejo nenhum, este quero eu ter, que tanto podem as cousas vossas comigo; e mais, pois é conto de mulher, não pode leixar de ser triste. E desta maneira também em parte não irei contra meu propósito porque, desejando de ouvir tristezas, não se pode verdadeiramente chamar desejo, que só o desejo deve vir daquilo com

---

13, *lhe estava guardado estoutro desterro... (Edição de Ferrara).*

18, *todos os caminhos vão ter a contos de mulheres... (Edição de Ferrara).*

que se haja de folgar. E, se também acontece o contrário, será porque também o desejo engana muitas vezes, como todolos outros sentidos.

— Nós outras, as tristes — me tornou ela então— chamaremos logo a este desejo nojo, porque não se deve de espantar ninguém ver mudadas as palavras ou o entendimento delas nas pessoas em que se mudaram também muitas outras cousas, que não dissera nem cuidara ninguém que se podiam mudar. E também, filha, ainda que me vós vejais assim, já em idade que as tristezas passadas não deviam ser-me causa de mais que de haver tudo por nada, julgai o presente pelo passado. Enfim, estimá-lo-eis, senhora, assim. Contudo camanhas foram as causas que me fizeram triste, que o sofrimento delas em longo tempo não me fez senti-las menos. Cuidando nisto muitas vezes, digo eu que não pode ser senão que, quando a fortuna ordenou anojar-me, porque a vida não sobejasse à dor, as compassou, parece, ambas assim que não fosse uma mor que a outra, e vou a entender nisto, que não se acrescenta mais a minha dor que a vida. E perdoai-me ir-vos assim saltar em falar em mim, tendo ainda por cumprir o que vos prometi, que sua dor traz a cada um. Assim também os meus feitos: indo para fazer uma cousa, faço outra. E a mim muitas vezes desta maneira me sou eu mesma em vergonha.

— Não podeis vós já, senhora, fazer cousa ante

---

5. *Desejo nosso* no texto da Ed. que adoptámos, o que é pouco plausível.

10, *filha senhora... (Edição de Ferrara)*.

mim que haja mister perdão de mim; antes, quanto mais vossas cousas olho, me vai parecendo que não viestes aqui senão para vos eu ouvir; que até agora me soía eu andar espantada de mim comigo como podia durar tanto uma dor, depois de acabada a causa dela, e como a não gastava o tempo, como as outras cousas que nele há. E, porque eu não via isto na minha mágoa, tornava dando a culpa disto a outrem, porque pela ventura me era forçado tornar a dar a mim maior pena. Ou que digo eu pela ventura?...

E aqui, indo eu para dizer outra cousa mais, se me pôs diante o pouco conhecimento dantre nós ambas, e calei-me assim como que me não quisera calar.

Ela docemente, dissimulando porventura, segundo no fim de sua fala pareceu, seguiu dizendo:

— Das culpas que alguém dá a quem bem quer, sempre lhe ficam as penas delas: e traz razão, que não vos quereria eu a vós bem, se vos eu o pior desse. Mas antes me espanto ainda de quem quer bem como pode culpar a quem o quer, senão que torno a dizer eu que fazem isto pela pena que lhes fica; que a ela tomam eles como por vingança da força que se fazem nisto a si mesmos. Também, senhora, fui moça como vós, culpei já alguém contra minha vontade. Causa de grandes nojos me foi muitas vezes não me poder eu escusar a mim mesma só de culpar outrem. Foram desvarios de amor. Há isto nele, como há outras sem-razões infindas, sofridas como ele quis, que até neste nosso sofrimento

---

17, *se ergueu, dizendo: (Edição de Ferrara).*

pôs também cousas que se não sofrem senão pela ventura.

E a esta palavra tirou os olhos de mim, como que queria dizer que não me entendia, pois lho eu queria encobrir. E a mim que me pareceu mau ensino a uma senhora, dona e triste, que me tanto dava de si, negar-lhe parte de minhas tristezas, pois lhas já dantes quisera significar, disse eu entonces:

— Cuidai de mim, senhora, o que quiserdes, que assim me parece que sois anojada, que esta maneira é a melhor para saberdes a verdade de minha vida, que toda uma longa querela é.

— Fazeis bem — me tornou ela — que essa maneira é também a melhor para vo-lo eu não ousar de perguntar, que tão afeiçoada vos sou já. E pois há-de ser tão triste, não na quero antes ouvir. Por isso tornemos ao conto. Ele acabado, farão de nós as nossas tristezas a vontade, que também se desejam contadas como os prazeres.

Mas o conto foi assim como agora direi.

CAPÍTULO XVIII

Em como a ama dá razão à donzela da cantiga de Bimnarder

Disse, se vos lembra, que uma só cantiga me alembrava que dizia meu pai que ouvira à ama, e foi desta maneira. Começava a cair a calma e havia pedaço que o pastor da frauta estava sentado à beira deste ribeiro, sobre um torrão olhando para a parte contrária, donde a ama acertou acaso de vir. Estava tangendo mansozinho a frauta antre si. Estando ele nisto, leixara-se vir um rebanho de vacas correndo, apressadas da mosca. Passando por ele, se foram meter na água até os peitos, e leixando ele então de tanger, ficou como cuidoso um pouco, porém sem tirar a frauta donde a dantes tinha, como transportado.

Olhou para isto a ama, e quisera-lhe dizer que tangesse, que bem lhe parecera dantes. Mas estando para lho dizer, começou então de tocar a frauta docemente, de maneira que fez detença a ama. Parecendo-lhe cousa triste e mais que de pastor, deu-se

---

2, *dizia meu pai que ouvira a Ama. (Edição de Ferrara).*

7, *como antre si. (Edição de Ferrara).*

toda a ouvi-lo, senão quando ele, depois de um pedaço grande, soltou a frauta, e começou assim:

Para todos houve hi remédio,
Para mim só não no houve aí:
Inda mal que o soube assim.

Fogem as vacas para a água
Quando a mosca as vai seguir;
Eu só, triste em minha mágoa,
Não tenho adonde fugir:
Daqui não me posso eu ir;
Estar não me cumpre aqui,
Que o qu'eu quero não no há hi.

Em mentes a calma dura,
Tem esta fatiga o gado,
A manhã pasce em verdura,
A tarde em o seco prado.
Dorme a noite sem cuidado,
Cá tudo achou para si:
Descanso eu só o perdi.

A mim, nem quando o Sol sai,
Nem depois que se vai pôr,
Nem quando a calma mor cai,

3, *tudo... (Edição de Ferrara).*
3, *hi* omisso na *(Edição de Ferrara).*

Não me deixa a minha dor;
Dor e outra cousa mor,
Convosco hoje amanheci;
Convosco ontem anoiteci.

Crendo que assim acabaria,
Dei-me todo ao que padeço:
Um dia leva outro dia,
Por um mal outro conheço.
Só o fim responde ao começo,
Ai, quão mal que me provi,
Que no começo o fim vi!

Se nasci por meu mal ver,
E não por vê-lo acabado,
Melhor fora não nascer
Que ver-me desesperado;
E pois que este meu cuidado
Me traz tão cego após si,
Inda mal que o soube assim.

Fim.

Antre lágrimas e pranto
Nasceu o meu pensamento;

9. *Se o fim responde ao começo, (Edição de Ferrara).*

Cresceu, em tão pouco, tanto
Que é mais alto que o tormento;
Passo o que posso ao que sento,
Mal faz quem me esquece assim,
Que após mim não há outro mim.

3, *sento* por sinto. Em vez deste verso, lê-se na *Edição de Ferrara: Pois não é cousa de vento.*

Na *Edição de Ferrara* há ainda esta estância:

Vai-se tanto prolongado
o fim do que espero,
que a vida me vai gastando,
pois já dela desespero.
Fortuna me vai guiando,
contrária sempre de si,
não sei para que nasci.

CAPÍTULO XIX

De como conta a ama à senhora Aónia o que vira fazer ao pastor, acabada a cantiga

E em dizendo este derradeiro verso, parece que não podendo ele já sofrer as suas lágrimas, calou-se como estorvado delas: em que o entendeu a ama pelo soltar da frauta e tomar da aba para alimpar-se. E a camanha paixão a comoveu, que não pôde ter as suas, lá onde estava, e sempre lhe falara, se não fora que vinham chamá-la já de casa. Foi forçada a levantar-se ela, e foi-se, ocupada toda a fantasia daquele pastor, cá algum grande mistério lhe pareceu. E, como o que está ordenado de ser, logo traga azos consigo, entrando a ama em casa, topando Aónia só, à boa fé, sem mau engano, se pôs a contar-lhe tudo, e a jurar-lhe e tresjurar-lhe que não podia ser pastor. E, porque já Aónia entendia a linguagem desta terra muito bem, lhe disse a ama a cantiga. E quando lhe veio a contar de como o pastor, com aquelas derradeiras palavras, leixara cair a frauta no chão e com a aba do gabão, que de burel era, se alimpara das lágrimas que com elas lhe vieram, e, acabando de alimpar-se, olhara para a aba, que com ambas as mãos tinha, e, como parece lembrando-lhe do que ele era, ou não sabia porque, encostara o rosto a ela, e assim antre as mãos

como estava; e, após um grande suspiro, se leixara estar assim, e assim ficara quando se ela viera, que, pela chamarem neste meio, se tornara tão triste como havia muito tempo que o não fora por causa alheia. E encheram-se-lhe à velha ama os olhos de água, em dizendo *cousa alheia*. E assim se virou para outro cabo, e foi-se fazer cousas de casa.

A senhora Aónia, que ainda então era donzela dantre treze ou quatorze anos, sem saber que cousa era bem-querer, de umas lágrimas piedosas regou as suas formosas faces, e sobre elas os sentidos primeiro lhe inclinou. Tanto podem as suas cousas, ouvindo-as! E, se não fora que era ela moça, ligeiramente o entendera logo. Mas, não no entendendo, mil vezes naquele dia lhe tornou a pedir lhe dissesse ora a cantiga, ora como estava. E por acerto perguntando-lhe uma vez de que feições era, lhe disse a ama:

— Eu já outras vezes o vi: de bom corpo e de boa disposição; a barba, um pouco espessa e um pouco crescida que ele traz, parece que é aquela a primeira ainda; os olhos brancos, de um branco um pouco nublado. Na presença logo se enxerga que alguma alta tristeza lhe sujiga o coração.

Lembrou a Aónia só tornar-lhe a perguntar quando fora as outras vezes que o vira.

Disse-lhe então de como aquele pastor se vinha pôr derredor daquelas casas sempre, e às vezes se punha a falar com os oficiais, e outras andava defronte à ribeira daquele rio, pastorando o seu gado;

24, subjuga.

29. *Os oficiais,* isto é; os obreiros ocupados na construção dos paços de Lamentor.

e este era o pastor a que todos chamavam o da frauta, que conhecido era de todos. Não no conhecia Aónia, porque nunca saíra fora. Mas como então logo pôs na sua vontade de olhar por ele, e de buscar maneira para isso, camanho dó lhe fez ouvir dele o seu canto, enganada assim daquela falsa sombra de piedade, que toda aquela noite seguinte não pôde dormir. Mas não que ainda fosse declarada consigo, nem debaixo daquele desejo determinasse nada, porém ardia em fogos de dentro de si. E, porque de todo o ponto se acabasse isto de confirmar, ainda bem não era manhã, saindo a ama da menina a uma varanda à maneira de eirado, que sobre uma parte das casas estava, e fora feita logo no começo para despejo, viu o pastor estar só sobre a borda deste rio, não muito longe do lugar onde o ela vira o dia dantes, que ali estava o freixo onde se ele pôs a primeira vez que saíra da tenda, onde também viu a sombra, como vos disse. E ali foi onde depois veio morrer.

5, *catar maneira (Edição de Ferrara).*

CAPÍTULO XX

Da peleja que o touro do pastor teve com outro alheio, e de como o matou; a qual Aónia estava vendo do eirado

E como assim o viu, foi logo dizê-lo a Aónia. Camanha pressa dava já a fortuna ao desastre, ou era vinda a hora que se não podia alongar. E, como lho houve dito, ocupou-se em negócios de casa.

Levantou-se Aónia e, deitando só uma roupa grande sobre si, que em camisa estava ainda na cama, se foi ao eirado, e viu-o estar virado para aquela mesma parte. Mas, vendo-se Aónia no eirado e vendo-o, lembrou-se logo que ia toucada de um arrodilhado só, como se erguera. E, ou por não parecer que se erguera então, ou já por não parecer mal, lançou a uma manga da camisa sobre a cabeça, e se leixou estar assim.

E nisto começaram as vacas parecendo rodeá-lo naquele lugar onde ele estava, que era uma maneira de outeiro pequeno. E andando pascendo elas, umas para cá e outras para lá, leixou-se de outra manada vir um touro grande e medonho, urrando, e lançando de quando em quando a terra sobre as ancas, e doutras vezes parecia que a queria comer, meneando a cabeça para uma e outra parte. E, chegando às suas vacas, começou tão feramente a pele-

jar com outro seu, que espanto fazia a ela lá onde segura estava deles no mais. E, andando assim, começaram de se ir chegando com grande peleja para o lugar aonde ele estava. Mas vendo ela que não se mudava ele nem tirava os olhos daquela parte onde ele olhava, antes parecia, segundo estava seguro, que os não via, se não que isto não era para crer. Mas quando ela de todo em todo viu que os touros se iam chegando a ele, ficou esmorecida e, tornando em si, olhou, e com o espaço que se metia em meio tolhendo-lhe os touros a vista dele, parecendo-lhe que o tomavam debaixo, caiu do outro cabo como morta.

Vendo Bimnarder aquilo, que para outro cabo não olhava, deu-lhe logo no coração o que era. E ainda que ele tivesse muitas razões para o duvidar ou não o haver por certo, pois de sua vontade Aónia não era sabedora, que ele soubesse, contudo creu: porque assim o quis o bem-querer grande que todas as cousas duvidosas fossem mais certas ou por mais certas se cressem. E, cobrando força da menencoria que houvera pelo que suspeitou, com um cajado grande que tinha na mão tirou ao touro alheio, que já o melhor do seu levava, e quis a sua dita que lhe quebrou uma perna. E, lançando-se rijo e acordadamente para ele, o levou por um dos cornos. E como Bimnarder fosse de muito grandes forças, e com ajuda do seu touro, que por instinto natural conheceu o socorro que lhe também começou por sua maneira de ajudar, prestamente deu com o outro em terra. E virando-lhe a cabeça para o ar o leixou, que se não pôde bulir.

Viram isto todos os de casa, que ao estrondo grande e urros dos touros acudiram, e foram todos es-

pantados do esforço grande do pastor, e não falavam em al. A ama que também o viu foi-se em busca de Aónia para lho contar. Mas, não na achando na câmara, lembrou-se que seria no eirado. Indo lá, a achou deitada. Chegando-se a ela, a viu como passada deste mundo, e dando um ai grande lançou a mão ao seu rosto; mas ao brado acordou Aónia como cansada. E parece como trazia o pensamento ocupado do pastor, foi-se a figurar o que receava: que cuidou que o que fazia a ama, seria com dó do pastor, que assim também chorava ela quando lhe contara o que fizera o dia dantes. E a primeira palavra que lhe disse foi:

— E o pastor?

Descansou a ama com isto que lhe ouviu, parecendo-lhe que esmoreceria ela de ver a afronta camanha em que se pusera o pastor, como é costume das mulheres. Mas ela era outra cousa maior, que estava muito havia dantes tão longe de poder ser, como ela de o poder então cuidar. Mas tudo já pode ser: ao longo tempo não é nenhuma cousa nova.

Contou-lhe então a velha ama tudo o que passara o pastor. E, tornada em suas forças, se ergueu Aónia, e puseram-se ambas um pouco a olhar para o touro que no chão jazia. Estava aí muita gente dos oficiais das obras e de casa, e se não fora pela vergonha que havia Aónia de a verem, que era em extremo bem acostumada, não se fora ela dali. Mas contudo foi-se já um pouco tão declaradamente contra sua vontade, que o entendeu ela; porém, como era aquele o primeiro cuidado, não lhe pareceu de todo o que foi, senão que já consentia ela a si mesma cuidar que, se ele não fosse pastor, logo lhe quereria bem. Recolheu-se Aónia para a câmara a ves-

tir-se. E, em se recolhendo, acertou de vir de fora uma mulher de casa, que também parece saíra a ver a peleja dos touros, e entrando na casa aonde ficara a ama, começou um pouco alto a falar-lhe, dizendo:

— Quereis vós, senhora ama, saber?

Aqui calou-se como muito maravilhada. A esta palavra, que Aónia ouviu, se pôs a escutar detrás da guarda-porta da câmara.

— Quê, o pastor? — lhe tornou a ama.

— É uma maravilha grande — lhe respondeu a mulher... — Deveis de saber, não sei se vos lembra, que este pastor é um cavaleiro, que aquela antemanhã, que a Deus prouve levar Belisa para si, chegou aqui e falou a Lamentor. Eu me acertei então aí, e o vi sair da tenda com os olhos cheios da senhora Aónia, e de água; e, todo o tempo que aí estivera dantes, sempre a olhou de uma maneira como que não podia al fazer, e que não desejava fazer al. Que vos hei-de dizer! Verdadeiramente me pareceu que se ia ele então como que lhe ficava aí o coração. E por isto que entendi, saí logo após ele por ver onde ia. E ele foi-se assentar a par de um freixo grande que ali está, aonde foi a peleja dos touros. Eu não olhei mais o que ele fizera, nem o tempo era para isto disposto, senão agora que fui ver aquilo que ele fez e, em lhe pondo os olhos, deu-me logo a sombra dele, e tomei eu isto por mais mistério, porque quanto então estava eu bem fora de cuidar nele. Por esta imaginação súpita que me veio,

---

10. — *Que há o pastor? — lhe tornou a ama. (Edição de Ferrara).*

tornei a tentar mais nele, e vi que não podia tirar os olhos de cá, e, quando vós vos fostes do eirado, ficou triste mais que dantes. Quanto a mim, abastou aquilo para confirmar minha presunção, porque ele era aquele como Deus é Deus.

Era esta mulher um poucochinho lambareira, porém era avisada se o alguém era. Mas pela outra tacha que tinha quis a ama encobrir-se dela. E posto que aquilo tudo logo se lhe assentasse n'alma, pelo desfazer, disse-lhe que se fosse daí, que ela conhecia aquele pastor. Por lhe ver um dia tanger uma frauta bem, perguntara por ele, e disseram-lhe que era filho de um maioral de uma grande manada de vacas e gado que neste vale andava.

E assim se despediu dela.

Porém a velha ama ficou crendo, que bem sabia ela que os acertos em todalas cousas podiam muito, e no querer bem mais que em todas elas.

---

1. Por atentar.

6. Lambareira empregada arbitràriamente por bisbilhoteira.

BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA

CAPÍTULO XXI

De que maneira Bimnarder se viu com Aónia

Aónia, que estava escutando, ouviu toda esta prática. E, conquanto a ama contradissera o da outra, ela o creu. E não fora isto nada senão que, após a crença, foram todas as outras cousas que as crenças nestes casos soem trazer após si, que logo teve desejos, cuidos ao querer bem. E já não havia dia nem hora que ele fosse certo de sua vontade, para que se não apartasse dali por algum desastre, que ela começou a recear, porque o verdadeiro bem-querer não pode estar muito sem receio. Vedes aqui como se namorou esta donzela de Bimnarder, que pareceu cousa feita acinte, porque ambos se começaram a querer bem sob uma sombra de piedade, e haviam de acabar ambos de uma maneira, começaram assim também ambos de dous de uma.

Aónia, que se determinou consigo, não pôde mais descansar. E como ele tivesse em costume vir sem-

---

6. Cuido forma antiquada de cuidado, senão é erro que se insinuou na língua com alvará de correr. No texto revisto por Teófilo Braga encontra-se: *cuidosa ao querer bem*. Na Edição de Ferrara: *cuidando o bem querer*.

12. Assinte ou acinte, de caso malévolo.

13, *sobre* na *Edição de Ferrara*.

pre por derredor daqueles paços, que sumptuosos se faziam à maravilha, por uma fresta alta, que na cama onde ela dormia fora feita só para lume, se subiu Aónia, sabendo como ele andava aí. E como o viu, com os desejos que tinha de o ver, e com o que consigo tinha assentado, pareceu-lhe não tão só assim como ele era, mas como ela queria que fosse.

Depois de o ela estar olhando um pouco bem à sua vontade, porque ele ainda que contra a fresta com o rosto acertasse então de estar, acertou-se também de estar olhando para o chão, cuidoso como soía, teve ela tempo para o ver bem. Mas depois de um pedaço bom, não suportando ser vista dele, fez que falava com alguma pessoa de casa. A isto olhou Bimnarder e, conhecendo-a, transportou-se e lhe caiu o cajado no chão.

Levou Aónia contentamento daquele desacordo, que bem o viu. E esteve assim mais um pouco, mas não pôde tanto forçar-se que a vergonha natural de donzela ainda tão moça e tão guardada como ela era não pudesse mais que o seu desejo, e tirou-se asinha da fresta. Porém, não sendo ainda bem em baixo, tornou a espreitar se se fora ele, e tornou-se logo a tirar. Também quisera ela tornar outra vez e outras, mas não pôde tantas vezes acabar consigo a fazer o que não devia.

Veio-se a noite aquele dia mais cedo para Aónia do que nunca outra viera. Deus sabe como ela aquela tarde passou!

Mas não quero aqui contar muitas cousas que, por querer bem, se fazem de maneira que se não podem dizer. A velha honrada da ama, que com o que suspeitou, entendeu o desasossego de Aónia, que diferente foi logo para quem atentasse nisso, andava

triste e anojada, em parte de si, pelo que lhe contara dele, e por isso o sentia muito mais; e àquela ceia não pôde comer. Mas recolhidas que elas foram àquela câmara da fresta, onde dormiam, e, pondo-se a ama a pensar a menina sua criada como soía, como pessoa agastada de alguma nova dor, se quis tornar às cantigas. E começou ela então contra a menina que estava pensando a cantar-lhe um cantar à maneira de solau, que era o que nas cousas tristes se acostumava nestas partes, e dizia assim:

ROMANCE

Pensando-vos estou, filha,
Vossa mãe me está lembrando;
Enchem-se-me os olhos d'água,
Nela vos estou lavando.

Nascestes, filha, entre mágoa,
Para bem inda vos seja,
Pois em vosso nascimento
Fortuna vos houve inveja.

Morto era o contentamento,
Nenhuma alegria ouvistes,
Vossa mãe era finada,
Nós outros éramos tristes.

5, *sua criada*, que ela criara.
17-18. *Que no vosso nascimento vos houve a fortuna inveja.* (Edição de Ferrara).

Nada em dor, em dor criada,
Não sei onde isto há-de ir ter,
Vejo-vos, filha, formosa
Com olhos verdes crescer.

Não era esta graça vossa
Para nascer em desterro;
Mal haja a desaventura
Que pôs mais nisto que o erro.

Tinha aqui sua sepultura
Vossa mãe, e mágoa a nós;
Não éreis vós, filha, não,
Para morrerem por vós.

Não houve em fados razão,
Nem se consentem rogar;
De vosso pai hei mor dó,
Que de si se há-de queixar.

Eu vos ouvi a vós só
Primeiro que outrem ninguém;
Não fôreis vós, se eu não fora;
Não sei se fiz mal, se bem.

---

1. *Em dor crescida, (Edição de Ferrara).*
15. *mor dor — (Manuscrito de Madrid).*

Mas não pode ser, senhora,
Para mal nenhum nascerdes,
Com esse riso gracioso
Que tendes sob os olhos verdes.

Conforto mais duvidoso
Me é este que tomo assim,
Deus vos dê melhor ventura
Do que tivestes até aqui.

A dita e a formosura,
Dizem patranhas antigas,
Que pelejaram um dia
Sendo dantes muito amigas.

Muitos hão que é fantasia;
Eu, que vi tempos e anos,
Nenhuma cousa duvido
Como ela é azo de danos.

Mas nenhum mal não é crido,
O bem só é esperado;
E na crença e na esperança
Em ambas há hi cuidado,
Em ambas há hi mudança.

CAPÍTULO XXII

De como Bimnarder, estando na fresta da câmara de Aónia, se pôs devagar a ouvir a ama

O pastor da frauta, que não era pastor, teve aquela noite maneira como, com um pau que colheu, arribou à fresta, e já estava nela, quando começaram o solau. Bem conheceu na limpeza das palavras e na pronunciação delas, que era natural desta terra e avisada, por onde logo receou que, se não tivesse nela a ajuda, que teria grande estorvo. Encomendou-se à sorte. Acabou a ama de pensar a criada, que não foi pensada sem muitas lágrimas de ambas, dela e de Aónia, que penteando-se esteve em mentes, segundo sentiu Bimnarder, que ele nada de dentro podia bem divisar pelo impedimento de um pano que diante da fresta estava para amparo dela. Acabada a menina de pensar, apagando o lume, se deitaram elas. E, porque a ama tinha sua suspeita, fez que dormia, para espreitar a Aónia.

---

3. *Solão ou solau.* O texto de Évora traz *solam.*

5, *quando a ama começara a cantar. (Edição de Ferrara).*

9, *a criada, isto é,* a menina.

10, *de ambas de duas... (Edição de Ferrara),* é forma vernácula, ainda usada pelo povo.

E Aónia, porque tinha seu cuidado, não podia dormir, e ora se revolvia para uma parte, e ora para outra. E outras vezes, após um assossego de um pouco, colhendo fôlego, dava um baixo suspiro longo, à maneira de cansado de aquilo que acabara de cuidar. Esteve tudo a ama notando por um grande pedaço. E já Bimnarder estava para se descer, cuidando que era outrem a que fazia aquilo, senão quando a ama começou assim a falar escontra Aónia.

CAPÍTULO XXIII

Do singular conselho que deu a ama à senhora Aónia pelo que suspeitou de seus amores

— Não dormis, senhora Aónia? E que será, senhora, senão podeis dormir? Parecendo-me vai que esta nossa vinda aqui para desastres foi e não mais. Mas assim de longe os ordena eles a ventura, que logo ao começo se não podem conhecer. Mal cuidara eu o que havia de acontecer à senhora Belisa, quando aquela noite, depois de dormirem todos, nos alevantámos nós sós, caladamente, e pelo laranjal do jardim, que com a espessura do arvoredo fazia então escuro, passámos cheias de medo. E vós, pegada a mim toda tremendo, fomos sair pela portinha falsa que acolá no mais escuro lugar dele estava, onde achámos a Lamentor aguardando-nos já havia pedaço, todo cheio de esperanças tão longas, que enfim haviam de vir a ser assim esperanças, não mais. Por isso cumpre a todas as pessoas, e às donas senhoras muito mais cumpre, pois são as que aventuram mais, que ao princípio das cousas olhem onde elas podem ir parar: que não há nenhuma camanha que no começo dela se não possa resistir ou leixar sem trabalho: que muitos riös grandes há aí que onde nascem se podiam impedir com um pé ou levar para outro cabo, e no meio deles ou

depois que colhem forças todo o mundo junto os não poderão tolher ou mudar. Chama uma água a outras águas, e um erro a muitos erros. Em pequeno espaço crescem de maneira que se não podem depois leixar. Gravemente e com muita prudência devia cada um cuidar se o que faz ou o que determina fazer é cousa honesta e que convenha. Que se lhe sai bem, todos lho têm a bem, e se não, ainda que o mundo lho tenha a mal, o que muitas vezes acontece, porque mal pecado já as cousas não são julgadas senão pelas saidas delas, não tem ao menos de que se queixar consigo. E grande bem é a meu ver escusar a pessoa as imizades entre si, pois não há lugar cá neste mundo que defenda ninguém de si mesmo. Pode-se tolher imigo e imiga, frio e chuva; cuidado pode-se tomar, e tolher, não. Já quem faz o que deve, saindo-lhe como não deve, não quero afirmar que lhe não dará paixão, que a perda de qualquer propósito, ainda que seja desarrezoado, a dá. Mas assim digo que, se lhe der paixão, dá-lhe sofrimento para ela. Bem-aventurado se pode chamar nesta vida quem tem dor que se suporte, pois, segundo parece, não se pode viver sem ela, assim ou assim. Nos amores cuidará alguém que não é isto necessário e que não é acostumado. Cuido eu que não poderia ser mais necessário, cá em todas as cousas se deve haver respeito ao como e quando e ao para que se fazem por não errarem. Maiormente se deve ter este respeito nos amores, pois são tão sujeitos aos erros, que mais mal contado seria ao caminhante rico, se fosse desapercebido pelo lugar que de ladrões é seguido, que por outro que o não fosse: que naquele, se lhe acontecesse algum desastre, culparia a ventura, mas naquele

outro culparia a si, que são culpas mais graves de perdoar. Por isso, senhora, vos peço que aprendais de mim, que vi culpas e os danos delas, que assim como toda a pessoa no bem é mais amiga de si que doutrem, assim também no mal, quando acontece que haja algum desvairo consigo, é mais amiga de si que de ninguém. Isto não é para espantar que é imigo de casa, como dizem. Ainda mal muitas vezes, que me foi necessário que vo-lo dissesse, porque o soube para vo-lo dizer. Querei antes, senhora, não ser contente que arrependida...

E aqui, fazendo a ama uma pausa, não para acabar, senão para descansar, que em vontade tinha já de lhe dizer tudo, sentiu dormir Aónia. E, cuidando que fosse fingido, esteve um pedaço espreitando-a. E por derradeiro, pondo-lhe a mão e bolindo-a, se certificou que dormia. Parece que, cansada de trabalho não acostumado, adormeceu. Ela era moça e nunca se vira noutra. A ama, ainda que isto lhe fizesse duvidar do passado, contudo pelo que passara já por ela, pareceu-lhe o que era, cá não há cousa que traga mais certo o sono às moças que a dor grande. E às velhas, tira-lho. E, com esta fantasia em que se a ama afirmou, adormeceu também.

14, *cuidando à primeira... (Edição de Ferrara).*
19, *noutra* tal situação.

CAPÍTULO XXIV

Em que conta o mais que a ama passou com a senhora Aónia acerca de Bimnarder.

Bimnarder, que todo aquele tempo passou como Deus sabe, vendo que assim se calaram, não soube que se determinar; que tão cortado ficou das palavras da ama, pelo dano que temeu de lhe fazerem, que se lhe turvou o juízo, e não soube dar saida nenhuma àquele calar.

E assim, enleado acerca do que seria, esteve, até que a manhã o levou dali, bem contra sua vontade. E porém não se pôde ir logo dali.

Da mágoa dele não nos quero contar. Era homem, poderia com ela. Mas da coitada de Aónia, a que as boas palavras da ama não aproveitaram mais que para se guardar dela, vos contarei.

Ergueram-se pela manhã e, posto que a ama tentasse a Aónia, dizendo-lhe se ouvira ela a noite dantes o que ela contara, ela dissimulou altamente, e pela saudade e pelo amor de criação que lhe a ama tinha, creu logo de todo, e pelo assossego de Aónia feito acinte o acabou de confirmar e houve o passado por nada. E pareceu-lhe que seria desas-

---

8, *a manhã clara... (Edição de Ferrara).*

sossego de moças, que às vezes, por mocidade, fazem cousas que não fariam em outra idade, ainda que nisso fosse todo seu desejo. Assentando a ama nisso, meteu-se na ocupação de casa, que era grande, porque sobre ela carregava tudo.

Pelo que a Aónia ficou lugar e tempo, que bastava, para cuidar mais à sua vontade e para fazer como Bimnarder fosse certo dela. E, pondo cofres sobre cofres, fechando a porta da câmara, primeiro dissimulando fazer alguma cousa, se subiu à fresta. E, ainda bem não era nela, viu Bimnarder que não estava longe dali, nem tão perto que a conhecesse logo. Pelo que se leixou estar um pouco para se afirmar melhor. Ela que não suportou já aquela tardança, lançando uma manga da camisa fora da fresta, fez que o chamava.

Chegou ele asinha que, vendo-a, ficou assim sem lhe poder dizer nada. Mas Aónia, que estava já determinada consigo, ousou falar-lhe primeiro, mas não o que ela quisera que não pôde tanto consigo. E mudando o propósito naquele que se acertou, lhe disse:

— Aqui andais, pastor, cada dia... sempre? !...

— Essa fresta — lhe respondeu ele — não está aí, senhora, de noite também?

Aónia, que o entendeu, muito manso lhe tornou:

— Está! — ajudando a palavra com o abaixar dos olhos, que de todo então, ao dizer daquilo, pôs nele.

E não o entendera Bimnarder se não fora por isso, mas não lhe tornou ele a resposta, cá ela nisto desceu-se porque se lhe afigurou que buliam na porta da câmara, e tornando os cofres a seu lugar se foi abri-la. E, não achando ninguém, quisera

tornar, senão quando nisto eis vem a ama com outras mulheres de casa.

De maneira que todo aquele dia não teve outro tempo. Mas logo, naquelas palavras que lhe o pastor dissera, entendeu que eram para que também olhasse de noite por ele.

E com esta esperança, que se deu a si mesma, passou aquele dia, que também Bimnarder passou com sua esperança que tomou daquela palavra derradeira que lhe ela falou com os olhos mais que com outra cousa. Mas não cuidara ele, me parece a mim, dizia meu pai, que havia de ser para tanto como lhe saiu, pelo pouco que antre ambos era passado. E porém por isso estava mais certo, me tornou a mim a parecer, dizia meu pai, porque como a ventura venha mais em todas as cousas que tudo quem só a tiver não há mister mais.

8, *aquele dia passou como Deus sabe. (Edição de Ferrara).*

CAPÍTULO XXV

De como Bimnarder pela fresta do aposento de Aónia lhe falou.

Como aconteceu a Bimnarder que, vindo a noite e pondo-se à fresta como as passadas fizera, sentiu-as deitar, e daí a um grande pedaço, já que estava desesperado, ouviu pela casa andar mansozinho, porém como alguma cousa escontra a fresta. Estando com o sentido pronto nisso, sentiu que subia alguém, e não crendo que fosse tanto, (como acontece na vista das cousas muito desejadas e esperadas muito) antes receando que fosse algum desastre, abaixou-se prestes e leixou-se estar ao pé da fresta. Aónia levantou o pano e com o escuro que fazia não viu ninguém. Contudo leixou-se assim estar um pouco e, não sentindo nada, duvidou de todo. E indo para se descer disse:

— Parece que foram palavras.

Conheceu-a na fala Bimnarder, dizendo:

— Não foram, nem serão — e subiu asinha à fresta.

E ela também o conheceu, e subindo, chegando ele e querendo-lhe falar, disse ela muito passozinho:

— Que me perdeis!

Nisto começou a chorar a menina e, acordando a ama, se pôs a embalá-la cantando-lhe. Mas, não se querendo ela acalentar, se ergueu a ama, dizendo:

— Não sei se acharei lume, que esta criança sente alguma coisa.

E dês que abriu a porta da câmara se foi lá à outra casa das mulheres a catar lume. Aónia que viu não haver remédio, querendo-se asinha descer, chegou o rosto muito à fresta dizendo:

— Ide-vos embora, que não pode ser mais.

— De vós — lhe respondeu ele — me não posso eu ir assim. (E isto tremendo-lhe a fala).

E ela que houve dó dele, querendo voltar o pano, emparo da fresta, não se pôde ter que lhe não desse de si alguma presença e disse-lhe:

— Pelo que fiz por vós julgai o que tinha para vos dizer, e perdoai-me que não posso pagar em mais que o soltar deste pano.

E assim o soltou descendo-se muito asinha e concertando tudo. Quando já tornou a ama, achou-a deitada.

---

1. Na *Edição de Évora* lê-se: *Que me perdoeis,* o que não faz sentido.

Na *Edição de Ferrara : Que me perdereis.*

Deve ter havido, quanto à edição de Évora, erro de cópia. A voz que parece lògicamente brotar dos lábios de Aónia seria: — *Que me perdeis !* Assim se nos oferece na *Celestina.*

2. Refere-se à filha de Belisa.

CAPÍTULO XXVI

De como Bimnarder estando na fresta de Aónia adormeceu, e se lhe foram per sonho os pés, e caiu.

Leixou-se Bimnarder ficar à fresta, e esteve até pela manhã, que tão ocupado lhe ficou o pensamento daquelas palavras que lhe Aónia dissera em se indo, e da maneira como que lhas dissera, que uma cousa e outra não lhe davam mais vagar, nem tão só para se acordar do fugir do tempo. Mas, como ele não tivesse a noite dantes dormido nem o dia que se seguiu, entonces como descansado de alguma parte de seus cuidados, não já para os ter menos, mas como se acontece que, quem traz alguma cousa que muito deseja, anda em mentes aquele desejo o traz, não pode repousar. Mas, depois que alguma segurança lhe vem de o ter cumprido, repousa e dorme, como se o alcançara. E não podemos dizer que seja então menos desejo, que antes por razão deve ser mor. Assim foi Bimnarder que, parte de cansaço e parte de contente, transportou-se, parece, tanto em seu cuidado que

---

17, *...parte descansado, parte descontente... (Edição de Ferrara).*

se lhe foram por sonhos os pés e as mãos e caiu no chão com o pau após si. E no cair lavou toda em sangue aquela parte do seu rosto que daquela banda da parede parece que levou, de que muitos dias esteve mal depois.

Mas nenhumas cousas grandes se acabaram senão por meio de grandes desastres, como aqui vereis; porque esta queda foi causa de Bimnarder ver o que porventura nunca vira.

CAPÍTULO XXVII

De como a ama sentindo de noite o estrondo da queda, o que sobre isto fez como foi manhã.

Mas diz o conto que a ama, a quem a menina não leixara mais dormir, sentiu todo aquele estrondo. E Aónia, que não dormia, também o ouviu e cuidou logo o que temeu, porém dissimulou grandemente, porque já se guardava da ama. Mas ela, que já também estava descuidada de Aónia, foi suspeitar outra cousa: que seria alguém daquelas obras, porque muita gente andava aí, e porventura viria espreitar por aquele lugar o que elas de noite faziam, que bem sabia ela que os homens tudo ousavam fazer de noite. E, ainda bem não foi manhã, foi derredor da casa e achou sinais por onde confirmou sua suspeita. E logo a mandou tapar de pedra e cal, contando tudo, da maneira que o ela cuidou, primeiro a Aónia que lho ouviu com camanha mágoa, que mor trabalho cuido eu que levaria em lha encobrir que em a sofrer consigo: porque o sofrer faz-se por vontade, e a outra, contra ela.

Mas este remédio tolhido a Aónia, deu-lhe causa

1, *diz a história. (Edição de Ferrara).*

para buscar outro maior. E, chamando a uma mulher de casa, que Enis se chamava, avisada, e de quem se podiam bem fiar grandes cousas e assegurada no segredo, pelas melhores maneiras que pôde, contando-lhe seu coração, lhe disse que fosse ver se andava pela ribeira daquele rio o pastor da frauta e, se o não visse, que perguntasse a algum outro pastor por ele.

Fê-lo ela assim. E soube que jazia doente em um monte perto dali, onde morava a mulher e filhos do maioral do fato em que ele andava. E, tomando ela em sua companhia um homem de casa, determinou de ir lá, porque camanha vontade conhecia em Aónia que não pôde fazer menos.

Chegou asinha ao monte e, perguntando pelo pastor da frauta, lho foram mostrar lá em uma casa palhaça detrás das outras, donde ele estava. E ficando eles ambos sós, que assim buscou ela maneira, lhe descobriu inteiramente ao que ia.

Bimnarder, que logo a creu porque era mulher, sobre a cabeceira onde pobremente estava encostado se lhe leixaram cair umas ralas lágrimas cansadas dantre contentamento e muita dor, que de ambas as duas soem elas às vezes vir, as quais fizeram certo a Enis do grande bem que ele a Aónia queria, e não lhe esqueceu ela contá-lo depois.

Ali estiveram ambos um grande espaço de tempo, e Bimnarder contando-lhe tudo do começo. E detiveram-se tanto que foram suspeitando mal da tar-

---

2. Inês na *Edição de Ferrara.*
17, *palhiça... (Edição de Ferrara).*
28, *contou-lhe (Edição de Ferrara).*

dança, se fora em outro lugar. Mas a vida do monte não cria suspeitas, como não cria de quem suspeite mal. Mas contudo detiveram-se ainda ambos nesta prática muito menos do que ambos quiseram, pelo homem que Enis trouxera. Tornada ela onde Aónia estava, lhe contou tudo, cousa por cousa, que não ficou nada.

5, por causa do homem.

CAPÍTULO XXVIII

De como estando da queda Bimnarder muito doente, Aónia buscou maneira por onde o fosse visitar.

Veio assim, por acerto, que perto dali havia uma casa duma Santa de grande romagem, e era então ao outro dia a véspera de seu dia, e a ama e as mulheres de casa ordenaram de ir lá. E havida licença de Lamentor para Aónia, e postos no caminho, que a pé podiam bem andar, ao passar pelo monte se chegou Enis a Aónia e disse-lhe que ali era, porque assim iam já concertadas. Nisto fez Aónia que cansava. A ama disse logo que repousasse um pouco. Mas desta vez não teve ela maneira para ir onde Bimnarder estava. Foi lá Enis. E da tornada fizeram ali grande detença. Buscando achaque de querer lá ir para detrás das casas, levando Enis consigo, houve tempo para Aónia entrar onde ele estava então deitado escontra a outra parte da parede, chorando porque não

---

1. Na *Edição de Évora : Veio assim acerto...* na de *Ferrara : Veio assim o acerto...* Damos a versão do *manuscrito* de Madrid mais consentânea com a economia da língua. *Por acerto*, por acaso.

12, *...da tornada*, à volta.

vira Aónia ao passar, que bem se pudera ele erguer. E com isto cuidava também que havia de perder a tornada — porque um mal nunca lhe viera sem outro — pelo qual estava no maior pranto do mundo antre si. Entrada Aónia, deteve-se um pouco, e sentiu que chorava e suspirava baixo, de maneira que como naquilo se forçava a si mesmo. Ela por ver se poderia saber o porquê, que tudo desejava saber dele, deteve-se ainda mais, mas ele, com pensamentos muitos que sobrevinham ao choro, mais o acrescentava do que diminuia.

Assentando-se então Aónia na borda daquela sua pobre cama lhe pôs a mão, e quisera-lhe dizer alguma cousa, mas não pôde que lhe faleceu o espírito. Virando-se Bimnarder e vendo-a, também lhe faleceu o seu. Estiveram assim ambos um grande pedaço sem se dizerem nada um ao outro, e ele com os olhos postos em Aónia, e Aónia postos os seus no chão, que, em se virando Bimnarder, tomou vergonha. Levando-os assim à terra, cobriu-se-lhe o seu formoso rosto de uma tamalavez de cor além da natural, e soía dizer meu pai, que em parte desta história em seu tempo se soubera, que não parecia senão que viera aquela cor como por ajudar ainda Aónia escontra Bimnarder, tão formosa a ela, formosa, fizera.

Mas estando assim nisto eles ambos, e não estando eles ambos ali, chegou Enis muito rijo à porta, dizendo que se queriam já ir e que a mandavam chamar. Assim foi forçada levantar-se Aónia e ir-se, e Bimnarder ver tudo e ficar. Mas Aónia, que bem via os olhos de Bimnarder como ficavam, tomou uma manga de sua camisa e, rompendo-a, para remédio de suas lágrimas lha deu, significando

na maneira só de como lha deu o para que lha dava, cá parece que a dor grande que sentia não lho leixou dizer por palavra. Mas, em lha dando, pôs os olhos nos seus, dizendo-lhe só assim:

— Pesa-me, pois a minha ventura ou desaventura não quis que vos eu leixasse de magoar com o que eu não quisera.

E estas palavras lhe disse já fora da porta. E com elas e com o que sentiu ao dizer delas, duas a duas lhe começaram as lágrimas a correr dos seus formosos olhos, e pelas suas faces formosas abaixo lhe iam fazendo carreiras por onde iam, o que a Bimnarder a tanto pranto convidou quanto era a razão dele, pois perdia a vista.

Foi tanto o choro que não lhe abastavam os seus olhos às suas lágrimas, pelo que lhe não pôde então dizer nada. Mas, Enis apressando Aónia com a fala e com as mãos quase empuxando-a e levando-a já, virou-se para ele Aónia, dizendo:

— Levam-me!

E, leixando-se ficar toda com os olhos, se foi assim enlevada até que com a parede das outras casas trespôs [a porta]. Apartada que ela foi de Bimnarder, ele não se pôde ter que, pela outra banda da sua casa, se não saísse escontra aquela parte donde se podia ver o caminho que elas levavam. E ali esteve olhando em mentes a terra lhe deu lugar, e depois um grande pedaço, enquanto poderiam bem chegar a casa, cá parece folgam também

---

23, *trespôs* (transpôs) *a porta daquela de Bimarder. (Edição de Ferrara).*

27, *a terra que... (Edição de Ferrara).*

os olhos com a presunção e descansam de olhar para aquela parte donde está ou vai aquilo que podiam ver, senão fora a fraqueza deles ou o impedimento dalguma cousa.

Mas como lhe pareceu que seria em casa, lembrou-se logo do lugar donde ela estivera na sua cama assentada, e a grande pressa se tornou para lá. E, entrando, foi-se ali por onde estivera dantes.

Consigo estava fantasiando Aónia, ora lembrando-lhe como aquilo fizera, ora como aqueloutro. Depois, tomando aquela parte da manga que lhe leixara, se punha a chorar com ela à volta de palavras tristes, como que as houvesse de entender.

Nisto passou aquela doença, em que grandemente foi visitado de Enis, e sarou asinha. E, daqui até que lhe aconteceu a desaventura que vos contarei, se passaram tempos e outras infindas cousas, porque os paços de Lamentor acabaram-se e, pelo apartamento do lugar onde eles estavam, Aónia e a ama com outras mulheres de casa iam passar tempo ribeira deste rio, onde Bimnarder sempre andava.

Mas nenhuma cousa há neste mundo em que se deva ninguém muito de fiar; que aquela grande segurança em que Bimnarder estava em lugar tão ermo lhe não pôde durar, como agora vereis.

CAPÍTULO XXIX

De como Lamentor casou Aónia com o filho de um cavaleiro seu comarcão, e do que Enis aconselhou a Aónia que fizesse.

E foi assim que a donzela, por quem morreu o cavaleiro da ponte, como vos hei contado, veio tristemente acabar por azo da viúva irmã que o levou nas andas. E sucedeu no castelo um filho de um cavaleiro muito válido e rico nesta terra, que por meio de vizinhos desejou a Aónia por mulher, o que foi asinha acabado pela igualança de ambos naquilo em que a quiseram aqueles em que estava o prazmo do casamento. Mas pelo nojo de Lamentor e pelo apartamento de sua vida, não no soube Aónia senão o dia dantes que a havia de levar para o castelo, que em sua casa não queria Lamentor ver prazeres, e bem lhe pareceu que se não descontentaria Aónia do esposo, porque era bem aposto cavaleiro e dos bens do mundo abastado. E por isso também escusava dizer-lho então.

Mas não foi assim, que Aónia toda aquela noite passou em um grito. Se não fora por Enis, que do

---

7, *igualeza. (Edição de Ferrara).*
9. *O prazmo,* isto é o consentimento. De *praz-me.*

seu segredo era sabedora, morrera ou se fora por esse mundo; mas ela a consolou! E, com muitas esperanças que lhe deu, não tão sòmente a susteve que não fizesse de si nada, mas antes ainda lhe fez ser contente daquela vida e desejá-la, porque lhe dizia que, segundo os casamentos ocupavam aos homens, poderia ela ter a liberdade que quisesse e com o resguardo faria o que sua vontade fosse, o que não poderia na casa onde estava.

Este conselho foi tomado sem Bimnarder, porque a brevidade do tempo não deu lugar para isso. Mas concertaram-se ambas que ficasse Enis para lho dizer. Ao outro dia ou depois, mandaria por ela, porque logo determinou pedi-la a Lamentor. E veio aqueloutro dia, e como Bimnarder não guardasse outro gado, ainda bem não era manhã, já ele andava ribeira deste rio e viu vir gente de cavalo, muita, e passar a ponte escontra os paços de Lamentor. Mas não teve então a quem perguntar o que seria aquilo. Contudo não se tirou dali, porque logo se lhe revolveu o pensamento e inclinou a vontade a querê-lo saber; que, pela maior parte, o que há-de ser dá primeiro sempre na alma e, se andássemos de sobreaviso, ligeiramente entenderíamos tudo ou parte do que nos está para vir.

2, *por este monte. (Edição de Ferrara).*

9. O conselho libertino, em guisa de lenimento, que a alcoveta ministra à mal casada é comum na moral dos romances de cavalaria. Na preconização do amor livre se avantajou à propaganda especifica esta sorte de literatura.

CAPÍTULO XXX

De como Fileno, o marido de Aónia, desejoso de a ter em seu poder, a levou de casa de Lamentor muito acompanhada.

Descidos os de cavalo, estiveram por grande espaço com Lamentor. E depois começaram uns contra outros saindo, fazendo maneiras de prazer. E nisto viu Bimnarder donas a cavalo, e viu o fio da gente escontra a ponte, por onde teve sazão de perguntar a um pajem que cousa era aquela. Disse-lho ele, passando seu caminho. Mas Bimnarder não no acabou de crer, camanho abalo fez no seu cuidado. E, porém, em olhando viu a Aónia, e com ela da outra parte esquerda o seu esposo, que conhecido ia nos trajos e na comunicação da prática que antre ambos levava, porque, como derradeira cousa, olhava Bimnarder. E nisto bem a viu. E Aónia nunca se virou para aquela sua banda, que continuada sempre dele era. Mas antes, porque ia inclinada para aquela parte onde o esposo ia, pareceu-lhe a ele que o ia muito mais do que ela inda ia e que o fazia acinte. Cá isto é natural: quando vos

---

5, *razão de perguntar... (Edição de Évora).*
8, *no seu coração. (Edição de Ferrara).*

uma pessoa cai num erro, toda las cousas, que depois faz, tomais à pior parte, como aqui aconteceu.

Ficou Bimnarder tão cortado, que daí a mais de uma hora não cuidou nada. E, a cabo dela, virando-se para outra parte, se foi, e não no viram mais. Aquele dia à tarde veio Enis buscá-lo, e, não no achando, perguntou por ele; e disse-lhe outro pastor, que acaso acertara então de estar perto dele, olhando também a gente, que, depois dela passada, estivera ele um grande pedaço sem se mudar do lugar donde estava e sem tirar os olhos do chão, como homem cuidoso em sua maneira. E tanto que ele mesmo olhara para isso e quisera-lhe falar, senão quando ele, nisto, virara para outro cabo e pela ribeira, dando a andar rijo, desaparecera e nunca mais o vira. E já ele mesmo fora ao monte de seu amo perguntar por ele, para que viesse pastorar seu gado que andava desmandado, e não no acharam, e que do monte também o foram buscar por todo este mato; e pareceu a todos que seria ido, porque ele nunca tal costumou e já outrem andava com seu gado.

Ficou Enis toda fora de si. E logo cuidou que lhe não cumpria ir ver Aónia, nem viver com ela, pois saíra tão mal seu conselho. E, tornada para casa, ordenou dilatar sua ida por alguns dias, para ver se sabia novas de Bimnarder.

Entretanto não sabendo nenhumas, e apressando-a Aónia que lhas levasse, determinou com tudo de ir, porque por outra via cuidou antre si que com pouco trabalho se lhe tiraria por então Bimnarder do pensamento, que os casamentos, à primeira, parecem outra cousa, e senhoras, que dantes foram presas de amor, logo aos primeiros dias

esqueceram todo o passado; mas depois, por cousas e desgostos, que nascem da culpa do longo tempo ou conversação que traz menosprezo, tornam muitas vezes as lembranças do primeiro. Porque nisto que consigo cuidou quis obedecer a Lamentor, que já, a pedido de Aónia, mandava que a levassem.

— Que vos hei-de dizer?

Ainda bem não chegavam, apartou-se Aónia com ela mas, sabido o que passava, chorou muitas lágrimas e maldisse o dia em que nascera. E Enis que era avisada e via que pois o mal se não podia curar, que se devia dilatar, lhe fez uma fala desta maneira:

— Leixemos, senhora, o pranto, que dele não se vos pode seguir senão dois males muito grandes. Um é que matais a vós com choro, e quando pela ventura vier Bimnarder não vos quereria achar assim, e será esta então maior ofensa para ele; porque estoutra tem desculpa e esta não a terá para ele, senão se lhe quiserdes dizer que desconfiáveis dele, que monta tanto como cuidardes dele mal. Ora, vo-lo vede lá, senhora, convosco se podereis dar a culpa a quem quereis camanho bem! Pois afora isto tendes ainda outro mal, que correis risco de se saberem vossos prantos e, como eles sejam tomados em tempo de bodas, não se poderá deixar suspeitar deles mal. E por aqui tolher-se-vos-á porventura o que pode ser em algum tempo, o que eu

---

3, *tornam depois muitas vezes à lembrança do passado. (Edição de Ferrara).*

22. *Ora vos avede lá convosco, senhora... (Edição de Ferrara).*

25, *de o saberem vossos parentes... (Edição de Évora).*

espero; porque as lágrimas de Bimnarder não podiam ser sem vos ele querer muito grande bem, e não vos podia ele querer muito grande bem que lhe não doesse muito o que fizestes; porque o bem-querer grande faz sentir muito os escândalos recebidos, e crê-los, na parte quanto abaste, para o sentimento ser maior do que pode ser. Mas porém sempre leixa uma dúvida lá na crença, para experimentar nalgum tempo, tarde ou cedo, segundo a dor grande ou pequena lhe dá lugar. Não pode ser que aquilo que vós, senhora, sabeis, não faça duvidar Bimnarder do que fizestes, de se ele desenganar por si mesmo. Ou, se isto não é assim, não há verdade no mundo nem nos homens.

CAPÍTULO XXXI

Em que se diz da grande dor que sentiu Aónia em seu casamento.

Estas palavras desagastaram a senhora Aónia algum pouco, mas não de todo; que na verdade se a leixaram estar só e ter tempo para perseverar neste cuidado, não creio eu que ela pudera durar muito. Mas era esposada de então, e umas cousas e outras não na leixaram nunca só; espalhavam-se os cuidados. Assim ela pouco a pouco foi-se avezando a viver doutra maneira, que as ocupações da casa e a desconfiança ou desesperança que foi tendo de Bimnarder lhe fizeram indo nas cousas passadas uma sombra de esquecimento, em que ela pudera viver toda-las-horas de sua vida descansada ou menos cansada, se em alguma cousa deste mundo houvera segurança. Mas não na há; que mudança possui tudo.

PARTE II

Da história das saudades de Bernardim Ribeiro, a qual é declaração da primeira parte deste Livro.

CAPÍTULO I

Como sabido por El-Rei da fermosura da senhora Arima, a pedira a Lamentor, para na corte servir a rainha.

Arima, que assim se chamava a menina, a criada da ama, neste meio tempo fez-se a mais formosa cousa do mundo. E, sobretudo, o que ela tinha estremadamente sobre todas, era-lhe natural uma honestidade, que a muitas, feita ainda à mão, parece muito bem. A sua mansidão nos seus ditos e nos seus feitos não era cousa natural. A sua fala e tom dela soava doutra maneira que voz humana. Que vos hei-de dizer? Não parece senão que se ajuntaram ali todas as perfeições com que se não haviam de ajuntar mais nunca. Era ela um só amor a seu pai, que grandes haveres tinha para ela guardados, se a ventura a não tivera guardada para outros.

Dentro neste nosso mar oceano, que aqui logo perto entra este rio, contam que havia naquele tempo uma ilha tão abundosa e camanha em terras,

---

1, *a menina-senhora, criada da ama... (Edição de Ferrara).*

7, *de cousa mortal. (Edição de Ferrara).*

rica em cavalos, que dali todo o mundo casi senhoreava. Falavam dela maravilhas grandes.

Mas o nosso conto não é agora este. Nela, dizem, que havia um rei naquela sazão, que sustinha corte no mais alto estado que podia. Mantinha-se usança que todas as donzelas, filhas de algo, como eram em idade para isso, se levavam à corte da rainha e daí saíam honradamente casadas. Tinham assim em preço grande, naquela terra e em todas as que derredor sojigavam, Lamentor, que por fama já era del-rei conhecido e aceito a ele pela sua maneira, diferente de todas e pela sua nobreza de sangue e feito de armas, de que era sabedor por muitos cavaleiros andantes de sua corte, que bem o conheciam. Pelo que foi mandado pelo rei que quisesse honrar sua corte com Arima, porque, tendo-a lá a ela, lhe pareceria que o tinha a ele, e porventura se ordenariam cousas por onde em algum tempo o visse (que ele tanto desejava). Cuidava o rei que o casamento de sua filha lhe poderia mudar o propósito.

Lamentor, que bem sabia que os pedidos do rei mandados eram, não lho pôde negar. Concertado tudo o que era necessário para aquela ida, vindo muitos parentes seus, já por parte do casamento de Aónia, vestida Arima ainda de dó porque, dado que muito houvesse que era falecida sua mãe, na casa de seu pai não no parecia, e também porque por costume naquela casa nenhum outro vestido parecia melhor, e Arima já que se queria partir, apartando-se da outra gente, foi-se só àquela câmara onde seu pai soía sempre de estar depois da morte de Belisa, porque ali também para sempre estaria ela, a qual era feita também à maneira para

uma contemplação triste. E, entrando ela e indo-se para pôr em joelhos e beijar-lhe a mão, a tomou ele amorosamente; e abraçando-a e assentando-a a par de si, tomando-lhe suas formosas mãos antre as suas dele, lhe começou a falar desta maneira.

5, *com os olhos cheios de água. (Edição de Ferrara).*

CAPÍTULO II

Da grande mágoa que sentiu Lamentor, por se haver de apartar de sua filha Arima.

— Para algum conforto das mágoas que me ficaram, parecia-me a mim, filha e senhora, que me vos leixava a vós vossa mãe. Agora sou constrangido de nova dor, quando não tenho novo lugar em que a receba.

Aqui parece lhe corriam já as lágrimas pelas suas honradas barbas abaixo. A Arima também foram causa de outras. Tornou ele, esforçando-se como cavaleiro que era, alimpando asinha seus olhos, dizendo-lhe a ela pela desagastar:

— Não choreis, filha, que vos fareis nojo dessa maneira ao vosso coração. Não convêm lágrimas tantas à formosura: que ainda assim não nas podereis deter tanto que sem elas, ela não vá primeiro que vós muito queirais, que o tempo bom não aguarda por ninguém. Is para a corte, onde se não acostumam senão prazeres, ou verdadeiros ou fingidos. Leixai a vosso pai os nojos, pois que para eles nasceu, que vós para outra cousa deveis nas-

---

16. Forma antiga de Ides. No texto e na *Edição de Ferrara His.*

BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA

cer, que vos não foi dada a formosura debalde. Melhores fadas vos cubram a vós, filha! E, se al está ordenado no céu, primeiro que o eu veja, me possua a mim esta terra, que a melhor parte de mim, sem mim, há tanto tempo que tem já. E assim o rogo eu a Deus. Muitas cousas me lembram a mim para vos dizer nesta partida; mas quero agora, quanto em mim for, escusar-vos mágoas que, pois as não vistes, não foram feitas, parece, para vós. Mas de muitas, esta só vos lembrarei. Sois estrangeira nesta terra e tudo se há-de olhar em vós — e há-de se esperar tudo de vós, e não tão sòmente sois obrigada à vossa boa tenção, mas ainda à presunção que outrem há-de ter dela. Culpas dadas mal se tiram elas às donzelas. O acerto de tudo está em muito pouco, porque as pequenas são em as que se põem os olhos, que as grandes, quando se já fazem, esperadas vêm, e mais não se fazem senão uma vez na vida. Guardai-vos, filha, de cousas pequenas, que de aí se fazem as grandes, afora que das pequenas nascem as presunções ou suspeitas, que são piores no dar das culpas que as esperanças mesmas. A boa fama é a melhor herança que há no mundo. Riquezas e estados, de vosso rei cumpre que os hajais, e ela, só de vós mesma. Menos trabalho parece que haveis mister,

---

10. Este longo monólogo trai a mão moralista do eclesiástico. É muito assisado e regular para ser do autor da primeira parte. Este contraste salta aos olhos. Mais lógica, mais razão, menos ingenuidade e sentimento. A novela daqui em diante sente a pancada do artifício implantado a martelo.

23, *crenças mesmas. (Edição de Ferrará).*

mas o fruto é certamente maior. E em tôdalas cousas não fieis de vós, nem dos homens, nem doutrem, cá isto só que vos agora direi vos lembre, filha, que vo-lo disse eu. Tudo é suspeito e pouco seguro para as mulheres, até no serem santas e virtuosas, porque isto é causa às vezes para os cavaleiros serem mais perdidos por elas e fazerem cousas camanhas que lhes fazem elas crer o que não é, se não só no desejo. É este um engano grande para vós outras senhoras: de quem deseja com má tenção, ou de quem deseja com boa, de ambos são as obras iguais, cá este desejo é o que obriga cada um a fazer extremos. A boa tenção ou má é fora desta culpa; mas não se vê, senão por derradeiro, quando alguém queria não na ver. Mas é forçado que seja lei em que se não pode revogar, pois Deus só o conhecimento das tenções dos homens guardou para si, para conhecerem a quem os fez de tão desvairadas tenções. E encomendo-vos, filha, meu amor. Adeus, e olhai por vós.

CAPÍTULO III

Em que prossegue Lamentor sua fala com Arima

Após estas palavras lhe deu um abraço grande. Tomando-lhe ela a sua direita mão e beijando-lha, deitou-lhe sua bênção alevantando-a, que tudo já era concertado e estavam cavaleiros esperando por ela. Como forçado, virando os olhos para outro cabo também como que não podia ver aquilo, a levou té à porta daquela câmara onde se espediram ambos, ficando ele, e ela indo-se. Mas já que eram apartados, tornou Lamentor a chamá-la amorosamente, a voltas de uma tristeza cheia de saudade:

— Que me esquecia, filha — lhe disse —. Mandai-me, filha senhora, muitas novas de vós, que não tenho outrem de quem já neste mundo as espere.

E aqui tornaram outra vez a renovar o choro.

Mas os cavaleiros, que eram já ali, foram causa de se espedirem mais asinha do que o pranto de suas derradeiras tristezas demandava.

Ficou Lamentor com suas tristezas; Arima partiu com as suas, a qual ligeiramente com o cami-

---

12, *sempre muitos novas de vós... (Edição de Ferrara).*

nho esqueceu, senão era naturalmente triste de uma tristeza já em si branda, que escassamente se podia desenxergar de honestidade, cá ambas ela tinha, e antre ambas sua formosura que parecia melhor. Soube-o quem no ouviu, e só o sentiu quem o viu ou creu. Era ele conhecido do pai de Arima, quando andavam pelo mundo seguindo aventuras e ainda amigos grandes, para que aquilo que havia de vir acontecer, sem se cuidar, tivesse nascimento de longe não cuidando, e parecesse o feito com a causa dele, e sobretudo para que Avalor fosse singular a ambas. Mas, em chegando ele, foi-se para ela o marido de Aónia, e pelo dar a conhecer também pelo seu que muito estimava.

— Este é, senhora — lhe disse — Avalor, em que já ouviríeis falar ao senhor vosso pai, que muito se preza um do outro. O mais dele quero-vo-lo eu leixar de dizer, porque é em tudo tão acabado que cumpriria, para o crerdes, saber dele de quem não tivesse tanta razão com ele como eu. Por me fazer mercê que seja sempre honrado de vós.

---

4. Nesta altura do texto há concordância de todos os escoliastas, a começar por Teófilo Braga, quanto à obscuridade do sentido e sobretudo à lógica do discurso. A nosso ver, há omissão. *Soube-o quem no ouviu, e só o sentiu quem o viu ou creu. Era ele conhecido do pai de Arima* reportam-se já ao cavaleiro Avalor que agora entra em cena. Na *Edição de Ferrara* lê-se: *Soube-o quem o ouviu ou creu,* que dá mais verosimilhança ao nosso modo de ver. O facto incontestável é que se nota um salto no discursivo da narração.

10, *não cuidado... (Edição de Ferrara).*

CAPÍTULO IV

Como fazendo Arima seu caminho para a corte, nele tiveram princípio os amores de Avalor com ela.

Arima que ia então tão formosa como o ela era, e para o que ela não cuidava, dizendo escassamente um sim, alevantou como de boamente a estas palavras a vista contra Avalor, à maneira de acrescentando o desejo ao pedido, que muitas vezes ouvira já falar bem dele. E o olhou de seus olhos, e depois daí a um pouco os abaixou com aquele modo de mansidão que a ela só por dom especial foi dado: que conta-se que até a estar a andar, em fim em todos os outros autos, a tinha tão suavemente posta que bem parecia que naquele lugar estava só. Por onde aquilo, e a maneira daquilo,

---

2. A redacção é tropeçante e decerto mais incorrecta do que aquela a que vimos habituados da Primeira Parte.

9. Esta passagem é impenetrável e os comentadores passam-na em silêncio. Vale a pena num detalhe irrisório arquitectar hipóteses de reposição? É possível que o novelista queira ter dito que havia tanta mansidão no olhar de Arima que em qualquer ocasião ou acto da vida ela ofuscava a tudo e todos e só ela sobressaía. Se não é assim, valha-nos um concílio escolástico à conimbricense.

tudo assim como passava, ficou logo escrito na metade da alma a Avalor. Parece-me havia de ser e foi.

Posto que toda aquela tarde, que ficou a parte do serão, Avalor se andasse pondo em lugares que a pudesse ver, contudo nunca a pôde tornar a ver, e assim se foi para a pousada onde, depois de deitar-se, a noite que seguiu, com aquele cuidado não podia dormir. E porque ainda ele não tinha determinado consigo querer a Arima bem de amor, querendo-lho já sem o ter determinado, como anojando-se de si consigo, muitas vezes fazia por dormir, que não cria ele, que uma só vez que vira Arima, lhe podia ocupar tanto o tempo e tanto o cuidado, que lhe tolhesse o sono. Mas não era assim como ele queria. Camanho poder sobre ele só foi dado a um só pôr dos olhos e abaixar.

Porém escontra a manhã adormeceu, e por sonhos parecia-lhe que estava falando consigo, dizendo, que como o não leixava dormir aquele pensamento se ele não podia querer bem a Arima, pois era então preso de amor em outro lugar!

CAPÍTULO V

Em que dá conta quem fosse a senhora desherdada a quem Avalor seguia de amores, e do que mais lhe sucedeu.

Era assim que na corte andava naquele tempo uma senhora, a quem por morte de seu pai tomaram terras que ela devia de herdar, e viera ali pedir ajuda a cavaleiros para escontra quem camanho mal lhe tinha feito. Avalor a servia encoberta e muito secretamente, que, pela honra que lhe o Rei fazia, parecia caso de menos acatamento querê-la servir de amores cavaleiro que fosse vassalo seu. E era esta senhora mais formosa para entre homens, que para entre mulheres: de umas feições grandes naquela grandeza bem posta, porém sobrava na graça do seu ar, que derramava por tudo que ela fazia ou dizia, de maneira que a quem a visse, mal que lhe pese, lhe havia de aprazer.

Mas estando ali Avalor no seu sono, representou-se-lhe ver uma donzela vir tão delicada, que pa-

---

4. A preposição arcaica *escontra*, que amiúde se nos depara no texto, significa aqui *ir em oposição*, mais pròpriamente *ir em contra de*.

11, *sobejava... (Edição de Ferrara)*.

recia não poder viver muito. Ela, chegando-se para ele a passos vagarosos e tomando-o pela mão, lhe dizia, apertando-lha:

— Cavaleiro, sabereis que há aí vontade dada por força de amor, outra por amor forçado. Podia ser isto assim se um castelo cercado se desse ao conquistador, por mais não poder fazer, outro se desse só por se querer dar. Não diríamos que não tinham ambos vontade de dar-se, porém diríamos que o primeiro foi o querer forçado que deu a vontade. Ao outro, o querer forçou a vontade que deu. E esta diferença há no que estáveis cuidando sem se declarar, pondo grandes cousas por pequenas. A outra tomou-te; a Arima tu te lhe deste. Tinha-te uma preso o corpo, e a outra, quer queiras, quer não queiras, há-de ter o corpo e alma para sempre. Por só te dizer isto parti donde parti. Mas porque estás guardado para sempre seres triste, te não quero leixar sem um contentamento grande em tua tristeza.

Parecia-lhe a Avalor ir-lhe perguntar de que estava assim magra, cá de dó dela não se pudera acordar de outra cousa. E ela:

— Não deverás querer saber — lhe disse — a causa porque não hás-de ser mais ledo quando a souberes; em nossos espíritos somos criados com a vontade de cujos havemos de ser; e, porque me perguntas, sabe que Arima alta determinação possui

---

10. Como estilo anfigúrico é um primor. Na primeira parte desta novela não se encontra uma passagem mais intrincada, enfática, e do todo bárbara, do que esta. Sem dúvida que é ofensa supô-la da pena de Bernardim.

em sua vontade. Isto te não quisera dizer, nem por sonhos, cá em tal hora sei que te foi dado este cuidado para te fazer dor. Sonhos verdades te parecerão.

E assim lhe desapareceu com um ai grande.

CAPÍTULO VI

Em que Avalor prossegue no conto do que dormindo sonhara que vira.

Aqui acordou Avalor e vendo a manhã clara, achou toda a cama banhada em lágrimas, que chorava do dó que houvera daquela donzela do sonho, que, assim delicada como vinha, tinha lá aquele desfalecimento de carnes posto em uma sombra de formosura, que não parecia senão que ficara ali doutras muitas infindas cousas, que se lhe foram. E, inda assim acordado cuidando nela, se lhe estavam os olhos enchendo de água, mas depois de infindo tempo o magoou isto verdadeiramente. Cá então ocupou-lhe só o cuidado, maravilhando-se muito daquilo que lhe dissera acerca do amor, porque quanto mais cuidava nisso, mais lhe parecia.

Assim estando muito metido por este pensamento, em uma cousa só acabou de confirmar de todo, porque aquela *senhora deserdada,* que assim se chamava, nunca lhe lembrava senão porque desejava de a ver, e não cuidava nela senão porque a não podia esquecer, e não era outro seu cuidado senão como a veria. Porém com tudo, porque lhe tinha embaraçada a fantasia, não podia cuidar consigo de todo ainda então que poderia leixá-la por outrem; mas na verdade ela só era a que o não lei-

xava perder, e por isso durou tão pouco como durou. Cá quem quer por bem a alguma pessoa, porque lho ela quer ou porque ela faz que lho queira, logo leixa de lho querer como falecem os meios por onde; mas quem o quer, por só querer ou só porque o quer, a este não pode falecer o querer de todo: e ainda que o contrário pareça, alonga-se, mas não se tira nunca nenhum amor. Porém com tudo, como comecei de dizer, abastou o que Avalor queria à *senhora deserdada* para então não cuidar que poderia leixá-la: e por isto, vendo-se da outra parte perseguido da lembrança de Arima, como menencório de si, determinou de não ir ao paço tão asinha, que cuidava ele que assim se poderia esta referta partir.

5. Esta é uma das passagens anfigúricas, rebarbativas, em que só um hermetista poderia meter dente. Os nossos poetas quando se põem a filosofar, ainda mais com a costela teológica que sobrepuja em todos, não vão além do Rosalino.

CAPÍTULO VII

Como estando Avalor muito cuidadoso em seu cuidado, viera com ele ter um cavaleiro seu amigo; e do que ambos passaram.

Nesta determinação passou aquele dia e outro. Mas estando ao outro ainda na cama, cuidando também no que não podia leixar de cuidar nunca, entrou pela porta da câmara um cavaleiro seu amigo, dizendo-lhe que se alevantasse asinha, e que iriam ao paço, que partia el-rei e a rainha com toda sua corte para uma cidade do sertão. Já era quase concertado tudo para a partida. E então se ergueu Avalor e, querendo-se aperceber para o caminho, vieram a grande pressa chamá-lo, que partiam já. Foi forçado Avalor ir assim por entonces só até sair fora da cidade, e tornar-se a ataviar de cami-

---

10. Só em respeito pelos espíritos de boa vontade que vêem na *Menina e Moça* o diamante negro da literatura portuguesa e devido a que, só com a I.ª Parte, dimensionalmente, teríamos um folhete de cordel, todavia digno de estudo pela ingenuidade e seu entrançado pastoril e cavaleiresco, não expungimos da edição esta 2.ª e 3.ª Partes. Parece inacreditável como T. Braga e D. Carolina Micaëlis os tenham outorgado à paternidade de Bernardim.

nho, e acabar algumas cousas que tinha ainda para fazer. Mas esta sua determinação saiu-lhe doutra maneira. Contudo porém ele chegando, a senhora Arima estava já de mula e, ainda ele não aparecia acolá, o via ela dali onde estava e com as maneiras dela o começava agasalhar. Chegando-se Avalor para ela com grande acatamento, ela o recebeu gasalhosamente, começando-lhe dizer que sabia já muitas cousas. Respondeu-lhe Avalor que dele não poderiam elas já ser, pois eram muitas.

Abalou a rainha nisto, e começaram a caminhar.

Aqui passaram muitas cousas que a mim não lembram, senão que enfim lhe viera Arima a descobrir que eram cousas da senhora deserdada, e Avalor não lho negou, que até aquilo lhe não podia já negar.

Fazendo ela muito da sua banda, cá havendo dó dele, lhe prometeu que o que nela fosse faria de boamente, que pelo ver contente tudo lhe seria leve fazer. Estes oferecimentos lhe fazia ela e dizia com aquela graça e com aquele ar, que só no seu tempo se viu nela. Mas para uma cousa os fazia ela e para outra se faziam eles: que Avalor tudo via, olhando-a com olhos que lhe punham tudo na alma e no coração. E, acabando de dizer-lhe ela uma cousa, ficava-se ele logo lembrando como lha dissera; tornava ela dizer outra, tornava-se a lembrar daqueloutra. Assim foi todo aquele caminho: e assim foram ambos de dois namorando-se ele só dela só e, donde ia para não mais que até sair da cidade, foi até sair

30. Texto confuso que parece exprimir: *tendo decidido não ir mais além que até sair da cidade...*

de si, e não se precatou senão quando se achou com a jornada acabada, vendo que se queria Arima despedir dele, que noutra cousa o não conheceu. Mas ela que também o viu só, então olhou como ele não vinha nos trajos para tão longo caminho.

— Parece, Avalor — lhe disse — que não vínheis para tão longe?

— Senhora, não cuidei que vinha — lhe respondeu ele — que não saí com tenção de vir mais que até fora da cidade um pouco, ainda que também assim não saí fora de minha tenção, porque até aqui bem pouco me pareceu.

— Pouco — lhe tornou ela, indo-se já para descer — também mo parecera a mim, se não viera convosco.

E assim se acabou de descer. E Avalor por isso não teve tempo de lhe responder, nem ficou para isso ainda que o tivera, tão embaraçado o leixou aquela resposta que escassamente se lembrara espedir-se dela, se se ela não espedira dele, cá, por ser já de noite, foi vedado aos cavaleiros apearem-se.

Tornou-se Avalor, mas não por onde fora, cá perdeu o caminho, ao tornar com a noite escura que fazia.

Cuido eu verdadeiramente que lhe foi aquilo remédio para cuidar menos. Com aquela ocupação chegou para onde tornava, que se viera pelo caminho direito, ou chegara ou não. Mas ele na perda do caminho não se lembrava senão da perda dos lugares que houvera de ir vendo pelo caminho, e ia-os figurando consigo por aquele por onde ia, e alguns lhe pareciam outros, alguns de esquecido de si e de por onde ia muitas vezes. Assim enganado

ou transportado, se detinha neles, pelo qual não chegou donde partira senão ao outro alto dia com quanto andou toda a noite, que mais levava perdido que o caminho.

CAPÍTULO VIII

Da prática que Avalor teve com a senhora Arima, quando tornou à corte.

Quando ele já tornou, estava a Corte aposentada naqueloutra cidade. Mas chegou a um dia e a outro foi ao Paço. E, porque o não levavam lá outros desejos, ainda bem não foi tempo da entrada do aposentamento da Princesa, já ele lá era. E, querendo-se pôr a Princesa à mesa, vieram todas aquelas senhoras donzelas suas, que de alto sangue e estado eram, que a filha muito prezada era do Rei. E depois delas todas vindas, cada uma como mais asinha pôde, viu Avalor daí a um bom pedaço sòmente, derradeira de todos, vir Arima tão devagar, que parecia que inda então vinha muito cedo, senão que isto não podia parecer a ele só. E como o ela abrangeu bem dos olhos, veio pôr-se acerca dele, recebendo-o com umas acolhenças, como que o não vira tempos havia. E depois de estar assim acerca dele, a meia vista, perguntando mansozinho:

— Donde tardastes, Avalor, tanto, que todo este caminho vim olhos longos por vós?

— Quando vos leixei, senhora — lhe respondeu ele — perdi o caminho ao tornar.

— Folgo muito — lhe disse ela — que cuidei que eu era a que perdera em me leixardes.

Estas palavras, que ela à boa parte dizia, ensoberbeceram ou enlevaram tanto a Avalor que o puseram em condição de lhe descobrir logo sua vontade. E se não fora pelo lugar, pareceu-lhe que lho descobrira. Mas pelo que depois aconteceu mostrou ser isto, como dizem, coração de pousada.

Ergueu-se a mesa, e veio para eles outra senhora, amiga grande de Avalor. E naquele meio tempo de se recolherem, que não foi muito pouco, passaram todas três a outras cousas, pela qual parte quase foi ele dali tão carregado como nunca ainda se achara. Porque depois de lhe aqueloutras palavras ter dito Arima, viu que falava em tudo, o que falava tão posta naquilo que parecia que estava toda ali, ou que ao menos não estava noutra parte com o pensamento, o que lhe fez suspeitar a ele que o que ela lhe dissera não seria senão da grandeza da perfeição sua. Tão acabada e tão gentil dama era em tudo o que ela queria ser, como não era nunca dantes; porque se o dissera na tenção em que ele o queria tomar, cuidava Avalor, estando consigo, que trabalhara ela pelo descobrir em algumas outras cousas, depois daqueloutra senhora vir. Cá bem sabia ele já que os desejos, começados a declarar, muito mal sofriam a dissimulação depois. E, porém contudo, não querendo nem podendo leixar já de se enganar a si mesmo, com aquela ocasião daquelas palavras que por si tinha ou por si entendia, determinou dizer-lho como a visse. E com esta determinação tornou aquela noite ao Paço, e não na viu. Mas ao outro dia tornou lá; viu-a vir daquela mesma maneira que da outra

vez, parecendo-lhe então tão nova cousa aquela mansidão de vir espos a tanta pressa das outras, como se nunca a vira vir assim. Que isto tinha ela, que ainda não ouvi dizer que o tivesse outra: uma cousa, posto que muitas vezes a fizesse, cada vez que lha viam fazer parecia a quem lha via que era a primeira.

E com aquelas suas acolhenças, que nunca mais saíram da memória a Avalor, se veio também para junto dele, mas daquilo tudo, que ele determinava, tão-pouco lhe disse nada, posto que espaço grande de tempo com ela estivesse então, senão que a ele lhe pareceu tão pequeno, que foi dali cuidando consigo que pela míngua do tempo lho não dissera. Mas não era por isso, porque outras muitas vezes tornou a falar com ela, e também nunca lho disse. Ora lhe parecia que se aquilo não fora que lho dissera, ora que senão fora aqueloutro. E quando não achava a quem se tornar, nunca lhe leixava de parecer senão que lhe falecia o tempo. E a verdade era que lhes ia falecendo, mas não da maneira que ele cuidava, que depois sucederam cousas que até tempo para perder não teve.

Então conheceu mínguas passadas, quando conhecê-las lhe não podia prestar para mais que para o magoar. Mas assim parece que havia de ser

---

3. *Se pôs a olhá-la. (Edição de Ferrara).*

8. Todo este trecho é dum gongorismo refinado e caprichoso. O espírito vai apalpando presunções e fantasmas de ideias: Será isto? Será aquilo? O curioso é que esta prosa e de modo qual este livro ganhasse um quilate raro em joalharia literária!

que, por derradeiro com achaque disto e daquilo, andou um ano de dia a dia que lhe não parecia outra cousa, nem lhe falou em nada de quanto determinou, e sempre lhe pareceu que não ficava por ele, senão que não podia mais ser. E já quando veio escontra o cabo do ano, mais diligência punha em buscar desculpas para consigo só, por onde cuidasse que não pudera ser, do que punha em buscar outra cousa. Entre tanta dúvida o traziam amor e temor.

Mas uma cousa contavam dele maravilhosa: que lhe queria camanho bem que nunca entendeu que lho leixava de dizer com receio que tivesse de dizer-lho; que no querer bem antigo e velho é o receio em todas as cousas, mormente nesta, em que se teme anojar a pessoa bem querida: cá como seja nojo daquela a quem desejais em cabo dar prazer, receai-lo mais, pois é o primeiro passo entre dois que bem se querem, em que se mostra temor, e por isso parece maior ou é como em cousa primeira. Mas ele isto não no entendeu ou queria, parece, tanto a Arima, que de tudo quanto havia no seu bem querer não parecia senão a ele só o receio. Obrava o que havia de obrar, e o querer grande tornava tudo aquilo a outros achaques.

E sabeis quanto lhe podia ir de o não entender a entendê-lo, que se o entendera, buscara maneira para saber se perderia o temor de anojá-la se lho dissesse. Cá ela tinha amigas grandes, que eram senhoras, também grandes [amigas] de Avalor, e

29. Quer dizer: que era também amiga de Avalor, conforme de resto com a *Edição de Ferrara*.

mal pecado já então seria descoberto aos homens o que as mulheres lá entre si falavam. Tudo isto ouvi eu falar muitas vezes a meu pai, que em camanho grau alçava o amor deste cavaleiro, que jurava em sua fé nunca ouvir nem ver outro tão estremado em bem-querer.

Cá morreu por Arima, e por lho não dizer. Mas suspeitou-se que o soubera ela, pelo que fez depois de o saber. Pode e não pode ser, como podereis julgar depois.

---

2. *Entre si faziam. (Edição de Ferrara).*
10, *depois cuidar. (Edição de Ferrara).*

CAPÍTULO IX

Do gentil passo que teve uma dama, amiga grande de Avalor, acerca de uma queda que deu na sala da princesa.

Agora tornemos a Avalor, que com tanta fadiga esteve consigo posto naquele estremo em que andava do ano, donde dantes sempre achava cousas em que falar com Arima, já então havia grande tempo que, como se via com ela, tudo lhe falecia. E, como a via, transportava-se.

Foi certo que, uma vez, estando a Princesa na sala com todas suas donzelas e muitos cavaleiros em cousa de prazer, ele se acertou, entonces, de estar a um cabo da sala, só, com os olhos postos naquela parte por onde havia de vir Arima; que ele não perdia a esperança nunca por tarde, quando se elas costumam perder, antes então a tinha mor. Era diferente do bem dos outros cavaleiros o que ele queria, e assim parece lhe eram dadas as esperanças diferentes das que se costumam ter.

Mas, estando ele assim todo encostado a um rás, viu vir Arima. E, desacordando-se da força ou não

---

10, *a um canto... (Edição de Ferrara).*
17. Rás, isto é, pano de Arrás.

podendo sustentar a carga dos seus olhos, como dizem que ele disse depois, caiu. E como ele fosse mais alto de corpo do que havia então cavaleiro seu igual, deu camanha queda que toda a sala abalou. Algumas pessoas houve aí que suspeitaram a verdade; mas as mais estavam também ocupadas em seus pensamentos. O que se suspeitou não se ateou. Porém, não tardou muito que dali não nasceu todo o pesar e todo o dano de Avalor. E porque não há aí mal que não ache caminho por onde venha a quem ele está por vir, aconteceu por acerto estar então com uma senhora, amiga de Avalor, um cavaleiro de alto sangue, mas de baixos pensamentos, de que teve nascimento todo o dano.

Depois, aquela senhora, como fosse amiga grande de Avalor, e acostumasse sempre festejá-lo com recados, lhe mandou então por um pajem perguntar que lhe mandasse dizer de que tão alto caíra que camanho estrondo fizera. Respondeu-lhe Avalor: que do seu cuidado. Afirmou então o cavaleiro por verdade sua suspeita. E daí a tempo disse que Avalor servia em secreto a Arima, e amizade grande era dissimulada. E isto foi dito em parte que o veio saber Arima, mas como ela de sua tenção estivesse segura e da outra de Avalor não soubesse nada, não pôs mentes de todo naquilo, antes o teve por mexe-

---

1. Sustentar a carga é indiscutível mau gosto. Bernardim com a sua primitividade literária, seria inibido pela própria delicadeza mórbida de cair em semelhantes boçalidades. Esta parte já só é Bernardim no alambicado e floresta de pensamentos.

8. O tempo do verbo seria o imperfeito do conjuntivo.

22, *de ambos... (Edição de Ferrara).*

rico. Mas contudo, como a suspeita que entra uma vez em alguém nunca de todo se perde, ainda que se não creia, ficou a Arima só uma lembrança de olhar mais pelos feitos e pelos ditos de Avalor, que estavam bem claros para quem olhasse por eles. Como de feito, olhando ela, via folgar de estar com ela Avalor, calando-se ao perder das cousas em que falavam, e noutras no perder dele, e nunca saber-se despedir ou tirar os olhos dela e pô-los a furto, e queixar-se dela nunca parecer e, de fora parte, o seu andar só e o seu cuidar sempre, o seu falar espedaçado falando entre muitas, e logo o seu transportado silêncio. Viu também que assim tinha Avalor notadas todas suas cousas, que a nenhuma parte havia de ir a Princesa, que ele já não estivesse naquele lugar, para onde a condição sua dela o havia de inclinar, e que sempre se havia de pôr de maneira, assim no estar como nas idas dos caminhos, que se fizesse acertado com ela, fazendo isto de força tão segura que muitas vezes ela mesma olhava por isso, a metia em dúvida de cuidar se seria aquilo de acerto, se por querer ordenado. Mas ele fazia-o sempre, e por isso o não podia parecer de acerto. Sobretudo atentou no afroixar da fama da senhora deserdada, que tão acesa em seus amores soía andar, que não murmuravam as gentes dali, e que às vezes de tarde em tarde se punha em lugares descobertos naquela opinião, como quem queria sustentar presunções falsas que se perdiam, para com isto cobrir outras verdadeiras.

11, ...espedaçado que também vem na Edição de Ferrara deve corresponder aqui a espaçado.

22, *a sabendas ordenado. (Edição de Ferrara).*

E pareceu daqui a Arima, que seria ele também sabedor do que lhe a ele disseram acerca de servi-la encobertamente, e que por isso o fazia assim. Mas ele não o sabia na verdade.

Todas estas cousas e outras, que não são escritas neste livro, trouxeram a Arima grande tempo em muitas e diversas dúvidas. Cá também a ela era caro o partir daquela amizade, tanto pode o amor em tudo.

E por derradeiro, estando ela uma vez de dentro a uma janela rasa, acaso acertou Avalor passar por uma varanda sobre que ela caía, e vendo-a só, assim estar virada para aquela banda dele, deteve o passo, e sem fazer outra cousa se pôs todo a olhá-la. E cuidava ele que, pelo ela não ver, que furtava assim aquele tempo para vê-la melhor, porque doutras vezes, que a sabendas a vira, não podia fartar os olhos dela como desejava, sempre se espedia com tantas cousas por lhe olhar, que lhe parecia indo que a não vira. E isto, além de ser assim, porque é assim, era também porque, com desejo, as cousas muito desejadas, ainda que se alcancem, assim os satisfazem que as acrescentam. Não é como vontade que, satisfazendo, se tira. Mas Arima, que muito bem o vira vir, dissimulando fez que não o via para ver em que parava aquilo. E determinou parar-se assim sem falar, que as cousas de Avalor juntas naquele segredo a traziam tão desejosa de o saber como isto. E, depois de se leixar estar assim um muito grande pedaço, o sentiu muito pronto e muito contente em olhar; calando-se, confirmou o

---

10, *...de dentro de uma janela... (Edição de Ferrara).*

que era. Porque bem sabia ela que não podia aí haver amizade tão calada. E virando a ele o seu rosto, à maneira de incendido com uma delicada flama, afora de menencoria, esteve um pouco toda posta e de olhos postos nele. E assim, virando-se com a vista, com o seu bem aposto corpo, indo-se, lhe disse:

— Ou me vós tendes errado, Avalor, ou andais para me errar.

E, carregando estas palavras com uma graveza de presença agravada, cerrou de todo a janela, indo-se seu passo quedo.

Verdadeira no andar pareceu ela a Avalor, que ficou como podeis cuidar; dizer-vo-lo não poderei eu. E, para o magoar ainda mais, fartou os olhos daquele ir assim. Mas tão cortado ficou daquelas palavras que o tomou ali a noite. E mais acontecera, senão fora por um seu amigo que, passando, o saudou e acordou do cuidado em que estava. E, vendo ele o lugar e que poderia nascer alguma suspeita que trouxesse dano a Arima, que de si lhe não dava nada, se foi para uma pousada onde esteve muitos dias sem tornar ao Paço. Depois, mandando-o chamar afincadamente uma senhora, amiga sua grande, foi ele lá, e ela, tomando-o à parte, lhe disse:

— Prometei-me segredo, e dir-vos-ei cousas em que vos vai muito a vós e a outrem, de quem vos há mais de pesar.

4, *afora de menencoria,* flama que era tudo menos melancolia.

28, *outrem que vós amais e prezais ver. (Edição de Ferrara).*

— O segredo — lhe respondeu ele — é devido a tôdalas cousas vossas e por isso sobejo seria prometer-vo-lo eu. Em al me podeis mandar de novo.

— Avalor, — tornou ela — eu fui em tudo segura, de vosso segredo não desconfiei agora, mas quis-vo-lo lembrar. Não me negueis que quereis bem à senhora Arima, que nem eu quero que mo confesseis, pois determinastes encobri-lo. Mas fique entre vós isto assim assentado e não quero sabê-lo de vós por não ofender vossa determinação. A vós vos não pese de o eu ter sabido, por não ofenderdes a confiança que eu em vós tenho posta, nem cureis, negando-mo agora, fazer-me as vossas obras duvidosas, porque o eu tenho muito há crido. Querer bem, e não verdadeiro, pode-se dissimular e fingir; mas dissimular ou encobrir o bem-querer nunca ninguém o soube fazer, que o quisesse verdadeiramente. Passo por aqui que não quisera dizer isto para mais. Eu desejo tanto vosso contentamento como vós mesmo, e não me pesa de quererdes seguir propósito desta feição senão porque não posso tomar armas por vós, ainda que assim encobertamente vos sirvo alguma hora, como em algum tempo sabereis, que ainda destas duas pouca esperança devemos ambos de ter, segundo a áspera empresa que tomastes, em que arreceio eu muito de não aproveitar nada, e vós de acabardes primeiro a vida que a ela. Cá pelo que tenho aprendido da longa e mui estreita conversação da senhora Arima, em que vós sois ou não sois culpado, não digo nada, vim eu a saber que não a se-

---

4, *eu fui em tudo segura* quer dizer: eu sou pessoa de confiança, nunca dei com a língua nos dentes.

nhoreia vontade nenhuma. Nunca tão livre cousa vi. Muito há que vos eu tinha afigurado para camanha opinião, porque vós e as vossas cousas de infindo tempo há que a grandes desastres vos obrigam. Sempre nos vossos feitos vos prezastes de não ir por onde os outros, e assim enfim vos namorastes. Verdade é que ela é formosa e muito acabada, mas é tanto do outro mundo que não é para ninguém se namorar dela, que o querer bem ou nasce das esperanças ou sem elas. A vós só aprouve entrar em guerra desesperada, e não mo negueis que bem parece que sem esperança lhe quisestes bem, pois todo vosso trabalho não foi senão encobri-lo ao mundo e a ela mesma, o que eu não crera se o não vira com os meus olhos. Não vos espanteis disto que digo, porque dos homens foram tôdolos pensamentos descobertos às mulheres por segredo especial.

---

10. Lê-se na Edição de Évora: *com elas,* o que não é lógico. Na Edição de Ferrara vem *sem elas.*

CAPÍTULO X

Do mais que Avalor passou na prática com aquela senhora amiga sua.

Aqui se não pôde Avalor ter que lhe não falasse, dizendo:

— Perdoai-me, senhora, que não é em mim leixar-vos acabar isso, que não sei que íeis para dizer. Não quero nem tão sois ofender meu cuidado com a presunção que de só calar-me pode ficar-vos. Não falemos mais nisto, se me alguma cousa estimais.

Tomando-lhe ela então a mão com as suas, amigàvelmente:

— O que vos a vós cumpre — lhe tornou — não posso eu leixar de dizer-vos, ainda que vos disto pese; porque esta só diferença tem esta nossa amizade das outras: olhar eu mais o que vos cumpre que o que vos apraz. Isto que vós agora quereis negar, sabem-no já cá todas estas senhoras. E por isso vos perdoo eu só quererdes-vos encobrir de mim, pois assim o quisestes ou não quisestes ter em segredo. Mas isto ainda não é nada para o que vos eu quero dizer.

Contam que então se chegou ela à orelha de Avalor, e o que lhe disse ou não disse não se soube então, mas daí a poucos dias, o que ele por isso fez. Ouvi eu dizer que não deve ser contado entre don-

zelas, por se não arrependerem de seus contentamentos ou ao menos não haver inveja destoutro. Abasta que a senhora Arima foi só a quem as fadas com os olhos cheios olharam, porque não sòmente foi acabada em si, mas em quem a desejou. E se a ventura quisera fazer alguma boa obra ou leixara fazer cousa alguma perfeita, em a qual nem a desigualança ou das vontades ou dos tempos pudera ter nunca lugar, fora sentir que a senhora Arima se servira sequer do pensamento de Avalor.

3. O sentido oscilante entre as três versões: Ferrara, Évora e manuscrito de Madrid, mostra a primitividade literária da obra. Como pedra de toque não é preciso mais. O último período apresenta-se com efigie oposta nas ditas redacções.

CAPÍTULO XI

De como o pai de Arima a mandou levar da corte e, ida ela, Avalor desapareceu.

Soou-se, e foi certo depois naqueles que tinham razão de o saber, que, posto que assim fosse aquele grande feito, que tudo tornasse em louvor da senhora Arima. Contudo, porque se deu causa a que se falasse nela, o sentiu tanto que muitos dias infindos chorou muitas lágrimas e, senão fora por não abrir caminhos a más presunções, ela caíra em cama. Mas assim penadamente se susteve o melhor que pôde e pior que podia ser. E afirma-se que, de uma das cousas e doutras, nasceu um aborrecimento à senhora Arima de uns modos que aí há no Paço: que é desejar outra vida mui desviada, a que se foi inclinando muito. E de sua longa determinação se falou e se leixou depois de falar, porque o bom velho de seu pai, depois de a ter em casa, a foi fazendo ao que quis.

Mas de sua ida e como Avalor também após ela

---

3. Não se faz menção do feito de Avalor. Tratando-se de cavaleiro de aventuras, subentende-se que foi qualquer passe de armas contra qualquer mantenedor.

9, *e pior que podia ser*, o mesmo, pior quando podia ser que.

se foi, não se soube então inteiramente mais que por um cantar romance que daquele tempo ficou, que diz assim:

ROMANCE DE AVALOR

Pela ribeira de um rio,
Que leva as águas ao mar,
Vai o triste de Avalor,
Não sabe se há-de tornar.

As águas levam seu bem,
Ele leva o seu pesar,
E só vai sem companhia,
Que os seus fora ele leixar;

Cá quem não leva descanso,
Descansa em só caminhar:
Descontra donde ia a barca
Se ia o Sol a baixar.

Indo-se abaixando o Sol,
Escurecia-se o ar:
Tudo se fazia triste
Quanto havia de ficar.

Da barca levantam remo,
E ao som do remar
Começaram os remeiros
Do barco este cantar:

Que frias eram as águas,
Quem as haverá de passar?
Dos outros barcos respondem:
«Quem as haverá de passar?»

Senão quem a vontade pôs
Onde a não pode tirar,
Trás a barca levam olhos
Quanto o dia dá lugar.

Não durou muito, que o bem
Não pode muito durar.
Vendo o Sol posto contra ele
Soltou rédeas ao cavalo,
Da beira do rio a andar.

A noite era calada,
Para mais o magoar,
Que ao compasso dos remos
Era o seu suspirar.

Querer contar suas mágoas
Seria areias contar,
Quanto mais se alongando
Se ia alongando o soar.

Dos seus ouvidos aos olhos
A tristeza foi igualar:
Assim como ia a cavalo
Foi pela água dentro entrar.

---

4. *Quem sabe quem é bem amar... (Edição de Ferrara).*
12. *Soltou os olhos ao chorar. (Edição de Ferrara).*

E dando um longo suspiro,
Ouvia longe falar:
— «Onde mágoas levam alma
Vão também corpo levar.»

Mas indo assim, por acerto,
Foi c'um barco n'água dar,
Que estava amarrado à terra,
E seu dono era a folgar.

Saltou assim como ia dentro,
E foi a amarra cortar,
A corrente e a maré
Acertaram-no a ajudar.

Não sabem mais que foi dele,
Nem novas se podem achar,
Suspeitou-se que era morto,
Mas não é para afirmar.

Que não embarcou ventura
Para isso o só guardar,
Mas mais são as mágoas do mar
Do que se pode cuidar.

19-20. *Mas são as águas do mar/de quem se pode fiar. (Edição de Ferrara).*

CAPÍTULO XII

Da grande aventura que sucedeu a Avalor em sua partida embarcando-se naquele barco, tão incerto donde poderia ir parar.

— Depois, para vós verdes como cousa nenhuma é encoberta ao longo tempo, se soube a história dele e juntamente dela. E foi desta maneira. Parece que a sua desaventura de Avalor, que assim lhe chamo eu, deu com ele para aquela banda para onde era levada a senhora Arima, que esta nossa terra seria então, donde sobre o mar se empinava um erguido rochedo, e veio naquele pequeno barco aportar à manhã do outro dia, antes de romper a alva. E ao rugido grande das ondas, que o mar com furioso ímpeto quebrava na penedia daquela alta rocha, se acordou Avalor se seria aquilo terra. E, atentando para bem se afirmar, ouviu uma voz dorida como de donzela, que dantre aqueles penedos parecia sair, dizendo:

— Mesquinha, coitada, triste de mim!

Afirmou-se ele, com isto, que era terra. E posto que logo aquela voz o movera à paixão, contudo porque ele trazia consigo outra mor que o havia mister por então, mas foi-se-lhe afigurar que era aquela terra donde saíra. E dispondo-se o melhor que pôde, como menencório de si e de sua ven-

tura, tornou a tomar os remos com aquelas mãos que já naquela viagem eram feitas em empolas muitas vezes, outras tantas as empolas desfeitas em vivo sangue.

Mas por muito que Avalor trabalhou, nunca pôde vingar as ondas, que o chamavam a terra e eram já quando se ele acordou apoderadas do barco. E, não o vendo ele, pela ocupação que consigo e com os remos trazia, não se precatou senão quando uma alta onda, que a ele e ao barco todo de escumas encheu e deu com ele ao través de uns penedos que em diversas partes o espedaçaram.

— Santa Maria, vale-me! — dizia ele.

E acordadamente lançou mão de um penedo, que ao mar sobejava com um tamalavez. E a água, fazendo um estrondo medonho, se espalhou indo por entre aquela penedia, e parte dela, quebrando naquela alta rocha, as águas do mar lançou para o céu, e da força ou reverberação do ar ou do que quer que era se faziam candeias. E nisto, em breve espaço se tornou a recolher aquela água para o mar que a esperava, vindo já de lá do pego encarapelando-se, como quem se armava para se vingar daqueles penedos que lhe faziam estorvo às suas águas. Mas posto que já rompia a alva, e luz e tempo tivesse Avalor para ver tudo e guardar-se, ele não no fez assim, nem se alembrou tão só de o fazer, que era ainda mais. Antes, como a água o desocupou, virando os olhos descontra o longo mar, que com a claridade da luz os podia bem estender

---

13. *Valha-me Deus? (Edição de Ferrara).*
17, *encapelando-se. (Edição de Ferrara).*

quanto podia com a vista enevoada, dizem que disse assim:

— E de tanto mar cansado, tanto sobeja ainda do mar?!

E aqui, ocupado ainda da paixão, desejando parece acabar já, vendo as ondas outra vez consigo, soltou as mãos do penedo, dizendo:

— Pois o corpo é sem ventura, não quero que tolha mais o caminho à alma!

E assim se entregou todo às águas do mar, donde Avalor cuidara morrer. E água deu prestamente com ele por um enseio, que por uma parte daquele rochedo se fazia, e espraiava logo com a maré. E, recolhidas que foram as águas, se ficou ele aí deitado naquele areal por um grande espaço, havendo-se por morto; porque com a descente da maré, que já então era, não tornou mais chegar o mar a ele.

Contando ele isto a um seu grande amigo, dizem que lhe dizia que nunca tão contente se achara, parecendo-lhe que andava lá com a senhora Arima, ouvindo-lhe falar aquelas falas, que parecia dizerem-se para sempre, e via-lhe aquele mover de sua boca, que só aos olhos dele noutro tempo fizeram presunção de serem tão mortais. E aí olhava os seus dela, como docemente se estavam à sombra daquelas sobrancelhas, onde parecia só que descansando-se estava o amor.

Mas, estando ele nesta deleitosa imaginação, tornou a ouvir aquelas palavras doridas que dantes ouvira; e a elas, abrindo os olhos, viu como estava

---

12. Enseio: sinuosidade; do mesmo tema que enseada.

já o mar arredado dele, e achou-se vivo. Pelo que disse mal muitas vezes a quem lhe houvera inveja a descanso camanho. Não podia cuidar que seria aquilo, porque sobre ser tão sem ventura inda havia maneira por onde pudesse viver. E, olhando os penedos donde viera ou onde o trouxeram, muito mais se maravilhava, que era longe. Cercado assim desta fantasia, ouviu como alguém falar-lhe de dentro dos ouvidos, dizendo:

— E não te acordas, Avalor, que o mar não suporta nenhuma cousa morta?

Olhou ele então se via a quem lhe aquilo dizia tão pegado à orelha; e, não vendo ninguém, lhe tornou outra vez a falar assim:

— Que queres? Em balde com os olhos trabalharas por me ver, se eu não quisesse.

— Queria-te perguntar que é isso que me disseste, que de não ser assim como dizes, me pesa a mim.

— Quem sou — lhe respondeu — seria detença grande para ti, que tens muito para andar, que para mais longe vais do que cuidas. O que te disse é verdade, porque não viver ser morto é.

---

16. *Por me ver, se eu não quiser. (Edição de Ferrara).*

CAPÍTULO XIII

Do que passou Avalor com a sombra que lhe falou, e da resposta que lhe deu.

Satisfez tanto esta resposta a Avalor, que lhe dobrou muito mais o desejo de saber quem era, e disse-lhe assim:

— Se alguma cousa te pode contentar, por ela te rogo me queiras dizer quem és.

— Pudera — respondeu ela — na significação de outro tempo contentar, e não quis mais. Mas perdoai-me que, dizendo-vos quem sou, ofenderia assim o grande bem que quis e ainda quero, pois do estado em que sou aqui ao que eu quisera ser noutra parte não há outra cousa senão culpa daquela a quem eu a não queria dar, nem assim contando-vo-lo.

E aqui, dando um grande ai, logo se foi, dizendo:

— Triste de quem se não pode enganar já!

CAPÍTULO XIV

Como aportando Avalor naquela terra onde por grande ventura foi ter, indo cuidando na aspereza dela, achou uma donzela atada ao pé de uma árvore e a livrou.

Ficou Avalor assim tão atónito por aquilo que ouviu e por aquelas derradeiras palavras, que muito o magoaram, porque nelas quem quer que era namorado lhe pareceu. Tornou outra vez a ouvir muito doridamente aquela voz:

— Mesquinha, coitada, triste de mim!

E com o sol, que já então era fora de sua pousada ocidental, atinou para donde seria. E, determinando ir lá, se ergueu, indo. Mas com os olhos no mar, foi assim té que cumpriu ocupar as mãos e vista na aspereza do caminho que por aquele rochedo lhe conveio fazer, para ir onde ouvira aquela voz, a qual tornou, indo assim muito afincadamente ouvir. E sendo ele acerca de uns arvoredos grandes, que sobre aquela rocha muito mais alto estavam, inda olhou e viu estar ao pé de uma antiga árvore, com as mãos atadas, uma donzela, segundo pareceu nos cabelos que soltos tinha, e toda a cobriam. Mas não se afirmou logo se o era, porque os cabelos lhe cobriam o rosto; mas chegando ele

a ela, então apartando-lhos viu a formosura no seu rosto formoso banhado todo em lágrimas piedosas que, dos seus olhos verdes e grandes, ainda as carreiras pelas suas formosas faces abaixo mostravam. E nisto pondo ela os seus formosos olhos nele lhe disse:

— Valei-me, senhor, que assim vos valha quem mais quereis.

— Isso, senhora, farei eu de mui boamente.

E a voltas destas palavras, levando de sua espada, cortou a grossa atadura com que atadas as mãos tinha. E querendo-se ela erguer, de fraca não se pôde ter, e foi para cair. E ele acudiu prestemente e tomando-a nos braços mansamente, se assentou num verde prado, que entre aquelas árvores se fazia, de que se descobria o largo mar. E cortando-lhe ramos daquele arvoredo, lhos pôs sob a cabeça, dizendo:

— Melhor vos quisera eu servida, senhora; mas não sois vós só a malaventurada.

E com estas palavras, que Avalor disseta com a vista já no mar, que daquele lugar se divisava longe, não se pôde ter que nos olhos se lhe não descobrisse o senhorio que a lembrança sobre ele trazia doutra parte, no que conheceu aquela donzela que namorado devia ser. E tomando boa esperança do que já em si cuidava pedir-lhe, porque logo lhe pareceu cavaleiro, inda que nem armas, nem cavalo trouxesse, lhe disse assim:

— Ainda que minhas mágoas foram camanhas, que me não leixaram lugar, nem tão só para cuidar no remédio delas, contudo boa esperança tomo eu em vossa vinda ser aqui para valer-me, pois foi já quando por muito pouco que tardáreis me não pu-

déreis valer. — E, após estas palavras, que já começava a banhar-se em lágrimas, acrescentou mais:

— Mesquinha de mim, que assim morrera eu, e estivera já fora agora de tantos cuidados!

E aqui com um choro grande acabou. Avalor, ainda que bem tinha que acudir a si, foi-se a ela, dizendo:

— Leixai, senhora, por mercê as lágrimas, se me haveis mister para algum serviço, que eu, das tristezas que padeço, aprendi socorrer os tristes, por isso não havíeis mister mais para comigo que o meu mal.

Esforçando os espíritos a esta palavra cansada, assim como pôde, lhe respondeu:

— O dom recebo-o em mercê, que bem mister o hei para a coitada a que desastres grandes me trouxeram.

Aqui, dando um suspiro, quisera falar adiante, mas Avalor, que a viu tão cansada que escassamente podia colher fôlego, lhe pediu que descansasse um pouco. Fê-lo ela assim. E neste meio tempo olhou para Avalor, e o viu também triste, não já mais que dantes, mas mais agastadamente. E na verdade era assim, porque alembrando-se ele da empresa em que ia, pesava-lhe, estando, ter-lhe prometido seu serviço. Mas vendo-o ela assim, não se pôde ter que lhe não dissesse e perguntasse porque estava daquela maneira. Respondeu-lhe ele outra cousa da que cuidava, e disse que estava cuidando que terra seria aquela em que estava, porque ele nunca viera por ali, senão então que aos seus brados acudira de longe. Disse-lhe ela:

— Creio-o! — porque daquele alto bem vira já que estava em terra firme.

Pelo que, forçado do desejo de ver a senhora Arima, tornou-se escontra a donzela, por ver se poderia fazer mais curto o tempo que o ela havia de impedir, e disse-lhe desta maneira:

— Tão cortada e magoada vos vejo, senhora, que se eu posso servir-vos sem tornar-vos a magoar, contando-me vós o vosso nojo, muito folgaria: porque assim faríamos menos o tempo da dor e pela ventura de ambos.

Rendeu-lhe ela suas graças, e lhe disse:

— Não leixarei, senhor, de vos contar minhas desaventuras, que para o que haveis de fazer por mim cumpre muito: que se é a demanda justa, ajuda ao esforço de quem a sustém. Mas serei nela breve, pois para ambos, como me dizeis, releva.

CAPÍTULO XV

Em que a donzela prossegue sua prática, dando a Avalor razão da causa de sua prisão.

— Acerca de uma ribeira grande, que dizem que nasce nas Manchas de Aragão, nasci eu em um castelo que de toda as partes, derredor de que se vê de longe, parece estando senhor. Fui eu criada em esperanças grandes, com outras minhas irmãs, para que elas não mais foram criadas; porque de todas, eu sendo a mais pequena e não menos formosa, fui escolhida para servir a Diana, deusa da castidade, entre estas serras altas, onde ela honradamente é guardada de Ninfas. Mas, naquilo que se faz contra vontade de quem o fez, parece que se ofende algum Deus, porque sempre depois nascem desvios que tolhem o fim devido, como aconteceu em mim que, andando um dia à caça por entre estas brenhas, acertei acaso a ir dar com um cavaleiro que, demudado dos trajos de caçador, andava também por aqui e por minha causa, segundo ele então enganosamente me fez crer. E, como eu com ele desse de súpito, quisera tornar o passo atrás, fugindo. E assim verdadeiramente o comecei a fazer. Mas ele, que mais corria, lançando-se asinha após mim, me alcançou não muito longe daqui, onde

nós agora estamos. E, falando-me palavras de amor, com afagos e mimos me assegurou, dizendo:

— Eu não sou porventura quem vós cuidais, senhora.

E, a voltas destas palavras, leixando cair umas ralas lágrimas pela sua bem posta barba abaixo, me contou, estando, quem era, como lhe chamavam e como havia muito tempo que por aqui andava feito caçador, esperando só de aí poder tornar a ver-me, fazendo-me crer que noutra parte já me vira e que, dentão até entonces, nunca mais uma hora lhe pudera sair da memória. E assim me disse enganosamente palavras enganosas, que ainda que eu fora feia não lhas pudera leixar então de crer, como triste de mim cri. Que vos hei enfim de dizer? Eu fui contente de tudo o que ele mostrou que lhe aprazia. Em aquele grande amor passámos nós ambos todos aqueles quatro anos inteiros, que em nós pareceram dias então. Agora, acabados eles, e em começo da minha desaventura uma outra Ninfa também destes bosques lhe veio, segundo parece, a aprazer. E, a furto de mim, se seguiam um ao outro. Mas eu, não mais segura que receosa, logo os enganos senti (que quem poderá enganar a pessoa namorada?) e, para me mais ainda magoar, eu também de meu dano enganosa, tantos meios busquei que um dia, vindo eu da caça bem acompanhada e farta dos cuidados dele, pondo-me à mesa, me vieram mostrar diante destes tristes olhos uns penhores de amor, que por minha causa foram manhosamente furtados a ela. E não me podendo eu suportar (como fera tigre que, cansada, vindo de longes terras com mantimentos para seus pequenos filhos, achando-os levados, solta a presa da

boca e, esquecendo todo cansaço, corre para uns e outros cabos) assim fiz eu. Testemunhas verdadeiras me sejam todos estes matos: não cessei até que o vim achar à sombra deste arvoredo, que descansando, dizia ele, que estava da calma que caía então e do trabalho do coração que tinha por naquele dia a não ter visto. Mas não era assim que, vindo eu, vira ir por uma assomada, passar apartadamente, aquela que por meu mal veio aqui. E, se me eu não enganei, ela não ia a outra parte; e, por isso e por mais, lançando eu as mãos irosas aos meus cabelos, todo este chão cobri deles como vedes. E, querendo-me ele com palavras falsas e lisonjeiras valer, abraçando-me, o arredei de mim, contando-lhe tudo miùdamente, pedindo vingança a Deus dele e sobre os seus enganos. E, tornando-me por derradeiro a mim com minhas mãos, como que ainda assim, triste de mim, me vingasse dele, e ele então, tirando do seu seio uma rede de caça que lhe eu com minhas mãos noutro tempo fizera, quando com teia me consolava, estando as horas que o não podia ver, e estirando-a ele, me amostrou as letras que nela estavam com toda arte artificiosa feitas por mim. E, vendo-as eu, não sei como fiquei atada com minhas mãos. Negando-me ele muitas vezes que não era assim o que lhe eu dissera e afirmando-me com juras grandes, mas não no crendo eu, tornou ele muitas vezes a pedir-me por sua vida e minha. E por derradeiro, quando viu que nenhum

25. Não é compreensível a forma como a ninfa se enrelou na rede de caça. Nestas histórias pastoris a verdade não pode ser muito exigente.

remédio para o eu crer havia, tomando Deus por testemunha, se virou para aquela parte onde nasce o Sol, dizendo só estas palavras:

— Pois me não quereis crer, quando vos pese, eu farei que me creiais, quando vos não possa leixar de pesar.

— E assim se virou e de todo se foi, e a minha alma me convidou logo ir-me trás ele. Mas a menencoria então tinha maior poder sobre mim, que o juízo. E assim se foi. Nem lhe disse que me desatasse, o que lhe alembrou ou não alembrou. Abasta que não tornou mais. Quisera bradar logo para que alguém me valesse, mas a vergonha de me verem assim atadas as mãos me tolheu fazê-lo, senão agora que a noite e a fraqueza de todos meus espíritos, em que conhecia certos sinais de não poder viver muito, me fizeram dar gritos, que parece quis a ventura que fosse para me vós ouvirdes. Vedes aqui em tão pouco espaço contado todo meu pesar que passei então: porque o que está por passar não pode ser senão triste, porque quem me assim pôde leixar já por outrem me tinha leixado. O dom que de vós aceitei não é para que me vingueis dele, que lhe não quis ainda tão pouco bem que lhe possa querer este pequeno mal; mas quero-o para que me vingueis dela.

CAPÍTULO XVI

De como Avalor não quisera que a donzela lhe pedira aquele dom e pelo não desviar de seu caminho, e do mais que Avalor dela quis saber para ver a razão que tinha para por ela haver batalha.

Avalor ficou tão embaraçado com este pedido que, não tão sòmente soube tornar resposta, antes deu causa a ela presumir dele mal. E, não se podendo suportar, dizia meu pai que como mulher lhe disse:

— Parece, senhor cavaleiro, que duvidais dalguma cousa. Sei que vos esquece que isso não podeis fazer senão antes do prometimento.

— Não duvido — lhe tornou ele — mas estou-me espantando de quão mofino fui.

— Em quê? — lhe perguntou ela.

— Eu vo-lo direi — lhe respondeu ele. — Meu pai, quando ainda moço pequeno era, por grandes sem-razões da ventura foi levado da sua terra natural para outras muito alongadas dela onde depois de homem feito, por nobres e grandes feitos de armas, mereceu não menos estado na terra estranha do que na sua lhe era devido pela nobreza de sangue donde descendia e, entre outros muitos feitos de armas que ele fizera, também contava um, que

me muito contentou, sendo eu pequeno ainda. Que indo ele uma vez só por um caminho que entre umas altas e fragosas serras se fazia, acerca de uma fonte que de um penedo naquela serra nascia, sob uma árvore saudosa, achara uma donzela ricamente vestida dormindo. E olhando-a ele bem, vira-lhe aquela parte do seu rosto, que descoberto tinha, rasgado como de mãos irosas e feitas umas carreiras de sangue por ele. E, apeando-se então do cavalo pela ver melhor e também por saber se dele lhe cumpria algum serviço, que aquela estada assim em ermo o convidou logo sem tardança a haver piedade dela. Mas, ele descido, acordara logo. E ela, pondo os olhos nele, lhe dissera:

— Para que descestes, cavaleiro, que as donzelas tristes não são para ver?

— São logo para servir — lhe respondeu ele.

— Mas se alguma fadiga tendes, senhora, para que vos não cumpra ajuda, tornar-me-ei a ir, que o dó que houve de vos ver assim entre estas penas me fez descer para saber se mandais alguma cousa de mim que vos cumprisse, que esta obrigação me pareceu que era devida ao acertar de vir eu por aqui.

— Para que vos hei-de dizer — tornou ela então — o que hei mister na desaventura em que ando, pois ainda que ma vós outorgueis não me podia prestar.

— Quem vos anojou assim esse vosso formoso rosto — lhe dissera ele — não pode ser de nenhum feito grande de armas.

— Assim, senhor cavaleiro — acudira ela a estas palavras que lhe pareceram ditas de bom coração — eu me fiz assim a mim este mau pesar todo que

vedes por outro, e outros maiores que outrem, a quem os eu não merecia, me tem feito na alma e na vida, que se não podem ver senão em longo tempo. E aqui, levando as mãos aos seus longos cabelos, que já de antes pareciam, estando, que não foram poupados só para então, os começava magoadamente a carpir, senão que meu pai acudiu pedindo-lhe por mercê. Dizia que a fizera estar queda, dizendo-lhe que a todo seu poder ela seria contente ou ele morreria na demanda, e que lhe dissese o que havia. E, contando-lho entonces, lhe dissera estas palavras.

8. É uma forma gongórica de dizer que arrepelava os cabelos esta de carpi-los. Pois que outra significação poderia ter a passagem? Podando-a de todas as suas viciosas excrecências, ficaria: *E aqui, levando as mãos aos longos cabelos, que davam mostras de não ser a primeira vez que passavam por aquele transe, começou magoadamente a arrancá-los, ao que meu pai atalhou pedindo-lhe por mercê que tal não fizesse...*

CAPÍTULO XVII

De como Avalor se partiu com a donzela para o castelo onde havia de ser a batalha.

— Não muito longe daquela serra está um castelo mui forte em si, em o qual mora um tio e dois sobrinhos que consigo aí tem, e o guarda por um senhor de toda esta terra, que com outro seu comarcão traz agora guerra. Um destes sobrinhos me tirou a mim de casa de minha mãe, que pai muito havia que perdera, para que parece fosse mais desamparada. Agora e depois que muito tempo me teve naquele castelo a seu prazer, por uma mulher que parecia formosa (mas enganosa) que por aí acertara a passar com um outro cavaleiro, a quem eles cruelmente mataram por lha tomarem, me leixou. E me lançou desamoràvelmente pela porta do castelo fora aquele dia que recolhera aqueloutra para si. E ainda para mais a obrigar me mandou, antes que isso fosse, vestir e ataviar ricamente, o que eu logo fiz, cuidando que era para que doutra maneira acontecesse. O cruel dele, depois de me ter mandado

---

18. Na edição de Évora, em vez do apodo de cruel, encontra-se o de cível, que no antigo português significa vil, reles, baixo, cruel.

pôr fora da fortaleza, fechada a porta dela, se pôs em um miradouro alto a olhar, dizendo:

— Vós só, senhora, sois a por quem eu aquilo leixo, e pude e folgo de leixar.

Em galardão daquelas palavras lhe lançava ela os braços pelo pescoço e o beijava muitas vezes. E quando eu tão desarrezoadamente vi possuído doutrem o que me a mim só era devido, como anojando-me da vida, me vim por estas serras, por ver se toparia alguma fera que fartasse sua ira e a minha em mim, onde me parece que há mil anos que ando, só de hoje pela manhã, não mais, andar aqui. E de cansada, mais do cuidado que do corpo, me adormeci pouco há, e prouvera a Deus que não acordara mais.

Mas meu pai, que em extremo piedade houvera dela, dizia que lhe dissera, alevantando-a, que por mercê lhe mostrasse o castelo.

Subindo ele em seu cavalo, a tomara nas ancas. Mas por muito rijo que caminhara, não chegara lá senão alta noite ao castelo. E ele logo se arreceou de lhe não quererem abrir a porta nem querer tomar campo com ele, porque de quem faz vileza a damas se devem esperar todas as outras.

Agasalhou-se mansamente debaixo de um balcão sobre que se fazia a porta do castelo e caía uma

---

6. Esta frase foi mutilada pela censura, depois restituida à versão primitiva, e como tal, na sua íntegra a damos. Estas histórias, atadas umas às outras, são como as da Scheherazade que nunca têm fim e bracejam tal os ramos duma árvore.

ponte levadiça. E abrindo um servidor a porta pela manhã, antes que o sentissem, foi assim a pé, armado como toda aquela noite estivera, ameaçando o porteiro e lançando-o da ponte abaixo, o fez calar.

Nisto disse à donzela que asinha trouxesse o cavalo. Fê-lo ela assim. Subido que foi nele, entrando pelo terreiro grande que no meio do castelo se fazia, disse escontra a donzela que à porta ficava:

— Agora, senhora, é este castelo vosso e tudo o que nele está.

Já, a estas palavras e rugido do cavalo, eram os do castelo pelas janelas. E a donzela, que dentro estava, vestida com uma roupa grande, não se pôde ter que, com um desdém da manga da camisa, não dissesse:

— De tudo o que está nele, inda o que pode ser, não sairá nenhum da vontade de meu senhor, que esta é a minha e será sempre.

Meu pai, olhando para cima e vendo mulher, calou-se. Mas logo se foi à porta do castelo e, fechando-a com as chaves que tomara ao porteiro e entregando-as à donzela que com ele vinha, lhe disse:

— Tomai, senhora, vossas chaves, que a vós pertencem e não a outrem.

E daí foi-se para um cabo daquele terreiro com a sua lança em coxa.

Não esteve ali assim muito que, por outra parte doutro pátio que mais dentro se fazia, não visse vir um cavaleiro grande e ao parecer de muito esforço, formosamente armado em um formoso cavalo, e com sua lança na mão e um escudo embraçado, a ponto de haver batalha. E chegando onde

meu pai estava, dizia ele, que com desmasiada ira disse, escontra a donzela que ali o trouxera, estas palavras:

Termina aqui, abruptamente, o texto nas edições de Ferrara e de Colónia. A amputação é manifesta. Suce de-se uma novela de cavalaria, exaustiva, com seu mara-vilhoso proverbial, que daremos, pois que nos propusemos editar integralmente a obra que a Bernardim é atribuída com razão ou sem razão.

CAPÍTULO XVIII

Das palavras que Avalor teve com a donzela que o ali trouxera.

— Não sei, senhora, pois merecendo vós tanto por vossa pessoa e formosura, como consentistes em vosso coração querer bem tão demasiadamente a quem nenhuma mostra deu de vo-lo querer; que certo isto só que nele vedes basta para vos não lembrarem cousas deste cavaleiro. Que ainda agora, vendo tão perto de si a vingança que dele vindes tomar, nenhum arrependimento traz de vosso desamor, tendo tantas razões contra si, e tão poucas que o escusem de camanha culpa, porque está claro que a donzela por quem folgou de vos leixar, nenhuma vantagem vos faz, e vós a ela muitas. São cruezas de amor, que como as tem em costume, não são muito de estranhar. Mas já que me vós aqui trazeis para vos desagravar de camanha força, sem-razão seria querer eu que vós ficásseis com maior tristeza; mas, quanto em mim fosse trabalhar, não tão sòmente pela diminuir, mas ainda acrescentar tanto, em vosso contentamento, quanto baste para de todo serdes contente. Pelo que, senhora, vos peço que leixado todo nojo, não entre em vós desconfiardes da vitória; porque dela muita segurança me dá a justa causa que tendes, para não arrecear fazê-la por vossa parte: do que deveis

muito folgar em ser tão justa; porque quando o ela é tanto, o vencê-la não pode ser duvidoso. Desde agora fazei conta que sois restituída a tudo o que desejáveis alcançar, porque eu a todo meu poder farei com que façais vossa vontade, ou morrerei na demanda (que eu por tão vencida tenho) pois é de nossa parte a justiça, que nenhum a teve que ela mesma o não fizesse vencer, porque crede, senhora, que a razão com que se as cousas justas cometem é a que vence, e quem só a tiver não há mister mais. E por isso vede, senhora, se com morte de ambos sereis satisfeita, ou que vingança quereis que deles se tome.

— A que dele quero, disse ela, é porde-lo em meu poder com essa má mulher, para que em sua presença me vingue nela das muitas sem-razões que me, por sua causa, foram feitas: porque a ele não lhe posso eu querer tanto mal, que não fosse sempre maior o bem que lhe quis, para que agora lhe não deseje a vida, que seria caminho de perder eu a minha mais asinha.

Dizia meu pai, que tomara tanta paixão por ver tão triste a donzela e sentir nela a muita fé que lhe tinha, que como menencório de si lhe dissera:

— Passai-vos, senhora, a um cabo desse pátio, vereis a vingança que vos dou de tanta sem-razão. E porque vos prometi receber ele de mim o menos dano que puder ser, antes que o vejais, verei se, com se render em vosso poder, posso escusar fazer-lhe nojo, porque já pudera ser que não será em minha mão.

E porque o cavaleiro do castelo estava já a ponto de haver batalha, se fora onde ele estava: e com palavras de muita cortesia lhe dissera:

CAPÍTULO XIX

Da prática que Avalor teve com o cavaleiro do castelo.

— Tão mal creio eu, cavaleiro, que vós cumpris a Ordem de cavalaria, como cuido que a guardais nos amores. Dada vos foi para socorrer donzelas agravadas, e segundo me parece não trabalhareis muito polas defender de quem alguma força lhes quiser fazer: mas de vós a receberam. Vejo vossa presença tão desviada de vossas obras que, por cima de ser de mim sabida a verdade, me faz duvidar dela; e já pode ser que, pois vos faltou favor para donzelas, vos sobeje cortesia com cavaleiros (para quem verdadeiramente se devem tomar armas, e não para agravar damas). Esta que aqui me traz se queixa com demasiada razão de vós, que a leixastes, sendo ela para por sua causa se fazerem grandes extremos; e tomastes outra, tanto para ninguém se aventurar por ela, que sois por isso digno de muita culpa. Uma cousa só vos queria pedir antes que começássemos nossa batalha, que concedendo-ma poder-se-ia escusar.

— Folgara muito, respondeu ele, que sem essas razões a fizéramos: mas porque folgo de vos ouvir, me deterei algum tanto, e vós dizei o que quiserdes.

Ao que meu pai respondeu:

— Agora, senhor cavaleiro, acabo de crer nessa mostra, que mais cometestes essa ofensa por força de amor que por vontade que teríeis de o fazer, e não vos dou tanta culpa: porque do que já experimentei sei que há isso nele, como há outras sem-razões infindas. Estimaria tanto ver-vos conforme com esta donzela, que toda a vida, que por passar me fica, poria em vos servir. Esta senhora, dizer-vos eu quanto vos merece, seria erro; pois que vós o sabeis melhor. Seus merecimentos são tão grandes pelo que fez por vós, que nenhuma outra satisfação podem ter, senão restituirde-la a suas honras primeiras, e pordes essoutra à sua cortesia, que é verdadeiramente tal que nenhum perigo se pode seguir nisso; porque onde há tanta nobreza e amor, não se fará senão cousa que seja digna dele. Pelo que deveis, bom cavaleiro, consenti-lo, e escusar esta batalha, e entrardes noutra que será mais de vosso contentamento.

Ao que ele, com mostras de demasiado amor, respondera:

— Senhor cavaleiro, quem quer que vós sejais, de alto sangue e feitos de armas deveis ser, que vossas obras o afirmam muito: vós me fizestes uma tão sinalada mercê e tão digna de agradecimento, que não irei contra o que me pedis: porque inda que batalha fizéramos, e a vencera, eu fora o vencido: tão arrependido sou já. Mas como as cousas de esta qualidade com desamor se perdem, assim também a perda dela se não sente senão por tempo.

Muitas outras palavras de cortesia dizia meu pai que lhe dissera; mas não me lembram para vo-lo dizer: basta, que tinha ele razão para vencer, e quis antes tentá-lo com sua cortesia, que sem ela

alcançar vitória: porque com estas armas muitas vezes se vê mais asinha vencerem-se maiores cousas, como aqui aconteceu; que estando tão posto em se defender, tiveram com ele mais força palavras brandas do que puderam ter ferocidade de cavaleiros. Pelo que consentiu em tudo aquilo que meu pai mostrou que lhe aprazia.

Concedido que foi pelo cavaleiro, se lhe entregou para que dele fizesse tudo o que sua vontade fosse: pedindo-lhe muito que quisesse acabar com ela que a donzela que no castelo tinha lhe não fosse feito nenhum nojo; mas antes a deixasse ir livremente, o que lhe seu pai prometeu. E ela, por lhe comprazer, lho outorgou bem contra sua vontade: mas o grande amor assegura tudo, porque, posto que a ausência a trouxesse tão apartada dele, e ele o não estava no bem que lhe queria, que este podemos dizer que o fez render-se. E dizia meu pai que depois viveram ambos muito a seu gosto, ficando ela senhora do castelo e dele. Assim também vos digo eu, senhora, que pudera suceder no vosso caso, sendo tão justo como me vós a mim dizeis. E por isso caminhemos, que a ventura fará em tudo seu ofício.

CAPÍTULO XX

De como Avalor e a donzela fizeram seu caminho para o castelo, e a batalha que ele e Donanfer tiveram.

Começaram ambos caminhar via do castelo o mais apressadamente que puderam, por lhes dizer um pastor que o senhor dele ia naqueles dias ver uma sua irmã, que por se casar lhe ordenavam grandes festas. E como ele tinha causa para se achar presente, se fazia prestes, e levava consigo muito ataviada aquela que ele tanto mostrava querer. Sabida por Avalor esta nova, porque muito desejava restituir esta donzela a seu estado e honra (porque verdadeiramente se escreve dele, que era de muito boa inclinação e virtude, e que em as armas precedia a tôdolos cavaleiros daquelas partes, e era ele tal que vulgarmente se afirmava que, se Lamentor fora sabedor ou sentira por via alguma que Avalor desejava casar com Arima, que o fizera, tão afeiçoado era a suas cousas, que ele sempre teve por tão acabadas: mas ele quis antes sofrer-se em desgosto, que descobrir seu desejo, camanho era o bem que lhe queria, que de si mesmo o encobria. É esta uma certeza grande entre dois que se bem querem: encobrirem sempre o que desejam mais ser sabido. Andaram tanto que chegaram no próprio dia que o

cavaleiro do castelo estava para se partir. E como alguns vassalos seus, por lhe comprazer, se ajuntassem ali para o acompanharem, teve Avalor lugar para entrar sem suspeita das guardas, que pela negociação da festa a tinham perdida, e não defendiam a entrada a nenhum que viesse, pelos muitos que acudiam para o seguirem naquele caminho.

Tanto que entrou disse à donzela, que ali o trouxera:

— Agora, senhora, me parece que a fortuna quer favorecer vosso direito. E pois estais neste lugar, havei-o por vosso: porque eu me não partirei dele, té que verdadeiramente o não seja com vos ficar em poder a cousa do mundo que mais desejais.

Agradeceu-lhe ela então aquelas palavras com outras de muita cortesia. E porque o tempo se não gastasse nelas, e se fizesse nele o que convinha a ambos, mandou Avalor por um servidor do senhor daquele castelo dizer-lhe que se espantava muito dele, tendo em sua casa seu próprio inimigo, como podia andar tão seguro: que soubesse certo que sua irmã teria hoje mais necessidade de quem a consolasse que de a festejarem; que a grande pressa se armasse, e não mostrasse camanho descuido em cousa que tanto se aventurava sua fama.

E, enquanto o mensageiro foi, Avalor soltou a cadeia de uma porta falsa que por fora caía e defendia a entrada do castelo. Não pôde ele fazer isto tão presto, que o cavaleiro não descesse ao terreiro grande que se ali fazia, com muita fúria armado, e cavalgasse: o que tudo fez tão ligeiramente que Avalor teve em muito sua presteza. Tanto que foi a cavalo, se veio para onde Avalor o estava esperando, e sem querer mais saber que o que lhe o seu

servidor dissera, inclinando a vista para as janelas de seu aposento, com voz alta disse:

— Senhora Olânia, saí a ver-me, se quereis ver o muito que faço por vosso serviço.

E dizendo isto, sem mais esperarem, remeteram um contra o outro com tanto ímpeto, que o do castelo foi pelas ancas do cavalo fora; e Avalor perdeu as estribeiras sem receber nenhum dano. Vendo no chão seu contrário, se desceu prestemente, e tirou-lhe o elmo, e como da queda e da ferida (que foram grandes) ficasse desfalecido de todas suas forças, parecia mortal. E, tanto que o ar o conversou, tornou em si. E quando diante de si viu Avalor, e ele a seus pés, disse, com palavras de muita dor (parecendo-lhe que porventura queria levar avante sua vitória):

— Que mais vingança quereis, cavaleiro, do triste de mim sem ventura, que porde-lo em o fim que cuidou ver-vos: e, pois ao que viestes acabastes com honra, não leveis ao cabo o vencimento: baste-vos pordes-me em estado de fazerdes de mim o que quiserdes ordenar.

Ao que Avalor respondeu:

— Não deveis, bom cavaleiro, estranhar estes acontecimentos, que muitos tereis visto mais desarrezoados. Nenhum outro nojo recebereis de mim; e se vo-lo fiz, vossa sem-razão o permitiu. O que agora quero que por mim façais é que esta senhora (chamando-a então para ali para onde jazia deitado em terra, com o troço da lança atravessado ainda) de aqui em diante, vivendo vós, a tenhais tão venerada como vos merece pessoa que tantas mostras deu do muito que vos queria: e que essa, por quem a enjeitastes, lha entregueis em seu poder para que

dela faça o que quiser, e a sustenhais em tanto amor como cumpre a tão nobre e generosa senhora e como o alto tronco donde procedeis vos obriga: porque, posto que té agora tivésseis diferente tenção, esta é a verdadeira que para vossa vida convém.

Com as quais palavras vieram ao cavaleiro do castelo as lágrimas aos olhos: e estando-lhas limpando a donzela, mui amorosamente, com a manga de sua camisa, lhe veio tão súpito acidente que de todos foi carpido e chorado por morto. O que vendo Avalor os começou a consolar (como aquele que de só tristezas vivia) e deitando-lhe água por cima do seu bem aposto rosto, tornou em si, e foi logo curado por uma sua sobrinha que consigo tinha no castelo, que naquele mister era assaz experimentada. Acabado que foi de curar, mandou Zicélia aposentar Avalor em uma câmara junto da sua, e servi-lo o melhor que pôde e que então podia ser, mandando logo pôr a recado a outra por quem ela tantos desgostos havia sofrido, porque determinava depois dele ser são, em sua presença, tomar dela vingança (ainda que mulher) porque também o ela era. Mas este desejo não houve efeito, que sabido por Avalor determinou logo buscar maneira por onde lhe pudesse desviar aquele ódio, que tão certo é nas mulheres: porque por mui pequenas ofensas querem tomar grandes vinganças; e segundo são amigas de novidades, assaz força se lhes faz quando as mudais de suas vontades, porque nenhuma outra sentem mais, nem entre elas se tem por maior; mas Avalor não fez pouco em a livrar daquele furioso ímpeto de Zicélia.

—E porque vos eu, amiga e senhora, desejo muito fazer certa das cousas deste cavaleiro, e seus acon-

tecimentos, que muitos e mui grandes foram, como ouvireis, me levai em conta se nelas me detiver mais do que quisera: porque no muito que dele tenho que vos dizer, não vos seguirá senão muito gosto, porque suas cousas o oferecem a quem as ouvir. E por isto perdoai-me de tardar em vo-las contar.

Mas ele fez tanto nisso, como adiante se vos dirá.

CAPÍTULO XXI

De como Avalor pediu à senhora Zicélia que não quisesse tomar vingança de Olania, mas que livremente a leixasse ir.

Como naturalmente a inclinação de Avalor fosse socorrer grandes necessidades, e ele visse a muita em que Olânia estava, fez com a senhora Zicélia que, esquecida de todo o nojo que dela mostrava ter, pelo seu dele, a soltasse daquela prisão em que a tinha, e livremente a leixasse ir onde sua ventura a guiasse e não quisesse de tão mimosa e delicada donzela maior vingança que vê-la caminhar só e a pé, estrangeira em terras estranhas, porque este só tormento havia de sentir mais que toda a mais pena que dela pudera receber. O que Zicélia, por lhe comprazer como aquela que lhe tanto devia por amor e obrigação, o consentiu, tanto já contra sua vontade, que tão claramente se enxergou nela o desejo de vingança, que Avalor a estava antre si culpando de muito cruel. Mas posto que deste pedido ficasse triste, o houve de conceder. E porque em alguma parte se visse satisfeita, pediu a Avalor que antes de a despedir lha mostrasse, porque muito a desejava ver: o que ele fez, posto que Olânia o houvesse por muito grave cousa.

Trazida ela, e posta em sua presença (tendo-a

assaz mudada) por se ver diante de Donanfer, que bem via a não mandavam chamar senão para lhe darem nisso alguma paixão grande, de que lhe pudesse nascer maior tristeza, como verdadeiramente sentiu, quando viu Zicélia estar em uma camilha igual ao leito onde ele deitado estava, e lançar-lhe os braços ao pescoço, e beijá-lo muitas vezes: cousa que a ela tão devida foi em outro tempo fazer. Mas em nenhuma cousa deste mundo há segurança, nem se deve ter, porque mudanças senhoreiam tudo; e na verdade não se pode ela ter das cousas de cá, por quão sem firmeza são. Assim que umas e outras a tinham tão embaraçada, que não sabia que dizer. E vendo Zicélia o sentimento que mostrava, não se pôde ter que não dissesse:

— Deste camanho descanso fostes vós, Olânia, muita causa de me apartar, tendo este contentamento de direito meu; e em galardão de camanha ofensa como me nesse tempo fizestes, vos dou verdes agora o que já pudera ser que não cuidastes ver. E agora vos podeis partir quando quiserdes: e em ser tão livremente, conhecei que ficais ao senhor Avalor nessa obrigação, porque a ele verdadeiramente se deve.

A Olânia com estas palavras se lhe arrasaram os olhos de água: e por muitas vezes esteve em lhe responder, por fartar sua ira. E a dor grande lho não consentiu: porque isto parece tem a pessoa muito magoada, impedir-lhe sempre a paixão, o que a vontade mais pode fazer, e cerram-se-lhe os espíritos, e não pode dizer o que deseja, e esta mágoa desfaz toda em lágrimas. Neste extremo se viu a triste donzela tão estrangeira no que tinha por natureza.

Donanfer, posto que o amor de Zicélia lhe não consentisse usar com Olânia de piedade, não leixou de sentir muito aquele apartamento, e sempre a seguira, se não fora por Avalor lho não estranhar. E como as tristezas se não possam encobrir, nem a dor grande dissimular, lhe fizeram vir ao rosto aquela cor tanto sobre a natural, que parecia mais divina que humana, e parece que lhe acudiu aquela formosura a tal tempo pelo mais embaraçar e acrescentar nele seu amor, porque em algum tempo não perdesse esperança de a poder ver. E daqui nasceu a Donanfer um aborrecimento tamanho a Zicélia, que logo pôs em seu pensamento, que como o tempo lhe desse lugar, buscar Olânia, a qual se partia tão triste pelo que leixava, como incerta do que lhe podia suceder.

8-9. A pudibundaria religiosa fez suprimir nas edições de 1645 e de 1785 a frase poética, tão ao gosto dos renascentistas, a começar por Camões.

CAPÍTULO XXII

Como despedido Avalor de casa do cavaleiro vencido, sendo apartado do seu castelo, ao pé de uma fonte aonde descansando estava, lhe falou de dentro da água Arima, e do muito que suas palavras o entristeceram.

Depois que Avalor entregou o castelo à donzela, se deteve nele alguns dias (por o ela assim pedir) enquanto o cavaleiro vencido se curava de suas feridas, consolando-o em seu desgosto: porque verdadeiramente o sentimento de o ele ser foi camanho, que por muitas vezes se desconfiou de poder viver (tanto pode o nojo em tudo). E começando a convalescer, indo já para melhor, determinou Avalor tornar a seu caminho e seguir sua aventura (que té então tão mal lhe sucedia), e havida licença se partiu.

E, sendo já do castelo duas jornadas, se meteu por antre uns espessos arvoredos que ali estavam de mui graciosas sombras e correntes águas; e pondo-se ao pé de uma fonte com o pensamento todo ocupado naquela água, se lhe afigurou que vira nela um vulto de mulher, tão próprio ao parecer de Arima, que lhe vieram as lágrimas aos olhos. Chorando esteve a maior parte daquele dia, sem poder determinar que poderia significar aquele mistério

(que tão grande lhe pareceu). Estando ele assim embaraçado naquela visão, correndo pelo pensamento cousas passadas que renovadas o faziam tão triste como nunca fora por causa nenhuma, desejando saber o fim do que vira, ouviu falar-lhe de dentro de água, como mulher, dizendo:

— Não sei que buscas, Avalor, aqui.

— Busco, disse ele, o que minha ventura me nega tanto tempo há. Mas muito te peço, pela cousa do mundo que mais estimas, que me queiras dizer quem és a que me falas: porque verdadeiramente dês que te ouvi, comecei a confirmar minha suspeita por verdadeira. Se és Arima, não no negues.

Acabando ele de dizer isto, tornou a pôr os olhos naquela parte onde dantes a vira (pelos ter postos no chão) e não a vendo, se assentou, começando-lhe a correr de seus olhos fontes de água, chorando tão cruelmente que era mágoa ouvi-lo, dizendo:

— Triste, coitado de ti, Avalor, que tão grande foi tua desaventura que tudo aquilo que mais desejaste, viste menos acabado; e o que te podia dar contentamento, se te converteu em maior tristeza. Senhora Arima, como pudestes acabar convosco negardes-me ver-vos eu, sendo vós a cousa do mundo que mais ver desejo? Mas se vos eu nisto ofendo, aqui me tendes; executai vossa fúria em mim: e não queirais, senhora, que num tão sem ventura se encerrem tantas mágoas secretas. Erros de amor são dinos de perdoar. E se vingança maior vos mereço, cumpri em minha vida vossa vontade, que tão oferecida está ao que dela quiserdes ordenar. Havei por bem mostrar-vos a quem só vive na esperança de ver-vos: e não queirais encobrir-vos de quem vos tanto merece servir.

— Em balde trabalhas, respondeu ela, que só na vontade me poderás ver; e porque tarde ou nunca me tornarás a ver, neste lugar te digo isto, porque de tua perda me pesa assaz.

Ficou Avalor tão cortado daquelas palavras que não teve que responder, nem ficou de maneira que o pudesse fazer. E com a dor grande do que nelas sentiu, se entristeceu tanto que, não se podendo suster, caiu e esteve por grande espaço sem fala; tornado que foi em suas forças, determinou logo consigo mesmo partir-se daquele lugar (que tanto para seu cuidado cumpria).

Dizia meu pai que, quando ouvia falar nas cousas de Avalor, lhe crescia em as ouvindo camanha mágoa que verdadeiramente lhe parecia ser ele mesmo que as passava, porque tinham em si uma tão nova maneira de sentimento, que se não podiam leixar de sentir muito suas tristezas, e que assaz de endurecido devia ter o coração quem, ouvindo-as, o não desfizesse todo em lágrimas. E dizia ele que de só cuidar nisso o fizera muitas vezes (tanta dor faz o ouvir mágoas alheias). Mas eu direi o que lhe sucedeu, porque vejais quanto as tristezas se querem com quem as favorece.

CAPÍTULO XXIII

De como partido Avalor do lugar da fonte, indo cuidando em suas tristezas, entre uns arvoredos achou uma donzela carpindo-se, e a socorreu em sua necesidade.

Dês que Avalor se partiu daquele lugar, onde aquela sombra lhe apareceu, nunca de seu pensamento lhe saiu que aquilo poderia ser Arima: antes lhe ficou tão assentado nele que o era, que por muitas vezes determinou tornar aí fazer sua habitação. Mas quem sua vida passa em tantos receios não pode ter livre juízo que tome consigo determinação certa. Assim Avalor em suas tristezas não achou outro melhor remédio que seguir o que sua ventura lhe ordenasse, porque a que esperava não poderia ser menos triste que a passada.

Posto ele em seu caminho, tendo naqueles dias andado muita parte, veio ter já sobre tarde (quando as aves se começam a recolher, vindo a seus costumados pousos) a um vale de mui grandes e frescos arvoredos e assaz deleitosos para quem o cuidado trouxera menos magoado: vendo-se naquele lugar, parece que por fazer menos o trabalho, ou mais verdadeiramente a dor, se assentou ao pé de uma alta e verde faia, por desejar ouvir sossegadamente uns rouxinóis, que já de muito antes à entrada do vale

ouvira estar cantando. Estando ele assim enlevado naquela melodia, lhe parecia que em sua maneira de tanto lhe anunciavam vir-lhe naquele dia algum contentamento, que o fizesse menos cansado, do que seus cuidados o traziam. E como a ele nenhum bem lhe durasse muito, parece que a este pequeno descanso lhe houve a fortuna ainda inveja, ou não quis consentir que o ele tivesse, pelas muitas desaventuras que inda tinha por passar.

Não se tardou muito que no mais baixo do vale não ouvisse uns grandes e doridos gritos. Espantado ele por em lugar tão apartado de conversação de gente ouvir gritos de pessoa racional, não sabia que se dizer; e por mais se certificar no que seria se levantou, e pôs o sentido pronto nisso (tendo-o ele bem longe dali) por ver se tornaria a ouvir aqueles gritos; senão quando ouviu dizer mais brandamente:

— Desemparada, triste, coitada de mim, que desaventura foi ora a minha que a tal desterro me trouxe.

Acabando isto calou-se, chorando e gemendo tão doridamente que movia a quem a ouvia a sentir sua tristeza. Foi rijo para aquela parte, o mais apressadamente que ser podia, por lhe poder valer em sua necessidade: porque logo lhe pareceu que sua ajuda seria necessária.

Chegado que foi a ela, e vendo-a mulher e assaz bem parecida, lhe disse (como espantado de tamanha novidade):

— Que ventura foi esta, senhora, que vos trouxe em parte tão só? Mal haja desaventura que tão mal soube repartir com vossa formosura, que vós para outra cousa devíeis nascer: mas eu não sei verda-

deiramente onde estes desconcertos do mundo hão-de ir ter. Vejo-vos moça, merecedora de viver acompanhada e servida.

Ela, com o grande prazer que sentiu naquele socorro, não lhe pôde responder; e também o modo de mulher lho tolheu; nem a fraqueza sua lho consentia, inda que muito o quisera fazer. E vendo Avalor o extremo em que era posta, se chegou a ela. Tomando-a em seus braços, a assentou naquela fresca e verde erva, pedindo-lhe muito quisesse esforçar, que Deus lhe daria remédio pois lho mandara a tal tempo, acrescentando mais:

— E se alguma cousa que vos de mim cumpra vos pode fazer leda, disse ele, não sinto nenhuma que não faça por vos servir.

Rendeu-lhe ela as graças por camanha mercê, dizendo:

— Ainda que veja, senhor cavaleiro, que Ordem de cavalaria vos obrigue a socorrer muitas tristezas, também conheço, que para alcançar eu de vós o dom que vos hei-de pedir, o muito que falece para vo-lo merecer. Mas eu terei nisso mais respeito a vossa muita virtude e nobreza que a meu pouco merecimento; porque não poderá ele nunca ser tanto, que maior não seja a razão porque o fazeis.

— Já eu, senhora, (disse Avalor) não poderei leixar de conceder tudo, mas se é pordes a risco cousa em que vos vá vosso contentamento, não sei quão acertado seria consentir eu que em mim o leixásseis, porque pessoa tão sem ventura mal pode nenhuma outra acabar com honra. Por isso vos quis dar antes este aviso de mim, porque depois, se a fortuna me não leixar cumprir com vossa vontade e com a que tenho de vos servir, vos queixeis dela

mais que de mim. E não vos pareça que o tomo por escusa, porque eu das tristezas aprendi socorrer a elas. Por isso peço-vos muito que das vossas me digais, e quem foi causa daqui virdes ter, porque essa formosura não era para a possuírem serras.

— Ainda que minha fraqueza (disse ela) me defenda não vos dar de mim tão larga conta como quisera, vos direi alguma parte de minha triste vida, para que saibais quanta razão tive para me não achardes viva: porque verdadeiramente, segundo as cousas dela são desarrezoadas e graves, me faz ainda parecer que a fortuna quis usar comigo algum modo de piedade em não querer que eu assim a perdesse. Porque, posto que de tão triste fim recebesse contentamento, conheço que se não há-de ter respeito, a proveito, donde se siga perigo para as almas. E pois a Deus lhe aprouve trazer-vos a tempo que me pudésseis valer a camanha perda, sem-razão seria não conhecer eu o muito que vos por isso deva. E portanto me não quero deter, mas dizer-vos brevemente o que me pedis.

CAPÍTULO XXIV

Do mais que Avalor com a donzela passou em seu caminho.

Satisfizeram tanto estas palavras a Avalor, que, inda que ele tanta parte nelas fosse, desejava podê-la servir em cousa de muito seu contentamento. Mas como ela o já tivesse perdido das do mundo, e ele a visse tão posta nisso, não curou de a querer desviar de sua tenção, mas leixou-a contar suas tristezas, porque não recebe pequeno gosto em as ouvir quem nelas vive. Começou ela então a dizer:

— Haveis, senhor, de saber que eu fui filha de um alto homem, tão rico de vassalos como dotado de bens da fortuna; e sendo ele tal, era com isto muito aceito do rei, de que infindas vezes se servia. E sendo por ele mandado a uma fronteira, foi lá morto em uma batalha; que té nisso foi a fortuna contra mim, porque ficasse mais desemparada. A este desemparo acudiu um irmão meu, que outro não tive nunca. Nele cuidei que me ficava pai, e ele o foi muito tempo. Mas depois que pelo discurso dele viesse conversar um nobre e famoso cavaleiro, que a estas partes viera ter com duas formosas irmãs, por uma, a que ele muito queria, falecer, ordenou Lamentor, que assim se chamava, casar a outra com meu irmão. E como ela tivesse muitas partes de formosa, o aceitou ele, tanto por seu

parecer dela, como por confirmar tão boa amizade. Ordenado isto, determinou meter-me num mosteiro, que perto daqui está, para servir nele, com outras ninfas, Diana, fazendo-me crer que dali sairia tão honradamente casada, como a seu estado convinha; o que eu, triste de mim, cri e houve-o de consentir. E prouvera a Deus que nunca fora, porque agora me não vira tão magoada. Que vos hei-de dizer do meu triste fado? Estando ali depositada para alguma ventura grande, veio aí ter Donanfer, senhor de um castelo que do alto destas serras parece. Vendo-me, e eu a ele, nos seguimos um ao outro, de maneira que houve de fazer tudo o que ele mostrou que lhe aprazia. Levou-me consigo, e me teve a seu prazer quatro anos inteiros, fazendo-me sempre crer ser eu o primeiro amor a ele só (mas a quem de enganos vive, mal se lhe podem nunca conhecer). E como em pouco tempo faça ele muita mudança, um dia, estando nós apercebidos para fazermos um caminho em que recebíamos assaz contentamento, me veio dele tirar uma outra donzela, que, segundo se soube, de muito antes lhe tinha dado seu amor. E um cavaleiro, que com ela vinha, fez campo com Donanfer. E vencido lhe entregou toda a terra, e a mim pôs em áspera prisão. Se ainda não fora pela compaixão que de mim houve o mesmo cavaleiro, nela fenecera; e fora-me melhor, porque ao menos não tornara a ter nova mágoa comigo. Isto é o em que minha desaventura me traz, e o que de mim vos sei dizer. O dom que vos peço não é para que me vingueis, senão para que me acompanheis té me pôr no mosteiro donde saí, e me façais nele recolher; porque o mesmo quero eu fazer de minha vida e de mim.

Ao que Avalor respondeu:

— É tão pouco o que me pedis, em comparação do muito a que me vossas lágrimas obrigam, que erro grande seria não o consentir; e ainda que o não pedíreis, parecia justo não vos leixar senão em parte onde minha companhia se pudesse escusar. E por isso, senhora, caminhemos, que por longe que seja o não poderá a mim nunca parecer, tão contente sou de vos poder servir.

E porque a seu tempo se vos dirá muita parte de seus acontecimentos, que muitos e grandes foram, que vos eu agora não digo, por não ser este conto nosso, e também porque tenho bem que vos dizer no caminho, que hemos tomado.

CAPÍTULO XXV

Do que a Dona, no prosseguimento de sua história, passou com a donzela naquele apartamento em que estavam.

— Bem vejo, filha e senhora, que prometer-vos eu história tão larga e triste foi para mim a maior novidade que de minha tristeza se pudera esperar. E, verdadeiramente, por muitas vezes estive em vos pedir que a não quisésseis ouvir de mim, porque ao menos vos não tornaria a magoar em vossas tristezas, contando-vos tantos desastres, como nesta terra dizem que aconteceram aos Dois Amigos, de que é a nossa história, que vos já por muitas vezes comecei a contar, e saltava noutras mui diferentes. Mas já que sei que tanto folgais de a ouvir, cumprirei nisso mais com vosso desejo que com a vontade que posso ter de vo-la encobrir. Não digo isto porque a não tenha assaz de vos fazer certa das cousas desta terra, já que mais vos não posso satisfazer em vossas tristezas. Mas diz o conto: que partidos os Dois Amigos ao castelo da mãe de Cruélcia, e que estiveram nele alguns dias, enquanto seu companheiro Jenao foi em uma aventura onde o levaram, e também começando-vos a dizer esta história, disse que muito bem sentia aqui o cuidado alheio em me lembrar o meu. Quero que me enten-

dais de todo: vindo por este vale, assim com minha paixão, topei com uma Dona em tempo que eu era donzela triste, assim como vós, e ela, que já de minha dor passara, se tornou a lembrar, assim como eu agora com as vossas me alembro. Então ambas estivemos dando culpa destas cousas a quem porventura a não tinha, e como dona honrada e mais velha a folguei de escutar. E também, ouvindo-a, desabafava o coração, por ser cousa que neste caso e lugar é muito para saber, porque diz o conto:

CAPÍTULO XXVI

Em como estando Narbindel e seu amigo Tasbião no castelo da Dona, lhes veio pedir socorro o pae de Belisa contra o cavaleiro que a furtara: e do mais que passou na viagem, até chegar onde Lamentor estava.

Estando Narbindel e seu companheiro Tasbião no castelo da Dona, veio tarde, horas de véspera, um cavaleiro velho que parecia anojado em sua barba e vestido. E, apeando-se, perguntou se estavam ali dois Cavaleiros de que muito se falava naquela terra, onde desfaziam muitos agravos. Tasbião, como mais solto do cuidado de seu companheiro, quis tomar o do velho cavaleiro, que em sua presença mostrava que alguma grande tristeza tinha. Assim com ele se partiu. Pedindo a Narbindel que ali o esperasse, se espediu de todos os de casa, que também já como irmão o tinham. Mas uma irmã de Cruélcia tinha já grande amor a Tasbião; mas como moça, com a vista de cada dia não sentiu o que era, senão depois que partiu, porque a saudade das cousas muito desejadas muito se sentem. Assim conhecendo seu mal, viveu muito tempo, aguardando o que a ventura sempre lhe negou. E não lhe saiu como ele, nem ela cuidou e onde ia bem fora de seu cuidado.

Assim caminhando com o velho cavaleiro, lhe perguntou e rogou que lhe dissesse o para que o levava, se nisso não perdesse o contentamento de sua vingança.

O velho lhe disse que aquela noite, onde repousasse, lhe diria todo o caso, que grande era para se contar em tão pouco espaço.

Bem pareceu a Tasbião o que o velho cavaleiro dizia, por ser já tarde; e disto falando, e em outras cousas, se fez noite. Não quis Tasbião andar mais, por a companhia não ser para aquelas horas. Chegaram a um castelo de um seu amigo, onde repousaram. Perguntou Tasbião onde, ou porque o levava? Senhor cavaleiro, inda que me assim vejais, a idade me tirou as forças; que em meu tempo não buscava ninguém para minha necessidade; mas já agora não posso com mais trabalho, que este em que me pus em vos buscar; e o caso é este. Eu tenho uma filha (ou, segundo minha ventura, tive) das formosas que neste tempo nasceram, o que causou muita dor à minha velhice e sua mocidade, que, um dia em que devera morrer, a levei à cidade de Bóslia a umas festas que se faziam: e como ela as nunca visse, mostrei-lhas para a nunca mais ver. Um cavaleiro a viu. E porque breve diga minha desaventura, passou o rio e veio a meu castelo, dissimulado, com um seu amigo ou sobrinho, em trajos de homens trabalhadores; tomaram minha filha em uma hora, e pela porta da cerca (que parece por mau recado, ou por alguma traição, estava aberta) a levaram a um batel que tinham prestes. E como era sobre tarde e o rio largo, como sabeis, primeiro que eu acudisse (que era longe) quando já cheguei os não vi. Mas bem sei onde está contra sua von-

tade. E, por ouvir que vosso costume e virtude é socorrer a tais fortunas, vos busquei. E isto é o que se passa.

E isto disse com muitas lágrimas.

Tasbião o consolou, e lhe prometeu de pôr sua pessoa por ele até morrer, pois assim passava que Deus o ajudaria. Perguntou-lhe como se chamava o cavaleiro.

— Chama-se Fabudarão, disse ele. É valente e de linhagem de gente soberba: eu sei que minha filha será morta em seu poder.

— De morta, disse Tasbião, vos seguro eu; mas não sei se receberá outra força; e se ele é cavaleiro, não cuido que o fará, ainda que o amor grande faz grandes erros.

— Por isso, disse o velho cavaleiro, cuido eu que ela é morta por suas mãos, se é forçada.

— Esse cavaleiro, disse Tasbião, a tem já em seu poder; e se, com vossa honra e sua, vos quisesse satisfazer, pois direis que é pessoa poderosa e abastada, deveis de o querer. E isto não creiais que o digo, por leixar de fazer o para que me levais.

A isto o honrado velho abaixou os olhos, como que cuidava um pouco, e disse:

— Bem dizeis, senhor cavaleiro; mas cuido que ela tem a vontade em outra parte, contente como o eu não sou, porque ele não há-de querer segundo o meu contentamento; e essa desconfiança tenho eu da muita valia de sua pessoa, o que minha filha não cuida, porque é criada sem mãe, nascida para fadiga do triste velho de seu pai. E se ele aqui estivera, não creiais que Fabudarão assim tenha minha filha; mas é em um socorro, por mandado del-rei,

como sabeis: e este que digo é Lamentor, que já ouviríeis nomear.

— Antes o conheço muito bem, disse Tasbião: e certo não escolheu vossa filha mal, se lhe saísse bem: mas as dúvidas nas cousas da honra de ventura saem bem, e mais nos casos das mulheres, quando têm algum desejo, porquanto são fracas de seu natural.

Assim falando chegaram ao castelo do velho cavaleiro. E outra filha pequena, que ele tinha, (que na formosura bem parecia a sua irmã) veio chorando. Dizia que já Fabudarão levara Belisa para outro castelo. Certo que suas lágrimas, ainda que de dez anos, obrigavam a vinte de serviço a quem a via; e por ela julgou Tasbião o que seria Belisa.

O velho ficou tão triste que, por sua muita idade e fraqueza, pouco faltou de ser morto. Cá bem sabia ele que Fabudarão a havia de levar para um forte castelo, que tinha dali trinta léguas, onde ele perdia toda a esperança, por aquela ser quase toda a sua. E porém Tasbião o consolou dizendo que, se sua filha se havia de livrar com poder de gente, tinha razão de se agastar: mas, de cavaleiro a cavaleiro, não montava mais castelo forte que fraco, e que partissem logo por mar, para mais asinha se ver com Fabudarão, e haver sua filha, se pudesse, ou lhe ficar tempo para buscar outro remédio.

E assim o fez o velho cavaleiro, que logo se meteram em uma caravela que perto do castelo estava em o porto do rio, com sós seus escudeiros e os marinheiros dela. Partiram pelo rio abaixo até dar ao mar. E aquela tarde deu uma tormenta neles, que os lançou através da costa de Berberia: que ainda, té aqui, o amor quis que Belisa fosse livre

por mão de quem ela desejava. Correu tanto com a tormenta, que lhe conveio tomar terra ao outro dia naquele lugar onde Lamentor estava. O velho cavaleiro não quis sair fora, ainda que para sua idade bem havia mister o repouso da terra, porque a Lamentor não parecesse que o vinha buscar, que sentia ele de si que era cousa vergonhosa, ainda que o costume fosse buscar socorro aos tais cavaleiros pela suspeita dantre eles. E Tasbião, também por esta razão, leixou de sair até que da parte de Lamentor foi rogado, sem saber quem eram, que fossem a terra: e mais porque assim era necessário pelo costume e segurança dela. Viu o cavaleiro que se não podia escusar, e rogou a Tasbião que saísse e não dissesse a Lamentor nada dele, que ficava na caravela: que só com ele queria tentar a ventura de sua filha, má ou boa, como lha Deus ordenasse. E porque as ele ordena às vezes melhor do que as nós pedimos, foi assim que Lamentor, vendo a seu amigo Tasbião que em tempo de tanta fortuna não queria sair fora, nem lhe falar, logo lhe pareceu que alguma grande aventura ia buscar; e como eram amigos, e Tasbião não achasse certa desculpa para lhe dar, e assim se encobrir dele, forçado lhe disse tudo. Perdeu Lamentor a fala uma grande hora, e encostou a cabeça sobre a mão esquerda; e esteve até que no cabo, com um suspiro de alma, disse:

— Que cuido? Em que gasto o tempo? Que conselho pode isto ter, ou que vingança? Mais devo à tormenta que vos aqui trouxe, que a vós que mo encobris. E não podia eu saber uma tão má nova, senão com grande tormenta. E bem me atormenta ela, pois não tem vingança nem satisfação camanha dor.

Tasbião, pelo consolar, dizia que já não podia ser, que Fabudarão, ainda que assim a levasse, nem por isso a forçaria, que era bom cavaleiro. E que ainda que o amor ao princípio era sem culpa, teria aquele acatamento que os cavaleiros eram obrigados às donzelas, e no primeiro erro se Fabudarão não sabia do bem que lhe ele queria, não tinha porque o culpar, quando, sabendo-o, a restituísse a seu pai.

— As mudanças (disse Lamentor) que me vós contais que ele já fez com ela, me faz a mim ser triste, e o serei toda minha vida, ainda que muita seja, e muitas cousas me possam alegrar. E em minhas mágoas não quero falar mais, que não são estas as que desabafam falando, nem aproveita conselho em caso de camanha injúria, senão cuidar na vingança. E digo que vós, senhor Tasbião, me leixeis este trabalho com o mais que eu tenho. E também quero que por mim tomeis outro, que é o cargo desta fronteira até minha tornada: e se eu não vier, vós sois tal pessoa que dareis mui boa conta a quem eu a havia de dar.

Aqui conveio a Tasbião dizer a Lamentor que na caravela ficava seu pai de Belisa, por donde ele de sua promessa se não podia leixar, nem dar outrem por si, e, mais, que o cavaleiro não queria que ele soubesse que ali estava.

— Por isso, disse Lamentor, lhe dizei vós a verdade, que o soube de vós por força, e que não podeis al fazer, pois este caso mais a mim que a outro toca: e pelo encobrir não me dissestes nada que ele ficava na caravela, e como eu partir aí logo por ele.

E assim o fez, que Lamentor não aguardou mais,

que naquela mesma tarde se partiu; e Tasbião foi pelo velho cavaleiro, o qual depois que o soube não lhe pesou muito, porque Lamentor era bom cavaleiro; o que leixaremos por dizer o que aconteceu a Belisa com Fabudarão.

CAPÍTULO XXVII

Do que passou Belisa em poder de Fabudarão, e do que lhe aconteceu fugindo do seu castelo.

Quando Belisa assim se viu em poder de Fabudarão, que tanto aborrecia, pelo muito que queria a Lamentor, vingando-se em sua pessoa (como é sinal de fraqueza) se carpia e chorava. Mas aqui o amor a aconselhou também com o primeiro súpito das mulheres (que é grande), confiando que se Fabudarão soubesse que ela amava a Lamentor, quiçá a leixaria; ou ao menos que se haveria mais honestamente com ela. E assim ante seus parentes disse tudo a Fabudarão: de que ele ficou agastado, que com outro quisera antes a diferença. Mas, como era sobre camanho preso de formosura, tornou logo a fazer menos conta do que dizia para a leixar. E contudo, para estar com ela mais seguro, determinou ir-se para aquele seu castelo, para onde a mudara, porque era mais forte, e na terra mais aparentado; e porém todavia porque não sabia como poderia sair com camanha empresa, estava assim no meio antre amor e temor.

E porque grande amor lhe tinha, com ele a queria obrigar. E para isto tinha Fabudarão uma irmã, donzela formosa, e com ela a leixou alguns dias, para que lhe dissesse mal de Lamentor, que seu

amor não seria para mais que para a leixar, o que seu irmão não faria nunca, antes mandaria logo recado a seu pai. Mas estas coisas não aproveitavam mais que acrescentar muito o amor de Belisa: a qual, depois de culpar Fabudarão pela assim tomar sem vontade de seu pai, dissimulou em algumas cousas com ele, porque bem sabia que, como o Lamentor soubesse, ela seria livre ou mais cativa dele. A Fabudarão parecia que já podia ser, porque seu estado, e certeza de sua honra, ela o queria, porque não cuidava que tanta razão tinha Lamentor como a aí havia. E que assim a iria obrigando pouco a pouco, e mais ele tinha mandado buscar seu pai, porque cuidava que lhe não pesasse de ter sua filha casada com ele, e estava esperando pelo recado. Às vezes a ia ver se ainda lhe veria cousas de verdadeiro amor que ao outro tinha, quando um dia, andando Belisa dentro no castelo, que sobre o mar estava, com sua irmã de Fabudarão, viram vir um cavaleiro de umas armas verdes e azuis, semeadas nelas com barras douro, e assim no próprio escudo uma grande águia. E, chegando ao pé do castelo, a irmã de Fabudarão o conheceu, que era quem ela muito queria: e por Fabudarão haver dias que não saíra do castelo por amor da formosa Belisa, não tinha ele tempo de a poder ver nem falar, senão então que o viu passar à vista doutro seu castelo, que ia à caça. E pelo ver ir armado fora do costume de caçadores, o vinha ele também; porque Fabudarão era em algumas cousas arrebatado, para no primeiro ímpeto achar-se apercebido. Quando o ela assim viu, sem lhe lembrar o que seu irmão lhe encomendara, se desceu a uma porta de traição, onde ela soía vir outras

vezes, porque o cuidado e desejo próprio faz perder o alheio, como foi nesta donzela, que com sua lembrança perdeu a de seu irmão. De maneira que Belisa, que viu o tempo que a donzela se detinha, encomendando-se à ventura, se saiu pela porta da cerca, sem a verem e se foi, sem saber por onde ia. E porque ela do castelo via muitas vezes a terra, e lhe pareceu mais coberta pela banda do mar, aquela seguiu. Mal acostumada, a pé, por antre aquelas rochas (que fragosas eram) às vezes metendo-se pela água, outras assentando-se de cansada, cuidava onde iria e que fazia de si, outras se arrependia de ser saída do castelo por terra que não sabia, e mais tão despovoada. Quis-se tornar, e para nenhuma parte sabia o caminho.

Assim andou até horas de noite, onde a leixaremos por dizer da irmã de Fabudarão, que, como a Belisa não achasse, esteve para se matar, antes que seu irmão a matasse, porque bem sabia ela que, para camanho bem lhe ele queria, era o menos que lhe havia de fazer: e depois, lembrando-lhe que perdia a vida que com aquele cavaleiro seu amigo levava, quis antes fugir para ele. E assim, sem dizer nada aos do castelo, se foi para ele, que já era ido; que ela, por ser da terra, sabia mui bem o caminho para que nelle o não achasse.

E Fabudarão, que lá onde andava não podia repousar, não se deteve muito na caça. E vindo com alguma, muito ledo, para apresentar por si à formosa Belisa, achou que os do castelo a andavam buscando e a sua irmã, que não sabiam para onde foram. Quando Fabudarão ouviu isto, perguntou se ia outrem com elas, ou se se foram folgar ao longo da praia. Disseram-lhe que já tudo era

BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA

buscado, e que nenhum rasto, nem nova, achavam delas. Não sabia Fabudarão que cuidasse, nem achava caminho onde seu pensamento pudesse descansar, porque cuidava que sua irmã fora com ela. Perguntou quanto havia que as achavam menos. Disseram-lhe que poderia haver duas horas.

Assim como desesperado começou de correr todos os caminhos, e perguntar aos que achava, sem achar nenhum recado, nem nova. Determinou partir-se daquela terra, e não tornar mais a ela, até não cobrar o que com tanto trabalho alcançara e com tanto descuido perdera. Assim se foi, sem saber por onde iria. Deixemo-lo ir agora seu caminho, e dir-vos-ei o que aconteceu a Lamentor por livrar a formosa Belisa do poder de Fabudarão.

CAPÍTULO XXVIII

Do que aconteceu na viagem a Lamentor indo no livramento de Belisa; e do que mais lhe sucedeu.

Diz a história que Lamentor com aquela tão triste nova ficara tão embaraçado que quase se não sabia determinar no que faria para remédio de tanta dor. E esforçando-se, como cavaleiro que era, escolhera por melhor pedir a Tasbião que, enquanto ele ia naquela viagem, quisesse ele ficar no cargo daquela fronteira; e havido prazo dele, sem mais esperar, se embarcara em uma caravela; e dando vela se partiu para aquela parte, que dizia ser o castelo de Fabudarão, em que Lamentor tanto se desejava ver, porque esperava alcançar a cousa do mundo que mais queria, e para de camanha força tomar vingança, lhe parecia que aquela bonança de tempo com que partira lhe ajudava neste desejo. Mas como as cousas nesta vida nunca tenham ser perfeito, e seja tão certo querer a fortuna em tudo mostrar o que pode, foi assim ser acaso que, indo ele neste contentamento, lhe sobreveio, já sobre tarde, a tempo que queria aferrar terra, tão súpita tempestade de ventos contrários que ensoberbeceram tanto as ondas do mar que em mui pequeno espaço a perderam de vista: e como nos marinheiros não houvesse já esforço, nem

forças para sofrerem os trabalhos dele, os começou Lamentor, como cavaleiro que era, a esforçar mui amorosamente. E quis assim, parece, a ventura que indo eles bem fora de poderem saber a que parte eram lançados, passada a fúria daquela tormenta, que a maior parte da noite os seguira, à manhã do outro dia se acharam dentro duma enseada, tão segura daqueles perigos como incertos tão pouco havia de lhe poderem escapar. E lançando âncora desembarcou Lamentor naquela praia, mandando aos marinheiros que té sua tornada o esperassem ali.

Começou ele então a andar para o sertão daquela terra e, sendo afastado do porto donde desembarcara quanto uma légua, encontrou com um trabalhador a quem perguntou que terra era aquela. E dizendo-lhe ser a que ele de tão longe vinha buscar, lhe cresceu mais o desejo de se ver com Fabudarão. Perguntou-lhe mais se o ouvira já nomear e se sabia ele o seu castelo. E por o trabalhador lhe dizer que sim, e que era natural da terra, estimou muito Lamentor achá-lo para se informar de cousa que tanto desejava: às quais perguntas o vilão respondera:

— Haveis, senhor cavaleiro, de saber que ontem bem tarde achei nesta paragem um escudeiro com uma donzela, que faziam seu caminho para um castelo que lá adiante se vê algum tanto longe; deles soube como esse cavaleiro passara por eles com uma donzela ao parecer muito formosa e assaz descontente que ela ia por a levarem como forçada e que lhes parecera nas armas ser Fabudarão, e que a ele também lhe parecia que seria aquele, porque se esperava naquela terra por ele.

Lamentor lhe perguntou então pelo caminho onde vira ir a donzela. Ele lho mostrou.

Despediu-se Lamentor a grande pressa, pelos alcançar, e chegando já quase noite a uma aldeia, ao ladrar dos cães, acudiu gente. Perguntou ele pelo que buscava, e não lhe deram nenhum recado. Lamentor aguardou ali a manhã. O escudeiro com a donzela chegaram ao vilão com que Lamentor topou; e das novas que lhe deu dele, que ia depressa, crendo que já o não poderiam alcançar, foram pousar com ele à sua tenda. Lamentor se levantou antemanhã, e de um cerro viu longe um formoso castelo, e chegou a ele; e perguntando pelo cavaleiro e donzela, disseram-lhe que aquela noite pousaram em uma casa que fora da cerca estava; que nisto presumiam que não quiseram falar, por não verem a sem-razão que fazia à donzela, ou por ser tarde; e que os não viram mais.

CAPÍTULO XXIX

De como indo Lamentor na demanda da senhora Belisa, encontrou dois cavaleiros com uma donzela que forçadamente levavam consigo; e da crua batalha que com eles houve.

Com esta pequena certeza partiu Lamentor, e andou até às dez horas do dia, que os achou que se queriam descer em um prado, que estava antre umas árvores, a descansar. A donzela de longe a conheceu Lamentor que não era Belisa, ainda que era formosa, e contudo não perdeu a vontade de lhe valer: e abaixou a lança contra o cavaleiro que de longe vinha apercebido. E do primeiro encontro foi o cavaleiro a terra, e o cavalo de Lamentor, de fraco do caminho, foi para cair; e Lamentor como bom cavaleiro saiu fora dele, e deu sobre o cavaleiro, antes que se erguesse, por uma perna, de que se não pôde levantar sobre ela. E outro seu companheiro, que com ele vinha, encontrou a Lamentor, que lhe passou o escudo e braço esquerdo e o feriu mal e deu com ele no chão, onde quebrou a lança: mas quando tornou sobre Lamentor, ele, que já estava em pé, se afastou e ao passar lhe decepou o cavalo. E como ele caiu, antes que se erguesse, Lamentor lhe deu duas feridas na cabeça: e o cavaleiro (que valente era) saiu o melhor que

pôde, e houveram grande batalha. E Lamentor andava mal ferido por não se poder aproveitar do escudo. E ao cavaleiro, das feridas da cabeça lhe saiu tanto sangue que o cegava; de maneira que com outras, e muito sangue daquelas, caiu. Nisto o outro, que jazia da perna, o melhor que pôde pediu a Lamentor que não matasse aquele cavaleiro, que se alguma culpa havia que ele a tinha e a formosura daquela donzela e sua muita crueza. Lamentor, como soube que mal este era, houve por mor o que deles recebera, e os leixou com tal condição que leixassem ir a donzela por onde ela quisesse.

Nisto, por acerto, chegaram a outra donzela e o seu escudeiro, e com ajuda do outro escudeiro dos cavaleiros os desarmaram. E do dó que esta donzela houve das feridas do cavaleiro vencido o houve dele e do que dizia, com elas e com ajuda de Lamentor, de maneira que o de tanto tempo desejado dele o veio alcançar por risco de sangue e vida, que é o verdadeiro preço de amor. Tanto que os Lamentor assim viu avindos, e quase cada um com a sua, com maior dor que das feridas os leixou, por também buscar a sua; e pediu-lhes perdão do passado, e de não poder ir com eles. Atadas as feridas, andou um grande pedaço, e a do braço o fez descer e viu que dantre uns vales corria uma pouca água clara. E por comer alguma cousa foi por ela acima, e sentiu rinchar. Erguendo os olhos viu uma besta albardada e um moço com ela como que a olhava, e uma mulher de monte com outro moço assentado junto da fonte ao pé de uma árvore. Vendo o cavaleiro, a mulher se alevantou, e mandou ao moço que lhe desse a besta, e o cavaleiro lhe disse:

— Mulher honrada, estai, e não vos vades pelo meu, que eu não faço mal senão a mim.

E nisto se apeou, e a mulher, pelo ver com as armas cheio de sangue o olhou, e não o conheceu. Lavou ele o rosto e as mãos, e acabando disse:

— Ó fortuna, a que me podes mais chegar!

E assim se lançou, e chamando seu escudeiro:

— Dai-me cá este hábito de minha sepultura.

O escudeiro lho deu, dizendo:

— Senhor, não fazeis bem em tomar essa paixão agora sobre as feridas.

— Leixai-me morrer, disse Lamentor, pois não sei o que sua dona agora passa.

E ela que os olhos tinha nele, às palavras se afirmou também com o hábito que conheceu, se foi rijo a ele, dizendo:

— Senhor, que feridas são estas? Quem vo-las deu na minha alma?

A esta palavra Lamentor virou o rosto com os olhos nela e o cuidado fora de tal cuidar. E com o prazer súpito se lhe soltou o sangue das feridas, e perdeu muito dele com a fala, que o coração e prazer fizeram tanto que ficou fora de si. Foram tantas as lágrimas que a formosa Belisa lançava sobre o rosto de Lamentor, que escusaram outra água para o tornarem.

Tornando Lamentor à senhora Belisa, vendo-o assim, acorreu logo ao muito sangue que ainda corria. E depois de tomado com lágrimas de muita dor e prazer de ambos juntamente, não aguardando ali mais, se foram. E já Lamentor não levava ferida perigosa.

Assim chegaram ao mosteiro que ela desejava. E Lamentor, que em nenhuma cousa queria enojar seu

pai, a pôs nele, e mandou logo recado a seu pai onde estava, e como. Enquanto Lamentor se curou, chegou seu pai de Belisa, que não soube da filha como Lamentor a trouxera, nem das feridas, que o não viam senão os moços que com ele vinham. Assim o soube o pai e a levou logo. Um dos moços do pescador levou todo o recado; e bem escolhia este, se lhe durara o bem, que é o que menos dura. Neste tempo em que Belisa esperava por seu pai, a ia ver Lamentor; da qual se espediu com assaz de paixão de ambos, por mais não poder fazer e ir forçado pelo carrego que tinha. Chegou onde leixara Tasbião com muito prazer de tudo acabar bem; e Tasbião se espediu de Lamentor que o leixou ir. E nós o leixaremos também, por dizer o que aconteceu a Fabudarão e a sua irmã.

CAPÍTULO XXX

Da determinação que Fabudarão tomou, depois que Belisa desapareceu do seu castelo.

Foi assim que passando muitos dias, correndo muita terra, desesperado, Fabudarão não quis tornar a seu castelo, se já não sabia algum recado do que buscava, que sem ele não queria ir a nenhuma parte de descanso. E mandou um seu escudeiro ao saber, e veio sem o que ele tanto desejava. Então se tornou, já com determinação de não tornar nunca a ver aquela terra. Assim o levava na vontade, ou lho dizia o que havia de ser. Lembrou-lhe o que já ouvira dizer que, em outras partes longe daquelas, havia um adivinhador. Logo determinou ser aquele o primeiro caminho, que esta diligência não quis ele que lhe ficasse, ainda que acerca dos homens não é de muita confiança. E em sua busca e dela tardou muito; porque fazendo o caminho pelo castelo de seu pai de Belisa, dela, nem dele houve recado. Como nas cousas muito desejadas haja muita desconfiança, cuidou que nunca a veria; e assim se foi onde nunca a dele houveram, se não as derradeiras novas.

E de muitas cousas que passou por donde andou, não vo-las saberei dizer, porque não são deste conto. E tornando ao que vos dizia da senhora Belisa e

do valente e muito esforçado cavaleiro Lamentor, diz que, o mais cedo e prestesmente que pôde, leixou e afastou o cuidado daquela fronteira, porque o da formosa Belisa o não leixava seguro doutro desastre do que pela ventura não saíra também. E veio-se ao lugar onde Belisa estava, que por este azo de visinhança se vieram eles a conhecer. Muitas vezes se via com ela naquela horta onde Fabudarão a tomara. Tomavam muito prazer; que isto tem o nojo, o prazer dobrado, quando vem tempo para o poder tomar.

E não se pôde encobrir ao velho de seu pai: e com a idade e paixão faleceu. Diz que antes, estando assim doente, escreveu a Lamentor a mágoa com que morria, como que lho culpava e lhe encomendava sua filha, porque já neste tempo Aónia ficava mor e muito formosa: de que muito o pai levava outro novo cuidado. E por ficarem já nesse amparo de Lamentor, não lhe pareceu que se podiam perder, que ele por sua nobreza já como sós as havia de amparar. O que Lamentor sentiu tanto, que se a diferença das pessoas não fora tanta, logo viera a tudo o que ela desejava, nem estava muito fora disso: e o leixou ao tempo, que por ele se fazem muitas cousas. Passando assim de contente, descontente, descansado, a formosa Belisa agastava-se ali onde seu pai falecera, topando sempre em cousas para chorar. Lamentor, receando disso algum perigo, e também por se arredar de seus parentes, veio a este lugar que digo, com determinação de fazer ali estes paços. Parece que a vontade desejava lugar saudoso e triste, para passar o que lhe aconteceu; que não tardou muito que Belisa pariu uma filha, que Deus quis que nascesse para

os apartar: que logo em nascendo sua mãe faleceu. Muito anojado Lamentor, pelo que queria a Belisa, estando em este lugar com Aónia e uma ama que a menina criava, passou muito tempo, do qual agora leixarei de contar, porque vos quero dizer o que passou Narbindel com Cruélcia, sua irmã, sobre seu grande amigo Tasbião, que muito havia que esperava.

CAPÍTULO XXXI

Da batalha que Fabudarão teve com o cavaleiro das águias sobre Fartásia, sua irmã.

Diz que a irmã de Cruélcia, que tanto tempo viu passar e que não vinha Tasbião, com muita saudade e minguando a esperança, crescia o amor. Enxergando-se muito nela, veio-o a saber Cruélcia, sua irmã. Contando-o a Narbindel, não cuidou ela que fosse para tanto como lhe depois saiu; daquela hora se começaram outras saudades de novo, e se tal parecera a Cruélcia, leixara a sua irmã passar sua dor antes que sua camanha soubera: e rogou a Narbindel que o fosse buscar. E logo após isto lhe chegou outra de arrependimento do que lhe tinha dito, e cuidou como o tornasse a deter, dizendo que, antes que partisse, ela queria mandar a casa de seu pai de Belisa, que já sabiam onde era: por-

---

A linguagem desta terceira parte, sem dúvida alguma de outro punho que o da primeira parte, é retorcida ao último grau, comparada com a prosa coeva, digna do nome, a começar por Fernão Lopes. O primeiro período deste Capítulo XXXI, restituído à sintaxe em curso, seria assim por exemplo: «Diz-se que a irmã de Cruélcia, à força de ver passar o tempo sem vir Tasbião, com muita saudade e minguada esperança se possuía de crescente amor.»

que ele como chegou com sua filha, logo mandou recado ao castelo de sua mãe de Cruélcia como Tasbião ficava são, e que cedo tornaria. E por lhe Narbindel fazer a vontade, ainda que muita a tinha naquele caminho, mandou um homem, que veio com as novas da morte de seu pai de Belisa, e como Lamentor se partiu com suas filhas sem saberem para donde, nem onde Tasbião estava.

Já Cruélcia quisera estorvar aquele caminho pondo diante quão duvidoso era; e não pôde. E assim partiu Narbindel, deixando mor saudade a Cruélcia do que ele levava, dizendo que, pois era por seu mandado, esperava de o achar, e tornar com ele para descanso deles. E com isto ficaram muito consolados, té que ambos perderam sua consolação. Assim determinou chegar ao castelo de Lamentor, e informando-se do que ia buscar, por lhe parecer que podia ser dissimulado o que lhe disseram por parte de Cruélcia.

E leixemo-lo ir por seu caminho, e dir-vos-ei de Fabudarão onde o trouxe seu cuidado. Cá parece que se vinham todos ajuntar em uma terra, ou lugar, que o cavaleiro das águias que a irmã de Fabudarão tinha. Nesta terra vivia uma irmã, que pela ter mais à sua vontade sem arreceios de Fabudarão, assim por esta terra ser, como vedes, viçosa e abastada, trouxe a folgar alguns dias aqui, ou pela ventura os traziam já seus fados, e por amor dela quis guardar esta ponte aos cavaleiros e mostrar como a mais namorasse: que o amor nunca se tem por seguro, quando é grande e sempre deseja fazer cousas e haver aquelas pessoas que muito quer, com que seguros possam descansar, e ainda não vivem descansados.

E assim guardando este passo, já tarde, estando o cavaleiro das águias com sua senhora contente do que por seu amor fazia assim armado, ao longo desta ribeira, ambos ao pé, por ser como vedes este lugar tão saudoso, de longe viram vir um cavaleiro armado contra a ponte, e ela lhe rogou que o leixasse passar, e aquele dia não tomasse mais trabalho. Já o cavaleiro das águias estava em o fazer, quando o outro chegou antre eles, esteve um pouco quedo, alevantando a vista do elmo, disse alto:

— Ó Deus, é verdade o que vejo nesta terra, tão longe de meu descanso tanto tempo?

E, por se afirmar no que lhe parecia, tirou o elmo, e apeando-se disse:

— Não sois vós, Fartásia, minha irmã?

Ela até ali o não conheceu por haver três anos que o não vira, nem o descanso a ele; assim o desconheceu, que não era muito não o conhecer ela, que não estava mudada de contente para a desconhecer. E pediu-lhe que se assentasse, e falariam em tudo o que ele quisesse; e isso se faria.

Diz que cuidou o cavaleiro das águias que Fabudarão perdera a má vontade que tinha, sabendo que era sua mulher: mas a sua dor (depois que foi certo que ela não sabia nada de Belisa) foi tal, crendo logo então que aquele cavaleiro fora causa de a ele perder, trazendo sua irmã. E assim, dando crédito à suspeita, pôs nele os olhos, e viu o contentamento em que estavam e a vida que ele levava tanto tempo havia, disse:

— Pois eu perdi meu descanso quiçá por vossa causa, agora perdereis o vosso.

E, pondo o elmo, o cavaleiro das águias pôs também o seu. Fabudarão não curou dele, indo para

matar a irmã com maior ódio que ao cavaleiro, como é natural da ira, quando nasce antre parentes, sugiga mais a razão que com os estranhos. Mas o cavaleiro das águias se lhe pôs diante (quando o assim viu) para guardar de sua senhora, que bem se podia aqui dizer que pelejava o amor com a ira; o que vendo Fabudarão, que levava a espada alta, deu ao cavaleiro das águias por cima do elmo, que a cabeça lhe pôs nos peitos, com a grande ira e força, que tinha; mas o cavaleiro, ainda que não tinha tanta, era mais manhoso; no esforço não lhe levava Fabudarão a vantagem: deu-lhe, assim baixo como estava, numa perna, que malamente o feriu. E Fabudarão, antes que o cavaleiro das águias tornasse em si, lhe deu outra na cabeça, e resvalando a espada, o feriu mal em um hombro esquerdo, que mal se ajudava do escudo. E Fabudarão também da perna não andava tanto à sua vontade.

Fartásia olhava a todas partes se via alguém que os pudesse apartar; esteve em se meter no meio, mas sabia ela que estremaria a vontade de Fabudarão, mas não ao cavaleiro das águias. Assim andavam em sua batalha tão cobertos de sangue, que mal pareciam as armas. Diz que quando ela assim viu duas cousas que mais queria, disse:

— Cavaleiros, por amor de mim que me ouçais, que eu vos darei remédio com que leixeis vossa batalha sem desonra e morte de ambos.

Eles já cansados arredaram-se, e ela lhes disse:

— Cavaleiros, a batalha que fazeis, um por me tirar a vida, outro por ma defender, me parece que a morte de ambos não se pode escusar, e também a minha: pois fazei assim, quem em tudo foi o come-

ço seja o meio entre vós; melhor é acabar uma vida que três.

E pôs-se de giolhos ante o cavaleiro das águias, dizendo:

— Senhor cavaleiro, a vós peço eu que consintais isto, que em meu irmão vejo que não haverá nisto rogo.

Estas palavras eram com tantas lágrimas, que o cavaleiro das águias morrera se a não houvera de defender: mas o medo da morte dela lhe fazia não sentir a sua dor, e disse:

— Senhora, se me vós quereis matar, ou que vosso irmão me mate, isto consentirei eu; mas a vossa vida não troco eu por nenhuma, que perdê-la, em vos defender, a ganho eu; pois nos cavaleiros é ela obrigada ao serviço de qualquer estranha donzela, quanto mais...

A estas palavras se ergueu rijo Fabudarão, sem o comoverem as lágrimas da irmã a nenhuma piedade, antes mor dor lhe fazia do descanso que perdera, que, como os visse assim estar chorando, quem lhe não fora nada lhe perdoara tudo.

O cavaleiro das águias que os olhos tinha nele, por segurar sua senhora, se pôs diante sem falarem-se, porque já a hora era chegada. Andaram grande pedaço até que Fabudarão, não se podendo ter na perna com muito sangue que perdeu, caiu. O cavaleiro das águias não quis ir sobre ele: mas virando-se para sua senhora que as costas tinha para ela, guardando-a sempre, se pôs de giolhos, dizendo:

— Senhora, perdoai-me que pela minha vida não tomara armas contra vosso irmão, mas a vossa que eu mais...

E em querendo dizer mais, mal acabando, assim

de giolhos como estava, caiu para trás. A sem ventura Fartásia, que assim viu as duas cousas que mais queria, começou a rasgar os toucados, e não podendo suster as lágrimas caiu também entre eles. Mas vendo a triste Fartásia o muito perigo em que todos estavam, esforçando-os o melhor que pôde, apertando-lhes suas feridas, que muitas eram em demasia, e de que muito sangue lhes saía, os consolava mui amorosamente. E vendo-os tornar em si, ordenou levá-los à tenda de Florbam (que assim havia nome o marido de Fartásia) que perto estava, onde os ela curava mui amorosamente.

Leixá-los-emos, porém, agora ficar assim, e dir-vos-ei de Romabisa.

CAPÍTULO XXXII

Que torna a dar conta do que passou Bimnarder depois que viu ir Aónia em poder de seu marido Orfileno.

Tomando a ribeira deste rio arriba, tanto andou sem descansar que de cansado se sentou ao pé de um grande penedo coberto de árvores por cima, do qual corria um grande cano de água. E chegando-se para beber (que comer não o fizera naquele dia, que passado era) esteve grande parte da noite cuidando como Aónia fizera camanha mudança em tempo que lhe parecia não havia cousa que a mudasse. Ali lhe correu pela memória como ele se mudara do amor de Cruélcia sendo homem; que não era muito mudar-se Aónia sendo mulher; e não podendo consigo acabar de a culpar, cuidando que o faria por força, e doutro cabo lembrando-lhe como passara sem olhar para onde sabia que ele soía dandar, não sabia que dizer. Assim esteve um grande pedaço, ora culpando-a, ora assim sem se poder determinar: amor e desamor o tinham em meio. Desejava saber a verdade receando o que cuidava: que este nas cousas de extremos, antes de sabidas, dá muita fadiga.

CAPÍTULO XXXIII

De como Bimnarder, ocupado do sono, sonha que um leão matava Aónia, e se via com êle em batalha.

Algumas vezes esteve para se matar, e por de todo se não perder, obrou o que estava certo, pagando por ambos com tantas lágrimas, que tantas de seus olhos corriam que o cegavam, até que com fadiga (como no pezar está certo) adormeceu. E sonhava que se via em um campo fermoso a par de uma água que corria, assentado à sombra de uma árvore, e para si vir a senhora Aónia bradando que lhe acorresse dum grande leão que a queria matar, e ele erguendo-se contra o leão com o cajado na mão. O leão chegava primeiro a Aónia e lhe lançava uma mão pelas costas, que já estando abraçada com ele dizia ela a derradeira palavra:

— Já me a fortuna não pode fazer tanto mal, que mor bem me não faça em me dar a morte neste lugar.

E Bimnarder não podia dar ao leão com o cajado à sua vontade, pelo impedimento que lhe fazia Aónia. Contudo, fracamente lhe dava uma pancada na cabeça: e o leão com a dor o atravessava com suas unhas. E Bimnarder com a pressa de se guardar, parecendo-lhe que ambos morriam, acor-

dou, e tão cansado que um pedaço esteve sem em mais entender que tomar fôlego. E já que em si tornou, se pôs novamente a cuidar em o sonho, e quão longe era de ser assim, pois ela estava fora de seu poder e cuidado.

CAPÍTULO XXXIV

De como estando Bimnarder cuidando em seu remédio, veio aí ter um ermitão.

Assim revolvendo mil cousas pela fantasia, que todas mais triste o faziam, se ergueu já quase manhã, e não sabia que fazer, se tornar a saber de Enis como passara aquilo, para ver se seu mal tinha remédio. Doutra parte duvidava dele, vendo o que passara. Assim posto antre estes extremos, já que se abaixava para tomar o cajado, sentiu pelas suas costas um grande ruído de pedras que lhe vieram dar nos pés, e após elas um ermitão muito velho, que com ele se encontrou, com um barril de couro. E da pancada caíram ambos. Espantado Bimnarder de tal sobressalto (ainda que para ele não havia cousa que espanto lhe pusesse, tão fora de seu juízo estava) se ergueram ambos. E perguntando ao ermitão que buscava por lugar tão ermo e fora de caminho.

— Busco, disse o ermitão, desta água, sem a qual mal se pode sustentar a vida.

— Essa daria eu por agora por tão pouca cousa, disse Bimnarder, como a que vós buscais: e que a perdesse da maneira que pouco há sonhava, por me ver contente e vingado, folgaria.

— Ainda que sonhos sejam vaidades, disse o er-

mitão, bem queria saber o que aí tiraríeis em se cumprir: que às vezes a paixão cega o juízo para que haja homem por bem o mal; que eu, segundo em vós vejo, não me parece que dela estais livre.

— Primeiro que vo-lo eu diga, disse Bimnarder, quero que me digais, se quiserdes, quem sois e como por tal maneira viestes, que já sei que morais perto, pois de tanta idade e tão cedo aqui vindes por água.

— Tudo, ainda que fosse muito, disse o ermitão, vos direi. Sabereis que eu fui já cavaleiro em o tempo que menos não parecia no mundo em minhas obras e pessoa do que agora vós para isso pareceis, posto que em outros trajos venhais: que a virtude e riqueza onde estão não se escondem. E por amor de uma mulher a que não quis mal, cuidando ela que mo fazia, vim ter a esta vida que eu, louvores a Deus, tenho por bem empregada.

As quais palavras não foram bem pronunciadas, quando Bimnarder, com um desmaio como mortal na cor e no fôlego, disse:

— Que foi de mim? (E não podendo mais falar, deu consigo no chão).

O ermitão, que assim o viu, ficou mui cortado, e tomando da água lhe deitou tanta pelo rosto que, daí a pouco, abrindo os olhos, houve de tornar em si, mal tornado. E disse:

— Os cuidados alheios, em se contarem a quem tem outros, descansam; e a mim, pelo contrário.

E tornando a falar ao ermitão lhe disse:

— Senhor, peço-vos que me acabeis de contar o começado: e não vos faça envés o que vistes, que não é novo para mim.

O ermitão lhe disse:

— Pois assim o quereis, sabei que por esta causa me recolhi a uma ermida, que aqui perto tenho, aonde vivo, em a qual com um meu sobrinho que de pequeno criei, não tendo mais companhia, conformando-me com a vontade de Deus, que bem sei que esta é a fim de todas, passo esta miserável vida, que nela não há outro contentamento: e assim nos governamos ambos com as esmolas de algumas pessoas, que de arredor moram e nos sustemos de suas esmolas; e em especial com as de um nobre cavaleiro, que Lamentor se chama, que ribeira deste rio mora em uns paços que ora aí fez, que acaso aí veio ter, por se apartar das gentes, com uma nobre e formosa senhora que trazia, que aqui lhe morreu: à qual queria tanto bem em sua vida, que na sua morte o mostrou, por nunca o verem menos de triste; e a enterrou nesta ermida (onde estou), de Nossa Senhora, até a tresladar à capela dos paços que faz; o que certo nele é bem empregado, pelo que dizem que lhe ela quis até morte, que em poucas dura.

CAPÍTULO XXXV

Do que Bimnarder mais passou com o ermitão, e da conta que lhe de si dá.

A estas palavras que o ermitão dizia, Bimnarder estava tão cuidoso em como tantas cousas para o magoar se ajuntavam, que não sabia responder nem chorar, nem nenhuma mudança fez de tirar os olhos do chão. Parecendo ao ermitão que o fazia por dar lugar à sua fala, acabou dizendo:

— Por me minguar água, vim por ela; e sendo em cima desta barreira para descer, vi de súpito sair um lobo grande de uma mouta, dantre os meus pés (que parece jazia dormindo). E eu, com medo por me guardar, não pude leixar de cair por aqui abaixo. E vão após ele dois cães, grandes como de filhar, que tem meu sobrinho, com que passa seu tempo. E isto é o que vos sei dizer.

Já a este tempo Bimnarder em si tornado, cuidando um pouco, como quase cuidando se seria bem descobrir-se ao ermitão, porque fazendo-o, podia ser amigo de Lamentor, dar-lhe-ia conta do que era passado com Aónia, e que a teria em má posse, e ele a ofenderia. E doutro cabo, porque lhe prome-

---

12. Como cães de fila.

tera de lho dizer, e não lho dizendo daria alguma suspeita de tomar aviso de sua fala, determinou fazê-lo pela mais encoberta maneira que pudesse, e disse:

— Sabei como em confissão que por minha desaventura vim a ver uma donzela formosa, que não muito longe daqui mora, ainda que o de mim esteja. Parece-me que dando-me de todo a ela, também se me deu. E por melhor passar a vida com dissimulação me mudei nestes trajos, que o lugar não sofria mais. Assim passei algum tempo, contente e descontente, até que hoje, indo eu bem fora de tal cuidar para a ver, a vi por meu mal em poder doutrem, tão leda como se eu nunca fora nascido no mundo, de que agora faço pouca conta.

A esta palavra deu Bimnarder um suspiro tão cansado, que de dentro do coração lhe saía, acompanhado com camanha quantidade de lágrimas e soluços, que ao velho ermitão houveram de ter de si quase por companheiro. Mas assossegado que foi, e tornado à fala, disse:

— E eu com esta mágoa, vendo-me sem remédio, que este não espero já de ter, assentando-me adormeci. E mal dormindo, sonhava que me via em um campo assentado onde ela estava: que mui rijo bradava por mim que lhe acudisse a um leão que a queria matar; e querendo-a eu salvar condenava a mim. E já fora verdade e saíra-me melhor, porque em mim o mal é tão acostumado que quase no corpo não faz envés em comparação do que sente a alma; contudo me pareceu que, enfim, tudo houve fim ali naquele prado, inda mal que o não foi para que agora me não ficara este sentimento, que quer da sombra de suas cousas tenha tanta má-

goa como tenho. Eu cuido que tudo é juízo de Deus, porque me dou tanto a elas, que qualquer cousa sua me aperta tanto como vedes, pois algum conhecimento tivestes deste mal, que sempre fica fístula dele nos ossos. Bem sei que daqui se pode esperar algum castigo, porém que farei?

— Por isso, filho, deveis dar graças a Deus em vos chegar a tal conhecimento e apartar de vós esse pensamento de pessoa que o está de vós, certo que se vós olhardes quão mudáveis são as mulheres, tereis pouco de que vos agravar. E nessa tal o podereis bem ver, pois que querendo-lhe vós tanto bem, sendo o primeiro, que tão certo é, ela, mal olhando isso, não quis crer e tomar vosso amor que tanto vale, errando em um e no outro, vá ao buscar se o achar, o que poucas vezes acontece.

— Que tudo isso assim seja, disse Bimnarder, não lhe posso negar que é seu, pois como digo não é razão.

— Já vejo, disse o ermitão, que debalde trabalha quem dessa vontade vos quiser tirar: porém seja para que não façais o que de tal pessoa se não espera; e a fantasia do leão não vos pareça nada, pois o é em ser sonho. E também a mim me parece que se cumpriu em vós com o lobo, que já a queda pudera ser tal que matara a ambos.

E ainda que o velho ermitão isto dizia para o desviar do pensamento, não lhe leixou de ficar nele que algum mistério seria.

CAPÍTULO XXXVI

De como Bimnarder escolheu para seu remédio a companhia do ermitão.

Alguma cousa desagastaram a Bimnarder as palavras do ermitão. Vendo que seu sonho com ele tinha alguma cor, lhe disse:

— Já vejo que meu mal não quer ter cabo, tendo tantos começos para isso desvairados; bem sei que guarda para que mais me doa, o que não pode ser.

— Nos vos enganeis, disse o ermitão, que nas maiores pressas é Deus: tende vós nele esperança, que eu fico que vos não arrependais; que ele, para mostrar seu poder, faz as cousas ao parecer sem remédio e dá-lho.

— Esse não vejo eu, nem como seja, disse Bimnarder: e ainda que o haja por tempo, esse é o que me falta e o que eu avorreço.

— Dizei vós o que quiserdes, disse o ermitão, que eu al creio: porém quero saber, que haveis de fazer de vós agora?

— Faço de mim tão pouca conta, disse Bimnarder, que me não sei determinar, nem cuido nisso, que o que eu queria é acabar esta má vida.

A estas palavras pôs os olhos no chão tão cansados com o espírito, caindo-lhe por eles, sem o ele sentir, umas lágrimas raras, camanhas, que no chão

onde davam se faziam sentir. E o velho ermitão (que os seus tinha postos nele) parecendo-lhe que se o leixasse que faria de si algum mau recado com que perdesse a alma, quis ver se lha poderia guardar e disse:

— Pois em vós não há lugar certo onde vades, neste podereis estar comigo. Muito refrigério tomaria em o fazerdes. E pode ser que, vindo-vos o bem, vos ache mais perto; porque alguém vos veria vir que vos venha buscar. E passareis o tempo no que eu e meu sobrinho passamos.

Bimnarder cuidando no lugar e apartamento dele, e como Deus para sua salvação lhe dera acerto com aquele ermitão, ainda que também receasse vir ali ter Lamentor e conhecê-lo (mas bem lhe pareceu que se encobriria de maneira que o não conhecesse) assentou de ficar ali por então, e não para que ele fizesse conta de poder ser o que lhe dizia, mas para que neste tempo por alguma via pudesse saber ao certo do negócio, que ainda que ele a viu pelo olho, não podia acabar de culpar Aónia, pelo que lhe queria, e que já não poderia ser mais nela; ou sendo, tomar o que a ventura ordenasse. E assim tomando água e cães, que já eram tornados à maneira de encarniçados, como que alcançaram a preia, se foram para a ermida que perto estava, debaixo de umas grandes árvores e formosas, de tão saudosas sombras, que para o cuidado de Bimnarder era o que ele buscava. E não tardou muito que veio o sobrinho do ermitão (que mancebo era) o qual vendo a Bimnarder, e sabendo de seu tio a sua vinda, trabalhou quanto pôde por o tirar de cuidado com algum desenfadamento de caça e pescaria; o que Bimnarder fazia, mais pelo contentar,

que por levar gosto. Onde entrando Bimnarder na ermida, que o mais do tempo andava fora às sombras daqueles arvoredos, pondo os olhos pela casa, viu estar em um esvão de uma abóbeda bem lavrada uma tumba coberta com um pano de veludo negro, e uma cruz de cetim branco em cima do quarto degrau (que té o chão cobria) diante de um devoto retávolo. E indo para lá, lembrando-lhe que era a sepultura da formosa Belisa, que tão certa fora sempre em sua fé que com Lamentor pôs, e tão encontrada de sua irmã, não merecendo ele menos por pessoa e serviço, tomou-lhe tanta dor, que caiu de bruços em cima. E assim esteve passante de uma hora sem o ver o ermitão, nem seu sobrinho, que andavam cortando lenha. Até que, já em si tornando, disse:

— Não faltava para de todo me magoar, senão ver eu aquela que tanta fé teve com quem devia: seja que pois meu cuidado foi grande, seja grande a pena. Porém, senhora Aónia, devera-vos de lembrar que éreis irmã desta que está morta, que eu por viva tenho, para que em vosso coração não coubera tal cuidado; e se a mim (por outro que melhor vos merecia) leixais, bem fora não ser de todo que quando vos não merecera por marido, fora para o que de mim quiséreis ordenar; e eu não perdera o nome que duas vezes perdi; e vós não cobráreis o que deveis ter por me matar sem causa. Mas seja como vós quiserdes, que por qualquer via que seja, eu sou tão contente; senão que para mais me matardes me pusestes neste extremo de não saber determinar se vos sirvo com a morte ou com a vida.

CAPÍTULO XXXVII

De como Bimnarder se saiu da capela de Belisa, e se foi deitar debaixo de uns arvoredos que perto estavam.

Assim esteve Bimnarder falando só, como se tivera diante quem lhe respondera. E depois dum grande pedaço que já começava de falar e chorar, alimpando os olhos com a manga da camisa, que lhe ela dera, que como relíquia de sua vitória e memória trazia, se saiu, e ao pé de uma árvore se deitou cansado. Dormindo esteve sonhando mil desvairos e fantasias, que o não leixavam repousar, quando o chamou o ermitão para cearem; o que fez com grande importunação, que ali não se comia mais que uma vez no dia, tarde; e ele não quisera nenhuma.

CAPÍTULO XXXVIII

De como andando Godivo à caça, veio ter com Bimnarder à sombra daqueles arvoredos da ermida, onde era a sepultura de Belisa.

Passou aquele dia com outros muitos em suas mágoas, renovadas cada vez na lembrança do que passou e do que tinha presente, que era a sepultura de Belisa, e a manga da camisa que esperava ser a sua, até que um dia, saindo o sobrinho do ermitão à caça com os cães e besta, não andaram um tiro dela, quando Godivo (que assim se chamava o sobrinho do ermitão) viu em cima de uma árvore estar um ninho de rola, e ela em cima sobre seus ovos. E junto estava o macho sobre um ramo, que Godivo matou à besta. E, levando-o, foram ter a sua caça. E não andaram muito que com os cães (que avezados eram) não tomassem muita; do que o velho ermitão levou mais contentamento do que soía, parecendo-lhe que com isto folgaria Bimnarder. Mas era pelo contrário que o que aos outros dava prazer fazia a ele mais triste, como a todos os tristes acaece.

CAPÍTULO XXXIX

Do que passou Bimnarder na contemplação daqueles rouxinóis.

Saiu um dia, passeando com seu cajado, cuidoso, correndo-lhe pela memória seu verdadeiro amigo Tasbião, que ainda que seu cuidado fosse grande, não tirava a memória do que não se devia esquecer. Assim foi, até que por acerto foi ter ao pé da árvore onde Godivo matara a rola, sobre a qual viu estar em um ramo seco a fêmea que ficara encolhida e arrepiada e gemendo de quando em quando. E olhando para o chão viu jazer os ovos (que três eram) quebrados com três filhos mortos. Parece que a dor do pai deu a morte aos filhos.

Estando assim Bimnarder olhando, viu que de longe vieram dois rouxinóis a se pôr naquela árvore. E tanto que se puseram começaram a fazer uma melodia de canto mui suave, o que vendo a rola se levantou rijo e mui longe dali se foi pôr em um cabeço sobre um penedo, dando uns atitos fora do seu costume, concertando com uns de um mocho que àquele cabo soava, que os sentidos de Bimnarder (que já assentado estava) eram tão discordes que não sabia se os ocupasse no pesar de uns ou na alegria de outros; sendo tudo para mais acrescentar sua dor, tanto que mil vezes se trans-

portava. E não lhe lembrando de se ir nem por donde viera, nem o que fazia, pôs os cotovelos no chão e as mãos nas faces, como de bruços; e esteve um camanho pedaço sem o sentir, que tinha feito uma grande poça de água entre os braços. E estando assim, sentiu uma traquinada entre as ramas e, olhando, viu vir um grande urso, que após dum bezerro (que de algumas vacas se apartaria, que muitas por aquele lugar andavam) vinha chegando perto donde Bimnarder estava. E, sentindo que se erguia, largou o bezerro, (que se foi à sua ventura) e tornou para Bimnarder, o qual com seu cajado na mão se foi para ele: e o urso remeteu a ele para o colher entre os braços. Bimnarder, que assim o viu vir furioso, dise:

— Não me valha Deus se nós ambos levamos esta glória: tu em me matar e eu em morrer a tuas mãos, que doutro cabo me há-de vir ela de que eu seja mais contente e Aónia vingada do que lhe não fiz, ou com mais razão Cruélcia.

E tomando o cajado com ambas as mãos, deu ao urso, que a ele vinha com as mãos altas, tal pancada antre as orelhas que, dando um grande urro, caiu no chão. Ao qual veio o ermitão (que perto era a ermida) e alguma cousa suspeitou ser por achar menos Bimnarder. E chegando ali, foi a tempo que já Bimnarder o tinha degolado com um manchil, que sempre consigo trazia, e estava assentado a par dele. E o ermitão se pôs a par dele a espreitar o que fazia, tão espantado da fereza do urso como ledo de tão bem suceder a Bimnarder na batalha. E Bimnarder estava assim mesmo cuidando em sua ventura, como lhe era favorável em lhe dar a fim, pela maneira que ele esperava.

CAPÍTULO XL

De como por um certo caso se quisera Bimnarder matar, se não fosse socorrido pelo ermitão.

Quando tornou a pôr o sentido nas aves, achou que não eram já ali, que com o que passou com o urso se espantaram. E não tardou muito que veio a rola a se pôr no chão, onde ele primeiro estivera deitado, e andar por cima dos filhos, que mortos jaziam. E por acerto foi ter com a água que estava no chão, que dos olhos de Bimnarder saíra e, bolindo-a com os pés, começou de beber.

Quando Bimnarder viu o mistério desta ave, e como sentia sua dor (que mais não podia fazer uma criatura que humana fosse) correu pela memória quão diferente era seu cuidado daquele, que era como de branco a preto: pois comia e bebia do que lhe davam, sem aquelas cerimónias; buscando sombras e lugares saudosos; o que a ave não fazia, antes tomava toda a má vida que podia para acabar. Foi camanha sua dor com o mais que cuidou, que lhe veio um súpito para se matar e disse:

— Já eu não poderei sofrer que mais viva em meu desgosto, pois tudo é para me magoar, as mãos me darão a paga do que os olhos fizeram.

E lançando uma do manchil para se matar, o ermitão, que perto estava, lhe acudiu, dizendo:

— Não queira Deus que tal seja, que para outra cousa vos criou ele.

Quando Bimnarder viu que seu propósito não tinha fim, para que seus males o tivessem, disse:

— Padre, que farei a este mal que não quer acabar comigo?

— Não digais isso, disse o ermitão, que quem Deus dotou de tal virtude, não no fez para que se perdesse. Fazei por vos tirar deste cuidado, e se o aborrecerdes, ele se enfadará.

— Isso não está em mim, disse Bimnarder, que o tenho tão arreigado dentro, ou a quem mo dá, que para isso me queria matar para mo tirarem.

— Não me pareceu, disse o ermitão, que além do cuidado vos transportásseis para dizer desvarios. Vamos para casa, que Deus será convosco.

Assim se foram. E, dali por diante, o ermitão e Godivo o não leixavam por se não matar, o qual não tinha outro refrigério senão em ver as cousas daquela triste ave que seu pranto fazia, sendo ele bom companheiro. E assim passava sua dor com a sua sepultura e manga. E o ermitão tomou o urso, e o esfolou e encheu de feno para estar ali. Desta maneira passava Bimnarder suas tristezas. Onde o leixaremos, por contar do que aconteceu a Cruélcia com sua irmã.

CAPÍTULO XLI

De como a donzela pede muito à dona que queira prosseguir em sua história, e do mais que Cruélcia passou com Romabisa, sua irmã, sobre seus amores.

A este tempo haveria uma hora que, ou de cansada ou de algumas lembranças, esteve a honrada dona calada quando a formosa donzela, pondo os olhos nela com lágrimas piedosas, disse:

— Senhora, ainda que sei que de seu conto leva paixão, mercê me fará, pois me já pôs neste desejo, de o acabar, que em todas as cousas é desejada a fim.

A honrada dona, segura e cortêsmente a estas palavras, tornou:

— Bem vejo, senhora, que não seria razão leixar-vos assim. Mas este caso é camanho que há mister o descanso que nele inda agora não sinto. E pois nisto me ajudais, acabá-lo-ei mais asinha. Tornando ao que vos disse, com quanta tristeza Bimnarder ficara. Agora sabei que as duas irmãs do castelo, Cruélcia e Romabisa (que assim se chamava a outra) depois de partido Bimnarder de seu amigo Tasbião como lho rogara (de que Cruélcia foi tão arrependida) estiveram por ele algum tempo com tanta saudade que nunca a fim mais fez que

esperança que lhe depois deu a morte. E um dia, estando assim ambas tão agastadas, chegou o escudeiro de Narbindel com o recado de seu senhor, que não achava o por que fora, que visse o que mandava que fizesse. E Cruélcia, com grande pressa que lhe o coração já dava que o não acharia, mandou a Narbindel que logo se tornasse, que Tasbião era homem mancebo que não leixava cuidado nem o levava para tornar, senão quando ele quisesse. E para isso era melhor esperá-lo onde o leixou, que buscá-lo para se não achar um ao outro. Isto tudo foi sem o saber Romabisa, porque não atalhasse seu propósito, que o amor não quer proveito alheio, quando cuida que pode aventurar o seu.

CAPÍTULO XLII

Como se partiu o escudeiro por mandado de sua senhora em busca de Narbindel, e da partida de Romabisa na demanda de Tasbião.

Partido assim o escudeiro e tornando ao castelo onde cuidava achar Narbindel, andou em sua busca com muito trabalho perdido. Parecendo-lhe que alguma aventura o levava, se tornou para sua senhora que, sabendo este mau recado, fez muitos extremos com paixão, cuidando mil perigos, que o amor apresenta aos que bem querem. Mas Romabisa, sua irmã, que soube de ambas as vindas do escudeiro, sem recado de Narbindel, em que ela tinha alguma esperança, a perdeu de todo. E como não tinha em sua dor quem a aconselhasse, senão o grande amor que a Tasbião tinha, com ele e consigo esteve cuidando em seu remédio. E por perdido tomou o que lhe melhor saiu: que um dia antemanhã, estando sua mãe ocupada em cousas de casa, desconhecida se pôs em um palafrém, encomendando-se à ventura para que achasse Tasbião, onde indo por seu caminho o que nele passou se dirá adiante. E tornar-vos-ei a dizer de Cruélcia e de sua mãe, que com sua ida ficaram tristes e magoadas, pondo toda a diligência para a acharem. E não vendo remédio, fizeram seu pranto tão triste, como cousa que tanto doía.

CAPÍTULO XLIII

Do que Cruélcia fez pela partida da sua irmã, e de como tornou a mandar o escudeiro em busca de Narbindel.

Cruélcia, que viu o extremo que sua irmã por Tasbião fazia, não tendo ainda dele mais que a primeira vontade que lhe nunca descobrira, espantava-se de si como o não fizera primeiro; e doutro cabo confiava no amor de Narbindel, pelo que lhe ela tinha que a viria buscar. E assim ao longe a susteve a esperança, e tornou a mandar outra vez e outras o escudeiro ao castelo, e que tratasse, quanto nele fosse, por saber recado de Narbindel. Este foi o tempo que ele passou em pastor, chamando-se Bimnarder, guardando vacas ao longo desta ribeira, e daqui viu ele ir a senhora Aónia entregue a outro, quando se ele foi desesperado, como vos já contei.

CAPÍTULO XLIV

Como andando o escudeiro buscando seu senhor, encontrou com Enis, criada de Aónia, e do que ambos passaram.

Andando assim o escudeiro, a quantos achava perguntava, dando sinais por onde o conheciam, até que chegando-se já a hora, foi ter com Enis, que de casa de Lamentor saía; e dando-lhe a sombra como que a vira já, perguntou-lhe se sabia que a casa de Lamentor viesse algum recado de Narbindel ou de Tasbião, que ambos havia muito que buscava. Enis, cuidando que o escudeiro falava mais certo, disse:

— De Tasbião o não soube eu nunca; mas de Bimnarder soube eu já, e agora o não sei; tudo com muita fadiga doutrem e minha; que ambas deu, depois que aquele dia (que agora tantos há) saiu da tenda.

O escudeiro que era muito avisado, vendo que tanto tempo era passado sem novas de Narbindel, e que aquelas que lhe dava aquela mulher fazendo caso daquele dia, em que o ele também vira cuidoso, logo creu que por ela estava encoberto e onde o poderiam achar. E com isto correu junto pela fantasia e disse:

— Que fadiga podia ele dar a ninguém, que nunca fez mal senão a si?

— Ao menos nesta sua ida, disse Enis, foi com tão má razão, que me pesa de o assim sentir quem lho não merece, que Aónia não teve culpa, antes lhe deve mais pelo que fez.

Isto disse ela, porque o escudeiro dissera que assim fazia mal, parecendo-lhe que sabia parte do segredo de seu senhor. E quando o escudeiro isto ouviu, esteve afirmando sua suspeita, e veio-lhe à memória uma irmã de Belisa, que Lamentor tinha em casa, donzela muito formosa. E afirmou-se mais pelo nome, e nas palavras que com Enis passava. Quis dissimuladamente tirar o caso em que ela falava, tão segura pelo que cria dele, em o ver continuar a falar em cousa tão secreta, que ela não cuidava que era acerto. Mas crendo que sabia ele tudo, disse:

— Se vós vindes ou sabeis de Bimnarder, porque perguntais por ele? Eu o quisera ver para o culpar com a culpa que ele cuida que outrem tem.

O escudeiro que já outra vez vira nomear Bimnarder, não sendo aquele seu nome, fê-lo duvidar se não a vira falar tão certo no passado. E à primeira, porque o nome parecia todo um, cuidou que errava, e depois cuidou que ele o mudara como mudou o amor, e todavia, tomando o mesmo nome, porque ela não tomasse suspeita, disse:

— Que menos quereis vós que Bimnarder fizesse neste caso, que é tanto para sentir que não sei que desculpa me vós deis?

— Dou-vos, disse Enis, que se ela contra sua vontade consentiu no casamento, era por parecer-lhe que assim viveria mais à sua vontade que em casa de Lamentor. E isto houvera ele de saber antes que de todo a culpara, nem se fizera desconhecido; que

certo ela passou e passa na sua desconfiança tão má vida como ele sabe que ela tem razão. E porém leixemos esta culpa para a eles determinarem, se nalgum tempo se virem; e dizei-me como vos apartastes de Bimnarder, que assim o buscais agora?

— Ainda ele aqui ficava, disse o escudeiro, quando me eu fui a um caso que me ele mandou, e agora o não acho.

— Isso vos creio eu, disse Enis, porque em toda esta terra não ficou pastor a quem eu não perguntasse assim de seus companheiros como doutros, e de nenhum soube mais que um só, que aqui estava com ele, quando levaram Aónia, que se ele foi por esta ribeira acima sem mais saber novas dele.

E com isto e com o mais que de Enis tomou, o escudeiro saiu em tudo o que neste caso de ambos podia ser, e ficou espantado de tão grande mudança, e disse:

— Agora que sei por donde foi, me quero ir a buscá-lo, ainda que duvido, pois nunca mais pareceu que o ache.

— Achareis, prazendo a Deus, disse Enis, e se o achardes, dizei-lhe a pouca culpa de que Aónia tem, e a vida que leva e vir-me-eis dar recado, para se dar ordem em sua vista.

— Assim o farei, disse ele.

CAPÍTULO XLV

De como Enis depois de se apartar do escudeiro deu conta a Aónia do que passaram.

E partindo-se Enis do escudeiro, se foi para Aónia e lhe disse quanto com ele passara. As lembranças de Bimnarder correram juntas a Aónia com tudo o que passara, e acendeu-se outra vez o fogo que debaixo da ausência estava encoberto, como brasa que arredada do lume se cobre de uma cinza como morta, que assoprada parece o fogo que debaixo está. Assim foi Aónia que tinha sua dor encoberta da ausência que lhe Enis tirou com as novas de Bimnarder que lhe deu o escudeiro, do qual vos contarei.

Partiu-se cuidando muitas vezes se tornaria ou se iria com tão mau recado à sua senhora. E por derradeiro assentou que melhor era dar-lhe o desengano que trazê-la toda sua vida assim: que, como seu, lhe parecia que era obrigado a dizer-lhe a verdade, ainda que muito o sentisse. Pareceu-lhe também que desenganada tomaria alguma vida. E assim chegou ante Cruélcia que, em o vendo, começou de tremer nas novas que em o rosto lhe conheceu, porque nele se conheciam. E o escudeiro que assim a viu não lho quisera dizer; mas mandado e rogado por ela, lhe contou quanto passara com Enis, e que nunca

achara outro recado nem era necessário, pois tão mal o fizera.

Camanho foi o súpito e dor de Cruélcia, quando ouviu a mudança de Narbindel, que se lhe cerrou o coração e sem responder nada perdeu a cor, e caiu fechando as mãos. E estava como morta, sem poder falar, nem tão pouco chorar; que parece isto ter o coração muito magoado, que na nova boa ou má de súpito se cerra, porque como seja membro principal, todos os outros membros acodem ali onde há mais necessidade. Assim esteve por grande pedaço até que veio sua mãe que, quando assim a viu, trabalhou por muitos meios de a tornar a si. Tornada que foi, já que as partes tomavam seu quinhão de paixão, deram lugar ao coração para dar um grande grito, tão apaixonado, que muita mágoa deu a quem no ouvia; e torcendo as mãos uma com outra, correndo-lhe de seus olhos sùpitamente as lágrimas, começou a dizer:

— Ah! Narbindel, que o que me a mim adivinhou o coração fizeste, e o que eu tanto desejava, não te podendo nunca disso estorvar, não sendo por quem me leixaste de mor merecimento!

Então calou, e lançando as mãos aos peitos, rompendo-se se pegou sobre a cama, dizendo:

— Ai, ai, coração!

Com a qual palavra ficou como finada, que nunca a mãe a pôde valer até que por morta a choraram. E lembrando-lhe a perda de Romabisa, disse:

— Ai, amor! Por velha cuidei que me leixariam tuas cousas, e delas me vejo mais apressada que ninguém.

E caiu doutro cabo.

CAPÍTULO XLVI

Dos grandes sobressaltos que teve Cruélcia e sua mãe das cousas que de Narbindel foram ouvindo.

Assim estiveram ambas esmorecidas até que a velha mãe tornou em si com o que lhe fizeram os que estavam em casa. E, tornada que foi, acudiu a sua filha (que disto tinha grande necessidade) e tanto trabalhou até que a acordou. E assentada em cima doutras almofadas, que as primeiras estavam que as torceriam de lágrimas, levantou as mãos e disse:

— Ó Bimnarder! Bimnarder! que não te poderei chamar o outro nome com que eras leal, senão o que com este perdeste e te mudaste queimando a ti e a mim em fogos de amor tão desvairados! Rogo a Deus que tu e por quem me leixaste neles sejais abrasados e nisto venha a morte, que a vida me será! Não sei como te enganaste, pois em mim tinha esta fé, que bem me disseram a mim que amor de homem estrangeiro, estrangeiras eram suas obras.

E com isto e com outras muitas cousas que fazia e dizia, passou Cruélcia aquele dia sem cansar, e assim a noite. Quando pela manhã chamando todas aquelas que a serviam, quando Narbindel com ela estava, lhes mandou que se fossem à sua ventura

(pagando-lhes sua mãe seus serviços) que ela não queria ver em casa cousas que dele lhe trouxessem lembrança. Com as quais se foi o escudeiro. E Cruélcia se meteu em um mosteiro de monjas de Santa Mónica, muito devoto, que duas léguas dali estava, onde vivendo tão tristemente esteve até que o escudeiro ali tornou.

CAPÍTULO XLVII

Como o escudeiro achou Bimnarder, e da batalha que ele e Godivo tiveram com os selvagens.

Do qual o conto diz que tanto andou por seu caminho até que chegou ao pé do freixo, que vedes ao pé da fonte, e assentando-se aí esteve um grande pedaço, cuidando o que faria. E determinou de ir por donde Enis lhe ensinara a saber se poderia achar Bimnarder ou recado dele, que, como era de sua criação, queria-lhe tanto que nenhum trabalho nem fortuna sentia em nada por o tirar a ele disto.

Tomando ribeira para cima, correu lugares e terras tanto até que desesperado não sabia que fazer. Mas já que a ventura de Bimnarder se vinha chegando, quis que o achasse para se acabar. E foi que indo um dia o escudeiro atravessando umas serras de grandes montes, que logo lhe deu n'alma, que para o cuidado de Bimnarder tal lugar havia de buscar, que ali se aviva ele muito.

Viu de cima antre uns vales muito compridos ir dois cães grandes, correndo trás um porco montês; e não correram eles muito que o não alcançaram na fralda de uma grande serra coberta de penedia, que de longe parecia inabitável, e aferrando nele o mataram. Não tardou muito que de uma cova que ao pé da serra, ao grunhir do porco, saiu um selvagem

muito grande, com uma bisarma nas mãos, camanha como dez palmos, os três de ferro e os sete de pau, tão bem enxerida que mal se podia tirar. E veio onde estava o porco, e tanto que a ele chegou, o começou de desfazer com aquela arma. Já que o tinha quase desfeito, ao fitar o rastro que os cães trouxeram, acudiram dois homens, um deles com um dardo e outro com um cajado, e, chegando onde estava o porco e achando o selvagem de posse, disse um deles:

— Homem de bem, esse porco é nosso, porque estes cães que o são, o mataram.

À quais palavras respondeu com um atito tão grande que estrugiu todo aquele vale, por onde em lugares furados andou a voz retumbando grão pedaço; o qual ouvindo-o, da mesma cova saiu outro selvagem com outra arma nas mãos como a do outro, que era macho e esta era fêmea. E, ajuntando-se a ele, se vieram com tão grande ímpeto para os dois homens, que Bimnarder e Godivo eram, os quais vendo sua determinação se puseram em defesa, com bem lhes pareceu que aquela gente se não contentaria com o porco. E Godivo afilou os cães que em um salto foram com os selvagens, que com as bisarmas altas vinham a dar nos homens. Bimnarder se pôs diante com o cajado alto, mostrando que queria aguardar a pancada, e um dos selvagens descargou nele. Bimnarder furtou o corpo, vendo descer o golpe, que deu no chão que todo o ferro nele meteu. Bimnarder, antes que ele levantasse a bisarma, lhe deu com o cajado em um braço tão grande pancada com ambas as mãos que a um dos selvagens fez em pedaços, o qual com a outra mão tirou com a bisarma por detrás um revés a um

dos cães que por uma perna o tinha, e o cão, por fugir, veio a cair no golpe do ferro, que lhe cortou todos os quatro pés cérceos sem ficar nada.

Já a este tempo vinha Bimnarder com outra pancada alta, e vendo-o o selvagem, não podendo erguer a sua bisarma, tão manhosamente lhe tirou a Bimnarder uma estocada, que lhe passou as pernas ambas pelas coxas, por ele estar de ilharga, com o golpe feito. E não pôde furtar o corpo, por estar no ar com o golpe que deu ao selvagem na cabeça, que sem nada estava, com que lha quebrou, e caiu sem ter poder de tirar a bisarma que nas pernas de Bimnarder ficou metida, que ele logo tirou. E, olhando para Godivo, viu que o outro selvagem estava com o dardo atravessado pela barriga, morto, e Godivo assentado com a dor de um braço em que o selvagem o feriu, que pouco lhe minguara de o perder. Mas parece que o primeiro tiro, que fez Godivo com o dardo, lhe deu por aquele lugar, e a ferida, que mortal era, fez desatinar o selvagem que lhe não deu em cheio, e por isso não feriu mais.

E, sentando-se Bimnarder a par dele, com o sangue muito que lhe saía pondo as mãos nas feridas. Nisto chegou seu escudeiro que na outra banda do vale estava escondido vendo a batalha. E, depois que a viu vencida pelos homens, se foi a eles e conhecendo Bimnarder se lançou a seus pés, chorando e dizendo:

— Não sei, senhor, que ventura é a vossa, que assim vos traz mudado de vossa vida, porque a tomais tão má sem causa, e a dais sem culpa a quem cuidais que a tem.

Bimnarder, que pôs os olhos nele, o conheceu espantado, mas de todo não creu aquelas palavras

por quem as ele dizia, mas tomando-as a outro fim, disse:

— Não fales agora nisso, ainda que me mais doa que minhas feridas, mas acode-me a elas, que quero guardar esta vida para ver o cabo de meu mal.

O escudeiro tomou o sangue com as mangas de sua camisa dele, e assim fez a Godivo, apertando-lhe as feridas o melhor que pôde, com muitas lágrimas de o ver assim mudado, como ele nunca cuidara. Punha os olhos nele, que lhe não podia também falar com dor do tempo passado, que o presente lhe trazia tôdalas lembranças do descanso que tivera. E, dissimulando esta dor como melhor pôde, disse:

— Como soubeste que estava eu aqui, ou para que me buscas?

O escudeiro lhe disse:

— A ventura me trouxe, que eu não o sabia, e cheguei a tempo que vi toda a batalha e ao brado do selvagem vi que acudiu outro de uma cova, que ali está, com uma criança, que ao depois tornou a meter dentro, e saiu com uma bisarma tão prestes como entrou. Esperei até ver o fim que vi em ambos, que de outra maneira não saíra, porque não cuidava que vós podíeis ser.

— Vai, disse Bimnarder, ver o que achas nessa cova e traz a criança, e depois saberás de mim e de minha ventura.

Entrou o escudeiro nela, onde viu tanta diversidade de peles de alimárias, que era cousa para muito espantar. Nela viu jazer a criança e, tomando-a, se saiu fora para Bimnarder, que só com o cão estava, que Godivo era ido à ermida dizer a seu

tio que viesse por Bimnarder com seu asninho, que com as feridas das pernas não podia andar. Quando ele viu a criança, ficou espantado, dizendo:

— Se fora em outro tempo, eu te criara para ver se o costume mudava a natureza; mas quem não tem vida a ninguém a pode dar.

— Isso não creio eu, disse o escudeiro, que vós credes de Aónia; e pois vos dela hei-de dar novas, e hei-de leixar as que vós leixastes, sabei que está tão desejosa de vos ver e com tão pouca culpa da força que lhe fizeram, que culpáreis a vós se soubésseis com quão pouca razão a leixastes.

— De muitas cousas, disse Bimnarder, era necessário falar, agora quero calá-las, porque te apartei de mim; e de mim te digo que nem de uma nem de outra te sei dar razão. Vim com a ventura que vieste e saí na que me a mim estava ordenada. Não me peças razão porque a não tenho, nem juízo para me julgar. Mas pois alguma sabes de minha senhora Aónia, diz-me tudo o que sabes, pois que se não pôde encobrir de ti ao princípio, assim seja agora no fim.

O escudeiro lhe disse tudo quanto com Enis passara, mas não o descansou nada vê-la em poder alheio, e porém consolou-se saber que contra sua vontade casara, ainda que duvidasse no contentamento que lhe aquele dia viu, creu pela desculpa que agora sabia, e porque a queria dar por si, lançando só consigo estas contas à maneira que teria para poder ser.

Chegou o ermitão espantado do que via. Deu graças a Deus, dizendo:

— Filho, muitas graças lhe dou por vos livrar desta gente, que a muitos fazia mal, há grande

tempo. Subi aqui. Levar-vos-ei à ermida onde vos contarei o que me acaeceu com eles.

Com ajuda do escudeiro e do ermitão subiu Bimnarder. E eles, pegados nele, o levaram à ermida onde foram agasalhados naquela pobre casa o melhor que o ermitão pôde. Ali lhe contou o ermitão como aqueles selvagens eram pessoas racionais, porque ele estivera à fala com eles, e que vieram àquela terra assim viver brutalmente, ele não sabia donde; que já ele falara em sua salvação com eles, e como os repreendera com palavras de Deus de alguns agravos que por esta terra faziam. Mas eles o não quiseram ouvir, por onde o não sabia determinar sua lei nem que gente fosse.

Assim estava Bimnarder desejando sua saúde, como já em outro tempo desejara a morte, por se ver com Aónia e o que ela dizia do erro que fizera. E mandou-lhe que fosse em busca de Enis, e lhe desse conta da maneira que o achara e o leixara, e a maneira que teria para se ver com Aónia.

Enis, que sempre trouxe a fantasia no escudeiro depois que com ele falou, olhava se o veria, que assim lho encomendara Aónia. E muitas vezes ia àquele lugar onde o topara, e de uma o achou, a quem o escudeiro contou tudo como passara, de que Enis ficou tão contente como espantada. E logo foi dar o recado a Aónia, que tanto prazer foi o seu como vir-lhe de parte em que lhe ia a vida, não o pôde encobrir e disse a Enis que dali a quinze dias podia estar já são. E ela lhe disse que viesse Bimnarder ao caminho, que ia para os paços de Lamentor, e que então iria ela lá e dariam assento à sua vida.

Este recado deu Enis ao escudeiro, com que se

tornou a seu senhor, que dele foi tão ledo, que bem se enxergou em sua saúde. E muito mais em Aónia, que consigo (não podendo menos fazer) fez tantos extremos de alegria que seu marido houve sentimento de tal novidade, e dali por diante pôs os olhos em suas cousas.

CAPÍTULO XLVIII

De como Aónia se viu depois de casada com Bimnarder, e de como foram mortos por seu marido Orfileno, que também com eles acabou sua vida a mãos de Bimnarder.

Foi assim que chegado o dia da desaventura de Bimnarder, com seu escudeiro partiu da ermida e veio ali ao meio-dia ter ao pé do freixo, onde já cansado se assentou; e lavando o rosto e as mãos na água, como dantes soía, não lhe esqueceu Aónia, que bem contados trazia os dias. E tomando consigo a Enis e dois moços, por ser perto sua hora, e os passos de Lamentor (que fingiu ir ver, como muitas vezes fazia) que ele de maravilha saía.

E quando Aónia chegou ao lugar onde o seu Bimnarder estava, mandou os moços diante, e ela com Enis se saiu do caminho e se foi para o freixo, onde sabia Bimnarder estar. Quando seu marido, que cheio andava de suspeitas, dissimuladamente saiu por outro caminho, vindo sempre a olho dela, a viu desviar para aquele cabo e, chegando, a viu que estava abraçada com Bimnarder sobre a erva verde, debaixo daquele freixo, que parece que para sepultura de ambos foi criado. Onde estando tão enlevados Bimnarder com Aónia nos braços, em seu amor cada vez mais se acendiam, trazendo pela

memória um ao outro quanta fadiga tinham passado sem causa e sem se poderem de verdadeiro amor culpar, com o mais que com o tempo puderam, esperando de o lograr dali por diante, se sua morte lhe não estivera batendo à porta.

Teve o marido de Aónia lugar de chegar sobre eles e, vendo-os estar assim, lançou mão da espada e deu uma ferida grande a Bimnarder na cabeça, que mui asinha foi em pé, levantando seu cajado para defender mais a vida de Aónia que a sua. Mas em o tomando, o outro, que vinha determinado no que havia de fazer, lançou a espada a Aónia pelos peitos, vendo-a descoberta, em lugar que não disse mais que:

— Ó amor, este foi o teu galardão!

Já Bimnarder descia com uma pancada de maior força com a dor de Aónia do que ela era. E quis a ventura, porque todos acabassem, que lhe acertou na cabeça, e por estar desarmado veio o sangue com os miolos juntamente. Mas ao cair lhe deu ele com a espada um golpe já mortal, como desesperado, por cima de um ombro, que todo o abriu.

E caíram todos três quase a um tempo. E cuido eu que Aónia causou este derradeiro golpe de seu marido, porque ao cair parece que se abraçou com Bimnarder, que assim os acharam ambos.

Esta foi sua fim, e as palavras da sombra, o agouro de seu cavaleiro, e outras cousas que viu neste lugar, que bem lhe diziam o mal que havia de ser.

Tudo isto foi tão súpito que Enis nem o escudeiro não lhe puderam valer quando já chegaram com brados e prantos de morte tão desastrada, que era para fazer ainda mais extremos.

Os moços, que iam adiante, tornaram aos tristes brados de Enis. Carpindo-se, leixando o caminho coberto de lágrimas e cabelos, foram dar esta nova a Lamentor (que para sua tristeza era escusada, senão para lha fazer maior, como lha fez) o qual, como sesudo e sofrido, mandou dar-lhes sepulturas, dando culpa a Bimnarder, porque lhe não descobrira sua vontade. (Digo eu que lho não disse, porque se não havia de escusar). Assim foram enterrados na ermida nova, que Lamentor mandou fazer, que foi estreada com corpos de pouca idade, tristes namorados. E daí a pouco tempo mandou trazer os ossos de Belisa e fez-lhes, juntos, solenes ofícios, e os pôs em honradas sepulturas com letras que declaravam sua desaventura.

CAPÍTULO XLIX

Como sabida pelo ermitão e seu sobrinho a morte de Aónia e de Bimnarder, os acompanharam em suas obséquias.

O ermitão e seu sobrinho souberam dos que foram pelos ossos de Belisa da morte de Bimnarder e de Aónia, de que foram muito tristes, e os ajudaram em suas obséquias. E a este tempo morreu a criança selvagem. Os ofícios feitos, se foram, e o ermitão rogava a Deus por ele, e assim Lamentor que de longe lhe vinham buscar as tristezas; com que o leixaremos, por dizer o que fez o escudeiro de Bimnarder.

CAPÍTULO L

Como o escudeiro levou nova da morte de Narbindel a Cruélcia, sua senhora, ao mosteiro onde estava.

Tanto que viu a fim de seu senhor, que ele sempre receou, partindo-se de casa de Lamentor, tão triste pelo que vira como pelo que esperava, que ainda o coração lhe não assegurava que com tão pouca fortuna se havia de contentar, se tornou àquele caminho de tristes novas acompanhado, e foi-se ao mosteiro onde Cruélcia estava (porque nem ali parece estava ela segura do mal em que havia de acabar ou por quem havia de morrer). Tanto que chegou, espantada de o ver tornar, espedindo-o como aos outros, disse:

— A que foi tua vinda a esta casa?

— Foi, disse o escudeiro, para saberdes como achei a Narbindel.

Esta nova e o nome dele, em o ouvindo, fizeram camanho súpito no amor de Cruélcia que logo cuidou todo o que desejava para seu descanso. E eu digo que para o perder todo o cuidou ela assim. Disse ela:

— Que é dele? Onde fica? Mandou-te, ou vem contigo?

Cá parece cuidava ela, que arrependido ou conhe-

cendo a obrigação em que lhe era, o mandava assim diante. Mas ele choroso e triste do que sabia, disse:

— Que monta, senhora, que o achei para o ver matar ante meus olhos, que mais o não verão; e estas serão as derradeiras novas que dele ouvireis, e já outras não vos dirão.

Quando Cruélcia isto ouviu, tendo outra esperança do que ouvia, perdeu os sentidos, pondo uma mão na boca, dizendo esta só palavra:

— Morto é Narbindel!

Ficou pasmada sem sentir mais nenhuma cousa (porque todas se ajuntaram para aquela hora) e ficou tal que nunca mais falou outra nenhuma palavra, nem os sentidos lhe acordaram a nada que visse nem ouvisse. Foi este mal sem remédio, conquanto lhe fizeram muitos. Não comeu mais, ainda que lho dessem dentro na boca, não bulia com ela, nem levava nada que lhe pusesse sustancia; e como cousa mortal que era, se foram gastando pouco a pouco os membros, que nenhum sentido tinham. A triste velha de sua mãe, sentindo isto muito pelo que lhe queria mais que a nenhuma, fazia por ela grande pranto e por Romabisa, que com isto lhe renovou sua dor. E a cabo de quinze dias, falecendo-lhe todo o sentido e os espíritos, faleceu desta morte, tão magoada dos que a conheceram e a viram morrer, que grande tempo as freiras a choraram e lhe fizeram honradas obséquias e consolavam sua mãe naquela tristeza em que sempre viveu, até que veio Romabisa, da qual vos quero contar. Cá parece que teve melhor ventura que estas, que assim haviam tão tristemente de acabar suas formosuras.

CAPÍTULO LI

De como Romabisa andando em busca de Tasbião, chegando a um castelo, achou dois cavaleiros combatendo-se mui rijamente à porta dele, e do mais que lhe acaeceu.

Correndo Romabisa muitas terras e partidas, às vezes mudando seu trajo e outras nele, perguntava por novas de Tasbião. Mas cansada já a fortuna de a perseguir, ou porque lhe havia de dar melhor fim que a sua irmã, a veio trazer àquelas partes onde Lamentor tinha sua morada. E passando um dia pela fralda de uma serra onde estava um formoso castelo, viu andar em uma grande batalha dois cavaleiros: um trazia umas armas azuis com uns malmequeres amarelos e o escudo de campo azul com uma mão cheia deles, em um cavalo remendado. O outro trazia as armas pardilhas, todas cobertas de abrolhos, e no escudo uma chama grande de fogo, que parecia ter dentro um vulto de pessoa rodeado de muitos abrolhos, em um formoso cavalo fouveiro. E andavam tão travados que espanto punham a Romabisa e aos do castelo que os olhavam. Andando assim, o cavaleiro dos malmequeres deu ao dos abrolhos um grande golpe, e resvalando a espada pelo escudo deu na cabeça do cavalo que lha fendeu e foi cair com o cavaleiro dos abrolhos, que

os abriu tão bem que se salvou de o não levar o cavalo debaixo. O dos malmequeres o quisera atropelar com o cavalo, mas o dos abrolhos, furtando o corpo, em passando o outro lhe decepou o cavalo, que logo caiu com seu senhor, do qual se saiu assim mesmo mui bem. Assim começaram a batalha a pé sem descansar, tanto que já não tinham escudos com que se defender, que enquanto os tiveram tolheram as espadas de não chegarem às carnes. E sem eles se feriram de tal maneira que se não podiam já ter. A esta hora o dos malmequeres começou a enfraquecer de maneira que bem se mostrava não poder aturar ao dos abrolhos. E indo-se retirando para a porta do castelo, e sendo logo aberta, saíram de dentro seus peões com alabardas e cercando o dos abrolhos, eles e o dos malmequeres puseram ao dos abrolhos em tal aperto, que sendo ferido de muitas partes, desesperado de se ver assim maltratar à traição, deu a um dos peões, que mais perto achou, tal ferida pela cabeça que lha fendeu. Os outros se chegaram mais a ele para o aferrar, e ao que o dos abrolhos mais asinha pôde alcançar deu outra ferida por um ombro que com o braço veio ao chão. Os outros o aferraram logo enquanto se ocupou neste golpe, de sorte que se não pôde desembaraçar deles, que lhe não tomassem a espada, com a qual, antes de tomada, deu com a maçã nos focinhos a um que lhos esmiuçou. E contudo lhe tiraram o elmo, e de feito o meteram dentro no castelo. E, fechando as portas, o meteram em uma escura prisão, que se as feridas que levava foram grandes, delas morrera por não ser curado.

CAPÍTULO LII

Como conhecendo Romabisa ser Tasbião o cavaleiro dos abrolhos, que na batalha por traição fora preso, ia buscar quem o livrasse.

Romabisa, que à porta estava e pôs os olhos pelo cavaleiro preso que meteram dentro, logo conheceu que era Tasbião, que ela andava buscando, que como os trazia cheios de sua memória não a enganaram naquele pouco tempo. E ficou como pasmada, e logo que tornou em si começou a fazer mui grão pranto, pedindo com piedosas lágrimas aos do castelo que lhe dessem aquele cavaleiro, pois dele se não podia tomar vingança mais que ser vencido. Isto dizia ela, parecendo-lhe que por al não fazia o senhor do castelo batalha com os cavaleiros, que por uma formosa donzela, que sua amiga devia ser, que estava de uma janela olhando. Mas era pelo contrário de seu pensamento.

— Não nos custou ele tão pouco que o dessem por esse preço, disse um homem, que se assomou sobre uma torre, mas dar-vos-ia de conselho que vos fôsseis embora e não queirais que vos façam como a ele: que se o senhor do castelo sabe que o fazer-vos mal lhe pode a ele dar paixão, como por vosso sentimento parece, na mão tereis não serdes tão cedo livre de mui triste prisão. Isto vos digo

por serdes mulher, que doutra maneira não vo-lo dissera.

— Já me a mim disso daria mui pouco, disse Romabisa, se me vós fizésseis tanto que mo amostrásseis.

— Isso não pode ser, disse o homem, que se vos cá Lamberteu colhe, não são estes os dez anos que vós nem ele saiais.

Quando Romabisa isto ouviu, cuidou em si que pouco aproveitava rogar a quem não queria ser rogado. Determinou buscar algum remédio em o livramento de Tasbião, ainda que custasse a vida, que já, assim que assim, por ele tinha aventurada. E esteve fantasiando onde iria buscar tal cavaleiro, que naquela terra não havia quem de Lamberteu lhe fizesse justiça: pois trazer mais que um, não queria sair, e a um, parecendo-lhe que o venceria, sairia. Então lhe veio à memória como Lamentor era grande amigo de Tasbião e muito bom cavaleiro, que este com mais razão o devia fazer. E assim, por morar perto, logo tomou o caminho para lá, não cessando de chorar o perigo de Tasbião, que ela mais que sua vida sentia.

CAPÍTULO LIII

Em que dá conta quem fosse Lamberteu e a razão por que fazia batalha com os cavaleiros que por ali passavam.

Agora quero que saibais que este cavaleiro Lamberteu, que por suas manhas se chamava Bravo, andava de amores com uma formosa donzela, filha de uma dona viúva, que um castelo tinha a par dele. E mandando cometer sua mãe de casamento, a mãe, com medo, já consentira. Mas Loribaina, que assim se chamava a donzela, por sua braveza, e especialmente porque queria bem a outro mais bem acostumado e gentil homem, que aí perto tinha outro castelo, que Jenao havia nome, o não quis consentir.

Sabendo este recado Lamberteu, depois de por muitas vezes experimentar sua dita e não a poder acabar, determinou de a haver em seu poder por qualquer via que pudesse, ainda que fizesse força (que o amor não quer desvios). E como andava sobre isso tão aceso que hora não tinha de descanso, foi assim que um dia andando Loribaina, com algumas mulheres, folgando por um muito formoso pomar, tendo Lamberteu, com muita diligência, lançado as suas espias e sendo delas avisado, se veio com muito bom aparelho e entrando dentro no pomar, onde não havia quem a defendesse, a levou para seu castelo, não aproveitando lágrimas

de mãe, nem de mulheres, nem de Loribaina que, depois que em seu poder se viu, com grandes desmaios se amortecia, doestando-o de palavras, nomeando a seu amigo Jenao.

Lamberteu trabalhava pela consolar, pondo-lhe diante o amor que lhe tinha, e como a não merecia menos que Jenao, que pouco aproveitava; de guisa que Lamberteu a quisera forçar muitas vezes; o que ela não quis consentir, antes dizia que como forçada morreria: que não era glória de cavaleiro, tendo uma donzela em seu poder, havê-la por força. A Lamberteu pareceu bem o que Loribaina dizia. E cessando destes acometimentos, fez conta que, ou tarde ou cedo, ela viria ao que ele queria, quando já para seu livramento não visse remédio. E determinou, pela suspeita de Jenao, senão dali por diante guardar seu castelo muito bem, que bem lhe deu n'alma que como Jenao soubesse a iria buscar e não recearia batalha, e fez aquele costume de se combater com qualquer cavaleiro que ali viesse e, se o vencesse, prendê-lo para ver se podia por acerto haver a Jenao e matá-lo. E então trabalharia por todas as vias contentar Loribaina, até que lhe ganhasse a vontade. E conquanto ele lhe fazia, não levava seu caminho propósito que de cada vez lhe queria pior.

E porque entendeu que buscava a morte a Jenao, se punha sempre à janela para que, conhecendo-o, o avisasse do engano de que Lamberteu se aproveitava com os peões, que sempre creu que, sabendo Jenao sua desaventura, a viria buscar. Por esta via guardava Lamberteu aquele costume, trazendo aquelas armas azuis, que mostravam os ciumes que ele tinha de Jenao, com os malmequeres, que significavam o que ela queria.

CAPÍTULO LIV

De como Romabisa foi pedir socorro a Lamentor no livramento de Tasbião.

Romabisa, tão agastada que mais não podia ser, chegou aos passos de Lamentor, onde, entrada, lhe contou com muitas lágrimas, que por suas formosas faces corriam, o que de Tasbião passara, pedindo-lhe como quem era que o socorresse, ou que dela, como donzela, se doesse, pois ordem de cavalaria o obrigava.

Quando Lamentor ouviu tudo o que Romabisa dizia, certo que não mingou aquela nova para de todo o fazer magoado, mas contudo não leixou de lhe dizer:

— Senhora Romabisa, bem sei que como tendes vosso cuidado posto em Tasbião, meu verdadeiro amigo, a quem de sua desaventura tanto pesasse como a mim não poderíeis buscar; e por isso não é muito virdes cá. Mas crede que já eu sei que buscastes mau remédio em mim: não porque me leixe de pôr a todo o perigo por ele, senão porque sou tão mofino que tudo o que mais desejo o vejo às avessas do que quero. E, para saberdes porque o digo, quero que saibais o que não sabeis, segundo o tempo mostra.

CAPÍTULO LV

Do que Lamentor passou com Romabisa no que convinha a seu socorro.

— Eu me vim morar a este lugar onde buscava descanso. Achei-o tão fora de me querer como aquele que logo de mim se apartou com me levar consigo Belisa. Pois passando eu nesta saudade minha vida, veio aqui ter Narbindel a perguntar por Tasbião.

— De tudo isso, disse Romabisa, sou eu sabedora.

— Não no sereis logo, disse Lamentor, que se namorou de Aónia, irmã de Belisa, e não na quis pedir por mulher, que lha não negara, mas, mudando-se em trajos de pastor, andou aqui por tempo de amores com ela até que eu a casei com um cavaleiro que aqui perto morava, em o qual inda o amor os atou de tal maneira que os achou a ambos ao pé de um freixo e os matou, e eles a ele. E assim com este triste desastre não contente ainda a fortuna, foi disso sabedora vossa irmã Cruélcia, que em Narbindel tinha posta sua esperança, que com tão triste saiu fora de seu juízo, que de todo se trasportou, até que de desfalecimento dos membros morreu. Por aqui vereis quanta razão tenho de ser triste.

Romabisa que, como pasmada estava de tão desastrado caso (ainda que diante se lhe pôs o amor

de sua irmã, chorando sua morte com a de Narbindel, que como irmão amava) nem por isso leixou de dizer:

— Senhor Lamentor, já vejo que estas cousas são tais que a outrem era dado poder-vos consolar e contudo eu queria, se vós quisésseis, que fôssemos pôr cobro na vida de Tasbião, que não sinto quem o não possa fazer senão vós.

— Não vos disse eu, disse Lamentor, isto, para que por isso leixasse de fazer todo meu poder nesse caso, senão para que, não saindo como vós desejáveis, me não pusésseis culpa por vos não avisar de minha ventura.

— Seja como quer, disse Romabisa, que inda me dá n'alma que doutro cabo não pode vir remédio a Tasbião senão de vós.

— Seja como mandardes, disse Lamentor, e vamos.

CAPÍTULO LVI

Como Romabisa, indo pedir socorro a Lamentor para o livramento de Tasbião, fez batalha por ela com o cavaleiro dos malmequeres.

Então tomando suas armas, que negras eram, e cavalo murzelo, se pôs ao caminho para o castelo de Lamberteu. Tanto andaram ele e Romabisa que chegaram lá ao outro dia, e se albergaram em uma floresta, que se não quiseram mostrar. Ao outro dia foi Lamentor ao castelo e, batendo à porta, saiu Lamberteu armado de suas armas em cima de um bom cavalo.

Lamentor que o viu, logo o conheceu pelo sinal das armas que lhe Romabisa dera, e disse:

— Senhor cavaleiro, aqui há aí duas cousas e se as fizerdes, além de fazerdes o que a cavaleiro deveis, a mim fareis muita mercê, e não vo-lo requerera, se não me parecera que eram para pedir e fazer.

— Tais podem ser elas, disse Lamberteu, que as faça e por isso dizei o que quereis.

— A primeira, disse Lamentor, é que mandeis dar a esta donzela um cavaleiro, que ela dirá, com tudo o que lhe tomaram. E a segunda que uma donzela, que em vosso poder tendes, torneis a sua mãe e não seja forçada, pois aos cavaleiros é dado as amparar e não desonrar.

Isto soube Lamentor de um hóspede onde ele pousou a primeira noite e logo pôs em sua vontade demandar-lhe também aquilo, porque se Lamberteu o não consentisse (como ele cria que faria) teria mais razão e justiça para poder fazer a batalha, e Deus o ajudaria.

— Qualquer dessas, disse Lamberteu, é camanha que mais me deterei em vos responder o porque o não farei que em me tirar disso, que cuido que começado cedo havereis mister quem por vós rogue; então com vos largar, me largareis da resposta.

Lamentor, como de sua condição não era passar com palavras, nem ele andava para isso, e viu que havia mais necessidade de obras, disse:

— Pois assim quereis, seja Deus juiz.

Arredou-se quanto foi necessário, encontrando-se com as lanças tão fortemente que Lamentor houve uma mortal ferida nos peitos e foi para cair; mas o encontro que deu a Lamberteu foi tal que por as ancas do cavalo foi ao chão, porém logo foi em pé. Lamentor, inda que muito mal se achou da ferida, por não ter avantagem ao outro, se desceu; e começaram antre si uma brava batalha, desfazendo todos os escudos e armas. Lamentor, como era melhor cavaleiro que Lamberteu, lhe deu tanta pressa que o fez recolher, recuando, para as portas do castelo.

A esta hora saíram de dentro seis peões armados de alabardas, chuços e cernilheiras e cercaram-no. Lamentor que tal viu seu partido, que já tinha a morte por certa, determinou de a vender, e levantou a espada com ambas as mãos, pondo primeiro o escudo detrás das costas, e deu a Lamberteu tal golpe pela cabeça que lha fendeu, ficando tão esva-

necido com a força que pôs e a ferida que trazia que esteve para cair. Porém tornou em si com os botes que os peões lhe davam com os chuços, o que pouco aproveitara, se não fora socorrido por um cavaleiro que saiu da floresta a correr, dizendo:

— A eles, senhor cavaleiro! Não escape nenhum à vida, que tredores são.

E apertando as pernas ao cavalo, abaixou a lança e encontrou a um dos peões pelos peitos com ela, de maneira que a pregou no chão da outra parte, com que foi quebrada. Os peões todos puseram o tento nele, e lhe encontraram o cavalo com as alabardas, que como um touro o atravessaram, e foi dar de peitos em um dos peões, que ambos caíram mortos. E o cavaleiro caiu do outro cabo no chão a par de Lamentor, e da queda lhe saltou o elmo da cabeça, e vendo-o um dos quatro desarmado, foi para lhe dar nela a tempo que Loribaina, que na janela estava, conheceu, que al não atentava, ser Jenao, seu amigo, e deu um brado dizendo:

— Guardai-vos!

Lamentor pôs os olhos para aquele cabo e, vendo vir o vilão com o golpe, levantou a espada e cortou ao vilão ambas as mãos. A este golpe carregaram os três peões sobre Lamentor, que em grande aperto o puseram, que ele estava para cair, e não podia dar passada. A este tempo teve lugar Jenao de pôr o elmo e deu a um dos peões tal golpe por uma perna que lha cortou, e indo para cair lhe deu uma estocada que o passou da outra banda. Os dois, quando tal cousa viram, se meteram fugindo pela porta dentro, e Jenao após eles, porque não a fechassem. Os peões, vendo que se não podiam valer, lhe pediram mercê das vidas.

— Essas vos darei eu, disse Jenao, se me vós entregardes a Loribaina, que cá está.

— Isso não há quem vo-lo defenda, disseram eles, pois é já morto Lamberteu.

E então Jenao, tomando-lhes as armas, tornou por Lamentor, que assentado estava por se não poder ter da ferida dos peitos, e Romabisa com ele, e o levou dentro ao castelo onde foram recolhidos por Loribaina com muitas lágrimas amorosas que mostrava a seu amigo Jenao, que como soube que sua amiga Loribaina era tomada, lá onde andava (que desviadas terras eram) logo veio, e Deus o trouxe ao tempo que ouvistes que dele tinha tanta necessidade Lamentor, e não para sua vida, que já era chegada a hora, senão para se desfazerem aqueles desaguisados.

CAPÍTULO LVII

Como Lamentor faleceu das feridas que houve na batalha que fez com o cavaleiro dos malmequeres.

Foi deitado Lamentor em uma cama e curado de mão de Loribaina, que bem sabia daquela arte, com tão boa vontade, como aquele que de tal fortuna a tirara. Pedindo ele por mercê a Jenao, que pois estava para isso, fizesse buscar a Tasbião, que já Romabisa andava buscando com um daqueles homens e o tinha achado, do que ele ficou espantado, que outra informação lhe deram de sua vida os que lhe davam de comer.

Quem poderia dizer o prazer que ambos houveram em se ver? A este tempo se não podiam falar um ao outro com memórias passadas. Chegou Jenao e disse a Tasbião:

— Senhor cavaleiro, andai por aqui que quem a tal lugar vos mandou, não vos queria tanto como o que morre por vós.

Isso disse ele, porque bem sabia que Lamentor não podia escapar da ferida. E, sem o entender, respondeu Tasbião:

— Vamos, senhor, onde mandais, que não posso fazer outro. Nisso não tenho eu mando, que como vos digo, a mim podem mandar por a grande mercê que me fez.

Assim chegaram à câmara onde Lamentor estava com Loribaina. Quando Tasbião viu Lamentor tão mal ferido e tão fraco que os olhos não podia abrir, ainda que suas feridas muito lhe doessem, que não eram pequenas, tanta paixão lhe deu o que via que esteve para cair. E, tornando súpito, disse:

— Bem sabia eu, senhor Lamentor, que me não podia a mim vir bem senão por vós.

Lamentor se quis levantar e, não podendo, se esforçou algum tanto, e disse:

— Veio-vos, senhor Tasbião, por vossa verdadeira amiga, a senhora Romabisa que aí está, que tanta fortuna por vos achar e livrar tem levado.

E, querendo-lhe dizer mais, lhe acudiu um desmaio, que tolheu a fala, ao que logo acudiram todos. Mas Jenao e Loribaina, sabendo ele ser Lamentor que tão estimado era por todas aquelas comarcas, houveram muito nojo de o assim ver. Passado que foi, fez uma maneira de adormecer. Loribaina disse que o leixassem dormir, que muito bem lhe era.

CAPÍTULO LVIII

Como depois da morte de Lamentor, se casara Tasbião com Romabisa, e Jenao com Loribaina.

Tiveram tempo Romabisa e Tasbião de se contar seus trabalhos, e Romabisa lhe contou a fortuna de Narbindel e de sua irmã Cruélcia, com muitas lágrimas, como o contara Lamentor, do que pesou tanto a Tasbião que por um pouco esteve sem falar, cuidando em tal fortuna. Mas vendo que era mal sem remédio, como sesudo o dissimulou o melhor que pôde, agradecendo a Romabisa quanto por ele fizera, assentando em sua vontade de a tomar por mulher, pois não podia achar outra que tanto, nem parte, lhe quisesse.

Loribaina com seu amigo Jenao passaram palavras amorosas e não de prazer, porque o tempo era para isso. Passado algum, Lamentor tornou a recordar, e chamando para junto de si aqueles dois cavaleiros e suas amigas lhes disse:

— Eu folgara, senhor Tasbião, que de mim soubéreis algumas cousas que ledo ou triste vos poderão fazer; pois não posso, só vos ponho diante das cousas deste mundo, de que vós tanta parte tendes sabido, e vos peço, como verdadeiro amigo, que à senhora Romabisa deis o galardão que sua tanta vir-

tude merece, e seja com vos casardes ambos, e porque sei que o fareis por quem ela é e vos merece. Quero que olheis pelos de minha casa, pagando-lhes seus serviços, recolhendo para a vossa minha filha com sua ama que, se lhe Deus der vida, bem herdada fica para a casardes, e senão, seja vosso, que bem mereceis tudo o que vos fizeram. E a vós, senhor Jenao, para com vossa amiga Loribaina não há que rogar, sòmente vos peço que seja da maneira que sua mãe seja.

E, querendo dizer mais, não pôde pronunciar palavra, que se lhe fechou a boca com um credo, e levantando as mãos faleceu, não havendo para mais tempo que para lhe meterem uma vela acesa na mão, sendo dantes confessado e comungado.

E Tasbião e Romabisa, que morto viram Lamentor, fizeram por ele tal sentimento com Jenao e Loribaina, que espanto era de ver. Acabados de sua paixão, querendo Tasbião pôr em obra o que lhe Lamentor encomendara, sendo já ali a mãe de Loribaina, a qual com o casamento dela com Jenao foi mui contente, ficando ambos mui herdados com aqueles três castelos, se foi com o corpo de Lamentor metido em uma mui honrada tumba para seus paços, onde com muita solenidade o enterraram a par de sua amiga Belisa, e por o ele assim mandar. E, tomando consigo a ama e a Arima, que pouco havia que chegaram do mosteiro onde seu pai a metera, fazendo tudo o que lhe encomendara, se partiu para o castelo de sua mãe de Romabisa que, com os ver, foi tão leda que mais não podia ser, tomando já por paga aquela de quantos nojos tinha passados; onde sendo casados Tasbião com Romabisa, fazendo da fazenda de Lamentor como da sua,

viveu tão contente, por se escapar de tantos desastres que correra e veio acertar em seus amigos, de que se houve por bem pago de tudo o que desejara.

FIM DO VOLUME I

ÍNDICE

Páginas

Capítulo I 1
Capítulo II — Em que a donzela vai prosseguindo sua história 7
Capítulo III — Da conta que a dona dá à donzela de sua vinda àquela terra 17
Capítulo IV — Das palavras que a dona com a donzela passou 23
Capítulo V — Do que Lamentor passou naquela parte onde foi aportar com a sua nau, e da batalha que teve com o cavaleiro da ponte e do mais que lhe sucedeu 27
Capítulo VI — Em que se diz a razão porque o cavaleiro da ponte sustinha aquele passo, e de como sua irmã ali veio ter 33
Capítulo VII — Como depois de partida a irmã do cavaleiro da ponte, por aprazer aquele lugar a Lamentor, ordenara fazer ali seu assento 39
Capítulo VIII — De como a Belisa vieram em crescimento as dores do parto e, parindo uma criança, faleceu 43
Capítulo IX — Do pranto que Aónia fez pela morte de sua irmã Belisa 47
Capítulo X — De como Narbindel, vindo-se combater com o cavaleiro da ponte, vendo o pranto que se fazia na tenda de Lamentor, entrou dentro ao consolar 51
Capítulo XI — De como se deu sepultura ao corpo de Belisa, e do pranto que com ele fez Lamentor 53
Capítulo XII — Do que sucedeu ao cavaleiro que saiu da tenda, vencido do parecer e fermosura da senhora Aónia 57
Capítulo XIII — Em que se diz quem fosse Cruélcia, e do que o cavaleiro passou com seu escudeiro ... 59

INDICE

Páginas

Capítulo XIV — De como partido o escudeiro do cavaleiro da tenda, entrou em pensamentos de como se apartaria dele, e mudaria o nome 63
Capítulo XV — De como Bimnarder soube de um servidor de Lamentor como ordenava fazer ali uns paços, e do que mais lhe aconteceu com a sombra que lhe apareceu 65
Capítulo XVI — De como estando Bimnarder muito curioso no que faria, viu de supito vir o seu cavalo fugindo de uns lobos que o queriam matar 67
Capítulo XVII — De como Bimnarder assentou vivenda com o maioral do gado, e do que a donzela passou com a dona em sua história 73
Capítulo XVIII — Em como a ama dá razão à donzela da cantiga de Bimnarder 79
Capítulo XIX — De como conta a ama à senhora Aónia o que vira fazer ao pastor, acabada a cantiga 83
Capítulo XX — Da peleja que o touro do pastor teve com outro alheio, e de como o matou; a qual Aónia estava vendo do eirado 87
Capítulo XXI — De que maneira Bimnarder se viu com Aónia 93
Capítulo XXII — De como Bimnarder, estando na fresta da câmara de Aónia, se pôs devagar a ouvir a ama 99
Capítulo XXIII — Do singular conselho que deu a ama à senhora Aónia pelo que suspeitou de seus amores 101
Capítulo XXIV — Em que conta o mais que a ama passou com a senhora Aónia acerca de Bimnarder 105
Capítulo XXV — De como Bimnarder pela fresta do aposento de Aónia lhe falou 109
Capítulo XXVI — De como Bimnarder estando na fresta de Aónia adormeceu, e se lhe foram per sonho os pés, e caiu 111
Capítulo XXVII — De como a ama sentindo de noite o estrondo da queda, o que sobre isto fez como foi manhã 113
Capítulo XXVIII — De como estando da queda Bimnarder muito doente, Aónia buscou maneira por onde o fosse visitar 117

ÍNDICE

Páginas

Capítulo XXIX — De como Lamentor casou Aónia com o filho de um cavaleiro seu comarcão, e do que Enis aconselhou a Aónia que fizesse 121
Capítulo XXX — De como Fileno, o marido de Aónia, desejoso de a ter em seu poder, a levou de casa de Lamentor muito acompanhada 123
Capítulo XXXI — Em que se diz da grande dor que sentiu Aónia em seu casamento 127

DA HISTÓRIA DAS SAUDADES DE BERNARDIM RIBEIRO, A QUAL É DECLARAÇÃO DA PRIMEIRA PARTE DESTE LIVRO

Capítulo I — Como sabido por El-Rei da fermosura da senhora Arima, a pedira a Lamentor, para na corte servir a rainha 131
Capítulo II — Da grande mágoa que sentiu Lamentor, por se haver de apartar de sua filha Arima ... 135
Capítulo III — Em que prossegue Lamentor sua fala com Arima 139
Capítulo IV — Como fazendo Arima seu caminho para a corte, nele tiveram princípio os amores de Avalor com ela 141
Capítulo V — Em que dá conta quem fosse a senhora deserdada a quem Avalor seguia de amores, e do que mais lhe sucedeu 143
Capítulo VI — Em que Avalor prossegue no conto do que dormindo sonhara que vira 147
Capítulo VII — Como estando Avalor muito cuidadoso em seu cuidado, viera com ele ter um cavaleiro seu amigo; e do que ambos passaram 149
Capítulo VIII — Da prática de Avalor teve com a senhora Arima, quando tornou à corte 153
Capítulo IX — Do gentil passo que teve uma dama, amiga grande de Avalor, acerca de uma queda que deu na sala da princesa 159
Capítulo X — Do mais que Avalor passou na prática com aquela senhora amiga sua 167

INDICE

Páginas

Capítulo XI — De como o pai de Arima a mandou levar da corte e, ida ela, Avalor desapareceu 169
Capítulo XII — Da grande aventura que sucedeu a Avalor em sua partida embarcando-se naquele barco, tão incerto donde poderia ir parar 173
Capítulo XIII — Do que passou Avalor com a sombra que lhe falou, e da resposta que lhe deu 177
Capítulo XIV — Como aportando Avalor naquela terra onde por grande ventura foi ter, indo cuidando na aspereza dela, achou uma donzela atada ao pé de uma árvore e a livrou 179
Capítulo XV — Em que a donzela prossegue sua prática, dando a Avalor razão da causa de sua prisão 183
Capítulo XVI — De como Avalor não quisera que a donzela lhe pedira aquele dom e pelo não desviar de seu caminho, e do mais que Avalor dela quis saber para ver a razão que tinha para por ela haver batalha 187
Capítulo XVII — De como Avalor se partiu com a donzela para o castelo onde havia de ser a batalha 191
Capítulo XVIII — Das palavras que Avalor teve com a donzela que o ali trouxera 195
Capítulo XIX — Da prática que Avalor teve com o cavaleiro do castelo 197
Capítulo XX — De como Avalor e a donzela fizeram seu caminho para o castelo, e a batalha que ele e Donanfer tiveram 201
Capítulo XXI — De como Avalor pediu à senhora Zicélia que não quisesse tomar vingança de Olânia, mas que livremente a leixasse ir 207
Capítulo XXII — Como despedido Avalor de casa do cavaleiro vencido, sendo apartado do seu castelo, ao pé de uma fonte aonde descansando estava, lhe falou de dentro da água Arima, e do muito que suas palavras o entristeceram 211
Capítulo XXIII — De como partido Avalor do lugar da fonte, indo cuidando em suas tristezas, entre uns arvoredos achou uma donzela carpindo-se, e a socorreu em sua necessidade 215
Capítulo XXIV — Do mais que Avalor com a donzela passou em seu caminho 219

ÍNDICE

Páginas

Capítulo XXV — Do que a Dona, no prosseguimento de sua história, passou com a donzela naquele apartamento em que estavam 223
Capítulo XXVI — Em como estando Narbindel e seu amigo Tasbião no castelo da Dona, lhes veio pedir socorro o pae de Belisa contra o cavaleiro que a furtara: e do mais que passou na viagem, até chegar onde Lamentor estava 225
Capítulo XXVII — Do que passou Belisa em poder de Fabudarão, e do que lhe aconteceu fugindo do seu castelo 233
Capítulo XXVIII — Do que aconteceu na viagem a Lamentor indo no livramento de Belisa; e do que mais lhe sucedeu 237
Capítulo XXIX — De como indo Lamentor na demanda da senhora Belisa, encontrou dois cavaleiros com uma donzela que forçadamente levavam consigo; e da crua batalha que com eles houve ... 241
Capítulo XXX — Da determinação que Fabudarão tomou, depois que Belisa desapareceu do seu castelo 245
Capítulo XXXI — Da batalha que Fabudarão teve com o cavaleiro das águias sobre Fartásia, sua irmã 249
Capítulo XXXII — Que torna a dar conta do que passou Bimnarder depois que viu ir Aónia em poder de seu marido Orfileno 255
Capítulo XXXIII — De como Bimnarder, ocupado do sono, sonha que um leão matava Aónia, e se via com êle em batalha 257
Capítulo XXXIV — De como estando Bimnarder cuidando em seu remédio, veio aí ter um ermitão 259
Capítulo XXXV — Do que Bimnarder mais passou com o ermitão, e da conta que lhe de si dá 263
Capítulo XXXVI — De como Bimnarder escolheu para seu remédio a companhia do ermitão 267
Capítulo XXXVII — De como Bimnarder se saiu da capela de Belisa, e se foi deitar debaixo de uns arvoredos que perto estavam 271
Capítulo XXXVIII — De como andando Godivo à caça, veio ter com Bimnarder à sombra daqueles

ÍNDICE

Páginas

arvoredos da ermida, onde era a sepultura de Belisa 273
Capítulo XXXIX — Do que passou Bimnarder na contemplação daqueles rouxinóis 275
Capítulo XL — De como por um certo caso se quisera Bimnarder matar, se não fosse socorrido pelo ermitão 277
Capítulo XLI — De como a donzela pede muito à dona que queira prosseguir em sua história, e do mais que Cruélcia passou com Romabisa, sua irmã, sobre seus amores 279
Capítulo XLII — Como se partiu o escudeiro por mandado de sua senhora em busca de Narbindel, e da partida de Romabisa na demanda de Tasbião 281
Capítulo XLIII — Do que Cruélcia fez pela partida da sua irmã, e de como tornou a mandar o escudeiro em busca de Narbindel 283
Capítulo XLIV — Como andando o escudeiro buscando seu senhor, encontrou com Enis, criada de Aónia, e do que ambos passaram 285
Capítulo XLV — De como Enis depois de se apartar do escudeiro deu conta a Aónia do que passaram 289
Capítulo XLVI — Dos grandes sobressaltos que teve Cruélcia e sua mãe das cousas que de Narbindel foram ouvindo 291
Capítulo XLVII — Como o escudeiro achou Bimnarder, e da batalha que ele e Godivo tiveram com os selvagens 293
Capítulo XLVIII — De como Aónia se viu depois de casada com Bimnarder, e de como foram mortos por seu marido Orfileno, que também com eles acabou sua vida a mãos de Bimnarder 301
Capítulo XLIX — Como sabida pelo ermitão e seu sobrinho a morte de Aónia e de Bimnarder, os acompanharam em suas obséquias 305
Capítulo L — Como o escudeiro levou nova da morte de Narbindel a Cruélcia, sua senhora, ao mosteiro onde estava 307
Capítulo LI — De como Romabisa andando em busca de Tasbião, chegando a um castelo, achou dois cavaleiros combatendo-se mui rijamente à porta dele, e do mais que lhe acaeceu 309

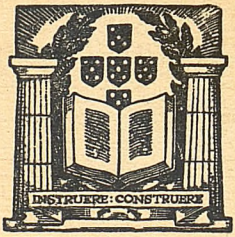
INDICE

Páginas

Capítulo LII — Como conhecendo Romabisa ser Tasbião o cavaleiro dos abrolhos, que na batalha por traição fora preso, ia buscar quem o livrasse 311
Capítulo LIII — Em que dá conta quem fosse Lamberteu e a razão por que fazia batalha com os cavaleiros que por ali passavam 313
Capítulo LIV — De como Romabisa foi pedir socorro a Lamentor no livramento de Tasbião 315
Capítulo LV — Do que Lamentor passou com Romabisa no que convinha a seu socorro 317
Capítulo LVI — Como Romabisa, indo pedir socorro a Lamentor para o livramento de Tasbião, fez batalha por ela com o cavaleiro dos malmequeres ... 319
Capítulo LVII — Como Lamentor faleceu das feridas que houve na batalha que fez com o cavaleiro dos malmequeres 323
Capítulo LVIII — Como depois da morte de Lamentor, se casara Tasbião com Romabisa, e Jenao com Loribaina 325

BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA



LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORA LISBOA